



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS X**



**PPGL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**JAQUELINE FERNANDES BOREL**

**ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM HELVÉCIA - BA:  
CAMPO SEMÂNTICO – ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

Teixeira de Freitas - Bahia  
Maio/2024

JAQUELINE FERNANDES BOREL

**ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM HELVÉCIA - BA:  
CAMPO SEMÂNTICO – ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação - Campus X.

Linha de pesquisa: Estudos Linguísticos.

Orientador: Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Teixeira de Freitas - Bahia  
Maio/2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Elaborada pelo(a) Bibliotecário(a) Lucas Aguiar Bezerra-CRB-5/731

B731e

Borel, Jaqueline Fernandes

ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM  
HELVÉCIA-BA: CAMPO SEMÂNTICO - ALIMENTAÇÃO E COZINHA /  
Jaqueline Fernandes Borel. - Teixeira de Freitas, 2024.

173 fls : il.

Orientador(a): Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da  
Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em  
Letras - PPGL, Campus X. 2024.

1.Helvécia. 2.Variação semântico-lexical. 3.Dialetologia  
Pluridimensional e relacional.

CDD: 417


**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**"ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM HELVÉCIA-BA: CAMPO SEMÂNTICO-ALIMENTAÇÃO E COZINHA"**

**JAQUELINE FERNANDES BOREL**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 6 de março de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA**  
Data: 06/03/2024 17:10:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA  
Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa  
Universidade de São Paulo

Documento assinado digitalmente  
 **VIVIAN MEIRA DE OLIVEIRA COTINGUIBA**  
Data: 06/03/2024 17:23:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) VIVIAN MEIRA DE OLIVEIRA  
UNEB  
Doutorado em Doutorado em Linguística  
Universidade Estadual de Campinas

Documento assinado digitalmente  
 **TICIANE RODRIGUES NUNES**  
Data: 06/03/2024 17:21:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) TICIANE RODRIGUES NUNES  
UECE  
Doutorado em Linguística Aplicada.  
Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil

Às mulheres e homens, senhores e senhoras, os mais velhos e as mais velhas, adultos e jovens, sujeitos da pesquisa em Helvécia - BA.

Aos meus pais, que não mediram esforços para me oportunizar o acesso à educação.

Ao meu esposo, aos meus filhos, irmãos e irmãs, muito obrigada!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu amor maior, que me segurou nas mãos e não me deixou um só instante, sem Ele eu não teria conseguido essa finalização. A Ele, toda honra e toda glória!

A realização deste estudo dissertativo exigiu a participação de diversas pessoas, desde à orientação, à colaboração dos professores em sala de aula, o auxílio na pesquisa metodológica nas aulas de Metodologia da Pesquisa, até o apoio dos colegas de curso, dos amigos e dos meus familiares. Assim, agradeço imensamente a todos que colaboraram para que este sonho se concretizasse. Agradecerei a alguns, em especial, mas saibam que todos que cooperaram para que esse sonho do Mestrado se concretizasse, estão aqui, neste espaço, sendo agraciados por mim.

À minha família, especialmente ao meu esposo, Jackson Lima da Silva, meu maior incentivador, e aos meus filhos, Jharles Fernandes Borel da Silva e Jhater Fernandes Borel da Silva, que compreenderam minhas ausências e foram bastante pacientes comigo durante esses quatro semestres.

Aos meus pais, *in memoriam*, Orlando Gustavo Borel e Maria Domingas Fernandes Borel, minha inspiração, minha saudade.

Aos meus irmãos e irmãs, Neide Fernandes Borel, Lucineide Fernandes Borel Sousa, Juliana Fernandes Borel, Nival Fernandes Borel, Eujacio Fernandes Borel, Josemar Fernandes Borel e Josenildo Fernandes Borel, muito obrigada pelo incentivo de sempre.

Agradeço a cada sujeito da pesquisa, homens e mulheres, especialmente, os mais velhos e as mais velhas, moradores da comunidade de Helvécia, que gentilmente me receberam e fizeram parte deste estudo. Muito obrigada a todos e todas pelo carinho e predisposição a responder às entrevistas. Sem a colaboração dos informantes da pesquisa, este estudo não ocorreria.

Em especial, gostaria de agradecer com muito carinho, ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, pelo comprometimento e dedicação na realização deste

trabalho. Agradeço-o, pelas excelentes contribuições à pesquisa, pois foram fundamentais para o êxito deste estudo.

Agradeço, ainda, com muito louvor, aos professores e professoras do PPGL, especialmente àqueles que fizeram parte da Banca Examinadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Vivian Meira de Oliveira e Prof<sup>a</sup> Dra. Ticiane Rodrigues Nunes, pela enormidade de informações que auxiliaram na construção do meu trabalho e pelas sugestões que contribuíram para direcionar a pesquisa e organizar o trabalho dissertativo. Muito obrigada.

*“A história do negro  
é um traço  
num abraço  
de ferro e fogo”*

Adão Ventura

## RESUMO

A pesquisa sob o título “Estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA: Campo Semântico – Alimentação e Cozinha”, surge da compreensão dos fatores linguísticos e extralinguísticos, como os sociais, e do anseio em compreender: É possível identificar a variação semântico-lexical mais acentuada pelos falantes de Helvécia em uma perspectiva sociodialetoal? O objetivo geral busca analisar a variação semântico-lexical na comunidade de Helvécia em uma perspectiva sociodialetoal, com base no Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil com adaptações possíveis, cujo Campo Semântico é a Alimentação e Cozinha. Traz como objetivos específicos: (i) mapear os trabalhos realizados por autores de distintas universidades cujos registros temáticos abordem sobre Helvécia; (ii) traçar um percurso histórico-cultural desde o surgimento da Colônia Leopoldina até o nascer de Helvécia; (iii) analisar teoricamente os postulados da Sociolinguística variacionista e da Dialetologia pluridimensional e relacional e sua vinculação com o método da Geolinguística pluridimensional; e por fim, (iv) apresentar os resultados da análise semântico-lexical do falar de 07 informantes do Grupo 01 e 24 informantes do Grupo 02 na comunidade de Helvécia. Quanto à técnica, utilizou-se a entrevista semiestruturada qualitativa com embasamento no QSL do ALiB com adequações, devido à necessidade de inclusão das lexias proferidas pelos falantes nas entrevistas. Para a elaboração da pesquisa empregou-se recursos orais com a entrevista gravada em áudio e fez-se uso de seis obras lexicográficas que compreendem quatro séculos para análise das lexias. Com base no arcabouço teórico-metodológico da sociolinguística laboviana, realizou-se a pesquisa na comunidade para coletar conversas informais no 1º grupo de 07 idosos; e no 2º grupo utilizou-se da Dialetologia pluridimensional e relacional para a aplicação de uma entrevista semiestruturada qualitativa consultando 24 sujeitos da faixa etária de 19 a 89 anos, sexos distintos e procedência com afrodescendentes nascidos em Helvécia. O estudo fez uso de dimensões sociodialetoais propostas por Thun (1998): diatópica, diassexual, diageracional, diafásica e diarreferencial. A análise dos dados baseou-se em estudos dialetológicos e lexicográficos. Os resultados da pesquisa não apenas possibilitam uma análise do nível de reconhecimento de ocorrência ou não de uso dos 62 termos lexicais sob análise, como também fornecem um panorama da tradição ancestral e atual das lexias utilizadas pelos informantes em Helvécia com relação à manutenção ou não dessas lexias. Os resultados da análise sociolinguística variacionista e dialetológica realizada apresenta evidências de um cenário de mudança em uma comunidade de fala com fenômenos linguísticos, nos quais os valores estão abaixo do limite da consciência de seus falantes, mesmo que representem a realidade linguística local. Embora os dados apresentados na entrevista não revelem claramente a variação sociodialetoal por parte dos falantes, eles são suficientes para indicar que a comunidade está se transformando gradualmente, especialmente em relação à adoção de marcas linguísticas semelhantes aos padrões. A hipótese foi confirmada, corroborando os resultados da pesquisa, pois há uma heterogeneidade linguística em Helvécia demonstrando que a população já não reconhece e usa com frequência, o léxico relacionado ao falar helveciano adquirido pelos ancestrais quilombolas. Verifica-se, desse modo, que Helvécia não possui um léxico próprio.

**Palavras-chave:** Helvécia. Variação semântico-lexical. Dialetologia Pluridimensional e relacional. Sociolinguística laboviana.

## ABSTRACT

The research under the title “Study of semantic-lexical variation in Helvécia - BA: Semantic Field – Food and Kitchen”, arises from the understanding of linguistic and extralinguistic factors, such as social ones, and the desire to understand: Is it possible to identify the most pronounced semantic-lexical variation among Helvetian speakers from a sociodialectal perspective? The general objective seeks to analyze the semantic-lexical variation in the Helvécia community from a socio-dialectal perspective, based on the Semantic-Lexical Questionnaire of the Atlas Linguístico do Brasil project with possible adaptations, whose Semantic Field is Food and Kitchen. Its specific objectives are: (i) to map the work carried out by authors from different universities whose thematic records cover Helvécia; (ii) trace a historical-cultural path from the emergence of Colônia Leopoldina to the birth of Helvécia; (iii) theoretically analyze the postulates of variationist Sociolinguistics and pluridimensional and relational Dialectology and their connection with the method of pluridimensional Geolinguistics; and finally, (iv) present the results of the semantic-lexical analysis of the speech of 07 informants from Group 01 and 24 informants from Group 02 in the community of Helvécia. As for the technique, a qualitative semi-structured interview was used based on the ALiB QSL with adjustments, due to the need to include the lexicons uttered by the speakers in the interviews. To prepare the research, oral resources were used with the interview recorded in audio and six lexicographical works covering four centuries were used to analyze the lexias. Based on the theoretical-methodological framework of Labovian sociolinguistics, research was carried out in the community to collect informal conversations in the 1st group of 07 elderly people; and in the 2nd group, multidimensional and relational Dialectology was used to apply a qualitative semi-structured interview consulting 24 subjects aged 19 to 89 years, different sexes and origins with Afro-descendants born in Helvécia. The study made use of sociodialectal dimensions proposed by Thun (1998): diatopic, diasexual, diagenational, diaphasic and diareferential. Data analysis was based on dialectological and lexicographic studies. The research results not only enable an analysis of the level of recognition of the occurrence or not of use of the 62 lexical terms under analysis, but also provide an overview of the ancestral and current tradition of the lexical words used by informants in Helvécia in relation to the maintenance or not of these terms. The results of the variationist and dialectological sociolinguistic analysis carried out present evidence of a scenario of change in a speech community with linguistic phenomena, in which values are below the limit of the consciousness of their speakers, even if they represent the local linguistic reality. Although the data presented in the interview do not clearly reveal socio-dialectal variation among speakers, they are sufficient to indicate that the community is gradually transforming, especially in relation to the adoption of linguistic marks similar to standards. The hypothesis was confirmed, corroborating the research results, as there is linguistic heterogeneity in Helvécia, demonstrating that the population no longer recognizes and frequently uses the lexicon related to Helvecian speaking acquired by quilombola ancestors. It appears, therefore, that Helvécia does not have its own lexicon.

**Keywords:** Helvecia. Semantic-lexical variation. Pluridimensional and relational Dialectology. Labovian sociolinguistic.

## LISTA DE SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
AQH	Associação Quilombola de Helvécia
BA	Bahia
CNS	Conselho Nacional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNB	Universidade de Brasília

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fragmento da Carta do Vale do Mucuri, de 1859. A Colônia Leopoldina está indicada como "Colônia dos Suíços", na margem norte do Peruípe. Em vermelho (editado), o nome atual das localidades .....	29
Figura 2 - Mapa da Bahia e Localização de Nova Viçosa e Helvécia .....	33
Figura 3 - Mapa de Localização de Helvécia .....	33
Figura 4 - Mapa de Localização de Helvécia .....	34
Figura 5 - Antiga estação ferroviária de Helvécia .....	34
Figura 6: Chegada dos mouros .....	39
Figura 7: Chegada dos cristãos .....	39
Figura 8: Embate dos mouros com os cristãos 01 .....	39
Figura 9: Embate dos mouros com os cristãos 02 .....	40
Figura 10: Festejos da Nossa Senhora da Piedade .....	42
Figura 11: Mulheres do Bate-barriga em Helvécia .....	43
Figura 12: Momento do bate-saca, em que as barrigas das mulheres se tocam .....	43
Figura 13 - Queijada .....	66
Figura 14 - Queijada .....	66

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB .....	69
Quadro 2 – Dimensões e Parâmetros utilizados na Pesquisa .....	86
Quadro 3 – Comparação da lexia <i>aguardente</i> entre os dicionários .....	88
Quadro 4 – Comparação da lexia <i>baguete</i> entre os dicionários .....	88
Quadro 5 – Comparação da lexia <i>bala/bombom/confeito</i> entre os dicionários .....	90
Quadro 6 – Comparação da lexia <i>beiju</i> entre os dicionários .....	92
Quadro 7 – Comparação da lexia <i>bisnaga</i> entre os dicionários .....	93
Quadro 8 – Comparação da lexia <i>bobó</i> entre os dicionários .....	94
Quadro 9 – Comparação da lexia <i>broa</i> entre os dicionários .....	95
Quadro 10 – Comparação da lexia <i>brocador</i> entre os dicionários .....	96
Quadro 11 – Comparação da lexia <i>bucho/bucho cheio</i> entre os dicionários .....	97
Quadro 12 – Comparação da lexia <i>cacetinho</i> entre os dicionários .....	98
Quadro 13 – Comparação da lexia <i>cachaça</i> entre os dicionários .....	98
Quadro 14 – Comparação da lexia <i>café/café da manhã</i> entre os dicionários .....	100
Quadro 15 – Comparação da lexia <i>caipirinha</i> entre os dicionários .....	101
Quadro 16 – Comparação da lexia <i>canjica/canjicão</i> entre os dicionários .....	102
Quadro 17 – Comparação da lexia <i>carne/carne moída</i> entre os dicionários .....	103
Quadro 18 – Comparação da lexia <i>comelão/comilão</i> entre os dicionários .....	105
Quadro 19 – Comparação da lexia <i>crepioca</i> entre os dicionários .....	106
Quadro 20 – Comparação da lexia <i>curau</i> entre os dicionários .....	107
Quadro 21 – Comparação da lexia <i>cuscuz</i> entre os dicionários .....	108
Quadro 22 – Comparação da lexia <i>desjejum/desjeja</i> entre os dicionários .....	109
Quadro 23 – Comparação da lexia <i>dobradinha</i> entre os dicionários .....	110
Quadro 24 – Comparação da lexia <i>empanturrado</i> entre os dicionários .....	111
Quadro 25 – Comparação da lexia <i>empanzinado</i> entre os dicionários .....	112
Quadro 26 – Comparação da lexia <i>feijoada</i> entre os dicionários .....	113
Quadro 27 – Comparação da lexia <i>fruta-pão</i> entre os dicionários .....	114
Quadro 28 – Comparação da lexia <i>geleia</i> entre os dicionários .....	115
Quadro 29 – Comparação da lexia <i>glutão</i> entre os dicionários .....	116
Quadro 30 – Comparação da lexia <i>guloso</i> entre os dicionários .....	117
Quadro 31 – Comparação da lexia <i>manampansa</i> entre os dicionários .....	118

Quadro 32 – Comparação da lexia <i>mingau/mingau de milho</i> entre os dicionários .....	119
Quadro 33 – Comparação da lexia <i>mocotó</i> entre os dicionários .....	120
Quadro 34 – Comparação da lexia <i>moqueca</i> entre os dicionários .....	121
Quadro 35 – Comparação da lexia <i>mugunzá/mungunzá/mugunzá</i> entre os dicionários .....	123
Quadro 36 – Comparação da lexia <i>pamonha</i> entre os dicionários .....	124
Quadro 37 – Comparação da lexia <i>pão/pão bengala/pão gigante</i> entre os dicionários .....	125
Quadro 38 – Comparação da lexia <i>pão de Cristo</i> entre os dicionários .....	126
Quadro 39 – Comparação da lexia <i>pão francês/pão francez/pão de sal</i> entre os dicionários .	127
Quadro 40 – Comparação da lexia <i>pão de rabanada/rabanada</i> entre os dicionários .....	128
Quadro 41 – Comparação da lexia <i>pau na coxa</i> entre os dicionários .....	129
Quadro 42 – Comparação da lexia <i>pinga</i> entre os dicionários .....	130
Quadro 43 – Comparação da lexia <i>pirão</i> entre os dicionários .....	131
Quadro 44 – Comparação da lexia <i>polenta</i> entre os dicionários .....	132
Quadro 45 – Comparação da lexia <i>puxá</i> entre os dicionários .....	133
Quadro 46 – Comparação da lexia <i>queijada/queijadinha</i> entre os dicionários .....	134
Quadro 47 – Comparação da lexia <i>quitandas</i> entre os dicionários .....	135
Quadro 48 – Comparação da lexia <i>rico e pobre</i> entre os dicionários .....	136
Quadro 49 – Comparação da lexia <i>rosca</i> entre os dicionários .....	137
Quadro 50 – Comparação da lexia <i>temperada</i> entre os dicionários .....	138
Quadro 51 – Comparação da lexia <i>vaca atolada</i> entre os dicionários .....	139

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informantes e lexias do 1º grupo da comunidade afro-brasileira de Helvécia .....	64
Tabela 2 – Informantes e lexias do 2º grupo da comunidade afro-brasileira de Helvécia .....	70
Tabela 3 – Porcentagem de escolha da lexia <i>aguardente</i> entre os falantes entrevistados .....	88
Tabela 4 – Porcentagem de escolha da lexia <i>baguete</i> entre os falantes entrevistados .....	89
Tabela 5 – Porcentagem de escolha da lexia <i>bala</i> entre os falantes entrevistados .....	90
Tabela 6 – Porcentagem de escolha da lexia <i>beiju</i> entre os falantes entrevistados .....	92
Tabela 7 – Porcentagem de escolha da lexia <i>bisnaga</i> entre os falantes entrevistados .....	93
Tabela 8 – Porcentagem de escolha da lexia <i>bobó</i> entre os falantes entrevistados .....	94
Tabela 9 – Porcentagem de escolha da lexia <i>broa</i> entre os falantes entrevistados .....	95
Tabela 10 – Porcentagem de escolha da lexia <i>brocador</i> entre os falantes entrevistados .....	96
Tabela 11 – Porcentagem de escolha da lexia <i>bucho cheio</i> entre os falantes entrevistados .....	97
Tabela 12 – Porcentagem de escolha da lexia <i>cacetinho</i> entre os falantes entrevistados .....	98
Tabela 13 – Porcentagem de escolha da lexia <i>cachaça</i> entre os falantes entrevistados .....	99
Tabela 14 – Porcentagem de escolha da lexia <i>café</i> entre os falantes entrevistados .....	100
Tabela 15 – Porcentagem de escolha da lexia <i>café da manhã</i> entre os falantes entrevistados .....	100
Tabela 16 – Porcentagem de escolha da lexia <i>caipirinha</i> entre os falantes entrevistados .....	101
Tabela 17 – Porcentagem de escolha da lexia <i>canjica</i> entre os falantes entrevistados .....	102
Tabela 18 – Porcentagem de escolha da lexia <i>canjicão</i> entre os falantes entrevistados .....	103
Tabela 19 – Porcentagem de escolha da lexia <i>carne</i> entre os falantes entrevistados .....	104
Tabela 20 – Porcentagem de escolha da lexia <i>carne moída</i> entre os falantes entrevistados .....	104
Tabela 21 – Porcentagem de escolha da lexia <i>comelão</i> entre os falantes entrevistados .....	105
Tabela 22 – Porcentagem de escolha da lexia <i>comilão</i> entre os falantes entrevistados .....	106
Tabela 23 – Porcentagem de escolha da lexia <i>crepioca</i> entre os falantes entrevistados .....	106
Tabela 24 – Porcentagem de escolha da lexia <i>curau</i> entre os falantes entrevistados .....	107
Tabela 25 – Porcentagem de escolha da lexia <i>cuscuz</i> entre os falantes entrevistados .....	108
Tabela 26 – Porcentagem de escolha da lexia <i>desjejum</i> entre os falantes entrevistados .....	109
Tabela 27 – Porcentagem de escolha da lexia <i>dobradinha</i> entre os falantes entrevistados .....	110
Tabela 28 – Porcentagem de escolha da lexia <i>empanturrado</i> entre os falantes entrevistados .....	111
Tabela 29 – Porcentagem de escolha da lexia <i>empanzinado</i> entre os falantes entrevistados .....	112
Tabela 30 – Porcentagem de escolha da lexia <i>feijoada</i> entre os falantes entrevistados .....	113
Tabela 31 – Porcentagem de escolha da lexia <i>fruta-pão</i> entre os falantes entrevistados .....	114
Tabela 32 – Porcentagem de escolha da lexia <i>geleia</i> entre os falantes entrevistados .....	115

Tabela 33 – Porcentagem de escolha da lexia <i>glutão</i> entre os falantes entrevistados .....	116
Tabela 34 – Porcentagem de escolha da lexia <i>guloso</i> entre os falantes entrevistados .....	117
Tabela 35 – Porcentagem de escolha da lexia <i>manampansa</i> entre os falantes entrevistados ..	118
Tabela 36 – Porcentagem de escolha da lexia <i>mingau</i> entre os falantes entrevistados .....	119
Tabela 37 – Porcentagem de escolha da lexia <i>mingau de milho</i> entre os falantes entrevistados .....	119
Tabela 38 – Porcentagem de escolha da lexia <i>mocotó</i> entre os falantes entrevistados .....	120
Tabela 39 – Porcentagem de escolha da lexia <i>moqueca</i> entre os falantes entrevistados .....	122
Tabela 40 – Porcentagem de escolha da lexia <i>mugunzá</i> entre os falantes entrevistados .....	123
Tabela 41 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pamonha</i> entre os falantes entrevistados .....	124
Tabela 42 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão</i> entre os falantes entrevistados .....	125
Tabela 43 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão bengala</i> entre os falantes entrevistados ...	125
Tabela 44 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão gigante</i> entre os falantes entrevistados ...	125
Tabela 45 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão de Cristo</i> entre os falantes entrevistados .	126
Tabela 46 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão francês</i> entre os falantes entrevistados ....	127
Tabela 47 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão de sal</i> entre os falantes entrevistados .....	127
Tabela 48 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pão de rabanada</i> entre os falantes entrevistados .....	128
Tabela 49 – Porcentagem de escolha da lexia <i>rabanada</i> entre os falantes entrevistados .....	128
Tabela 50 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pau na coxa</i> entre os falantes entrevistados ....	129
Tabela 51 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pinga</i> entre os falantes entrevistados .....	130
Tabela 52 – Porcentagem de escolha da lexia <i>pirão</i> entre os falantes entrevistados .....	131
Tabela 53 – Porcentagem de escolha da lexia <i>polenta</i> entre os falantes entrevistados .....	132
Tabela 54 – Porcentagem de escolha da lexia <i>puxá</i> entre os falantes entrevistados .....	133
Tabela 55 – Porcentagem de escolha da lexia <i>queijada</i> entre os falantes entrevistados .....	134
Tabela 56 – Porcentagem de escolha da lexia <i>quitandas</i> entre os falantes entrevistados .....	135
Tabela 57 – Porcentagem de escolha da lexia <i>rico e pobre</i> entre os falantes entrevistados ....	137
Tabela 58 – Porcentagem de escolha da lexia <i>rosca</i> entre os falantes entrevistados .....	137
Tabela 59 – Porcentagem de escolha da lexia <i>temperada</i> entre os falantes entrevistados .....	138
Tabela 60 – Porcentagem de escolha da lexia <i>vaca atolada</i> entre os falantes entrevistados ..	139
Tabela 61 – Distribuição das lexias com e sem manutenção semântico-lexical .....	140
Tabela 62 – Comparação da porcentagem total das lexias com e sem manutenção .....	141
Tabela 63 – Procedência dos informantes do 2º grupo da comunidade afro-brasileira de Helvécia .....	143

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>2 NOS TRILHOS DE HELVÉCIA</b> .....	25
2.1 ESTADO DA ARTE: REGISTROS TEMÁTICOS SOBRE HELVÉCIA .....	25
2.2 ADENTRANDO A COLÔNIA LEOPOLDINA ATÉ HELVÉCIA: UM OLHAR SOBRE O FALAR HELVECIANO – VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA .....	28
2.3 AS FESTAS DE SÃO SEBASTIÃO E DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, A DANÇA BATE-BARRIGA E O SAMBA DE VIOLA .....	39
<b>3 DA SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA À DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: UM CENÁRIO DE VARIAÇÃO</b> .....	45
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA LABOVIANA .....	46
3.2 A DIALETOLOGIA OU GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL .....	50
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	54
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	54
4.1.1 Objeto de Estudo e Técnica de Pesquisa de Dados .....	54
4.1.2 Procedimentos Metodológicos .....	56
4.1.3 Seleção dos sujeitos da pesquisa (informantes), classificação e documentos normativos .....	58
4.1.4 Tratamento dos Dados e Instrumento de Registro de Dados .....	61
<b>5 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DO FALAR HELVECIANO: CAMPO SEMÂNTICO – ALIMENTAÇÃO E COZINHA</b> .....	63
5.1 ANÁLISE DA DIMENSÃO SOCIODIALETAL DOS ITENS LEXICAIS INTEGRADOS AO CAMPO SEMÂNTICO ALIMENTAÇÃO E COZINHA COM ADAPTAÇÕES DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO ALiB .....	64
5.1.1 Pré-glossário da Variação Semântico-Lexical em Helvécia: Campo Semântico – Alimentação e Cozinha .....	71
5.1.2 Análise comparativa das lexias em seis obras lexicográficas e porcentagem de escolha das lexias entre os falantes entrevistados .....	84
5.1.2.1 Ocorrência das lexias de entrada com e sem variação semântico-lexical .....	140
5.1.3 Procedência dos informantes .....	142
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	146
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	150
<b>REFERÊNCIAS DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS UTILIZADAS</b> .....	159

<i>SITES UTILIZADOS NA DISSERTAÇÃO</i> .....	160
<b>APÊNDICES</b> .....	161
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. ....	161
APÊNDICE B - Entrevista Semiestruturada Qualitativa .....	164
<b>ANEXOS</b> .....	167
ANEXO A- Questionário Semântico Lexical - ALIB .....	167
ANEXO B - Termo de Autorização Institucional da Coparticipante .....	168
ANEXO C - Termo de Autorização Institucional da Proponente .....	169
ANEXO D - Termo de Compromisso do Pesquisador .....	170
ANEXO E - Termo de Confidencialidade .....	171
ANEXO F - Termo de Concessão .....	172
ANEXO G - Carta de Anuência .....	173

## 1 INTRODUÇÃO

Na maior parte dos casos, estudos em descrição linguística, habituam-se a evidenciar a relação intrínseca que existe entre a língua e a sociedade na procura por explicações de ordem externa como condicionantes da preferência de uma maneira, em vez de outra. Não obstante, há algum tempo, apareceram estudos que visavam correlacionar a Língua Portuguesa falada no Brasil e o espaço geográfico, objetivando a uma sistematização futura (Sá, 2013).

Fez-se necessário observar, pesquisar, quais as tradições e os costumes de um povo, quais as histórias de uma comunidade que foram passadas de geração em geração. Isto posto, é preciso que haja deferência e preservação desses elementos pertencentes à cultura, compartilhados por indivíduos ou grupos que interatuam cotidianamente, sobretudo, por meio da língua, dado que ela apresenta a realidade de um povo. Realidade esta que se fundamenta através do relato de alguns fatos, das trajetórias das lutas em que as pessoas são partícipes, que podem revelar-se por intermédio da fala, da arte, dos escritos, do artesanato, da pintura e da literatura (Sá, 2013), bem como da alimentação e cozinha.

Nesse contexto, Celina Abbade (2012, p. 141) menciona que “a língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um dos seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso”. Assim, a forma como as pessoas falam, se expressam, revela muito sobre a sua cultura.

A linguagem, composta por palavras organizadas em frases, é um espelho fiel das características sociais, econômicas, éticas e culturais daqueles que a utilizam. Ao ouvir alguém falar, é possível identificar sua origem, uma vez que cada povo possui sua própria língua e história (Isquerdo; Seabra, 2012).

Desse modo, é compreensível a investigação de fatos linguísticos que permitam visualizar quais os traços da língua falada em determinadas regiões se expandiram ou se concentraram em ambientes urbanos ou em comunidades, singularmente devido à migração, com a qual o Brasil continuamente teve contato.

Dentre as áreas da Linguística, a Sociolinguística subsidiou o entendimento do fenômeno da variação quando lançou o conceito de papéis sociais, de modo que foi possível perceber as diferentes nuances da fala de acordo com os lugares sociais ocupados pelos sujeitos que a produzem. Assim, a língua deve ser observada como uma realidade em essência dinâmica, como um ato social daqueles que a usam, criam e recriam, sendo, portanto, um conjunto heterogêneo e dinâmico de variedades, com igualdade e legitimidade reconhecidas (Alkmim, 2004).

O estudo apresenta, também, que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (Bright, 1996, p. 110). Seu ponto de partida é a comunidade linguística, ou seja, “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (Alkmim, 2007, p. 31).

Revela-se, ainda, na Dialetoologia pluridimensional e relacional ou Geolinguística pluridimensional porque contempla a língua priorizando as diferenças regionais. Nesse âmbito, Meillet (1929, p. 200) afirma que “não há nenhuma história da língua sem uma dialetologia e especialmente sem uma geografia linguística completa e bem estabelecida”.

Nessa perspectiva, em outras palavras, o objetivo do trabalho em tela, é analisar a variação semântico-lexical na comunidade de Helvécia em uma perspectiva sociodialetal, com base no Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil, com adaptações possíveis, cujo Campo Semântico é a Alimentação e Cozinha. Neste estudo, adotou-se o léxico-semântico como objeto da pesquisa, decorrendo a uma análise sociodialetal de alguns itens lexicais.

Do ponto de vista metodológico, foram observadas algumas das dimensões propostas por Thun (1998, 2005) através das premissas da Dialetoologia pluridimensional e relacional, especificamente cinco delas: diatópica (relacionada à disposição geográfica do falante); diassexual (que se vale das falas de maneira distinta entre homens e mulheres); diageracional (referente às diferentes faixas etárias dos falantes), diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres), e por fim, diarreferencial (modo de falar do informante em contraste à sua consciência linguística).

Vale salientar que, nesse contexto, no que diz respeito à variação diarreferencial, procura-se estabelecer uma relação entre a língua-objeto em questão, confirmada no discurso do informante e o seu conhecimento acerca da realidade linguística. Trata-se do modo de falar local, ou seja, das pessoas que se expressam/falam de maneira distinta (falam diferente) na comunidade e também, dos exemplos que, de acordo com os relatos dos informantes, destacam essa diferença (Carlos, 2022).

Outro aspecto a ser mencionado, refere-se ao fato de muitos informantes de Helvécia, fazerem a chamada migração pendular<sup>1</sup>, uma vez que passam o dia nas cidades maiores,

---

<sup>1</sup> O fenômeno da migração pendular trata-se de uma transferência momentânea. É conhecida como migração diária, caracterizada pelo deslocamento diário de pessoas que vão estudar ou trabalhar em outra cidade. Considerando a sua relevância para entender as saídas e entradas de pessoas em uma localidade, resultando em transformações socioeconômicas, deve-se levar em conta a diversidade de uso desse termo. Ravenstein (1985) chama esses migrantes de temporários. Tavares (2016) afirma que são deslocamentos cotidianos realizados pela população.

trabalhando e/ou estudando, e voltam à noite para o Distrito. Entretanto, diversos moradores não saem da comunidade, permanecem ali todo o tempo. Helvécia é a sua vida, a sua casa, uma questão de territorialidade, pertencimento à localidade.

De acordo com Raffestin (1993, p. 160-161), a territorialidade pode ser compreendida como sendo “[...] a “soma” das relações mantidas por um sujeito com o seu meio. Isso dito não se trata de uma soma matemática, mas de uma totalidade de relações biossociais em interação”. (grifo do autor). E estas relações biossociais “podem se manifestar em formas mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com as exterioridades” (idem, p. 161).

Nesse mesmo pensamento, Saraiva, Carrieri e Soares (2014, p. 104) complementam: "O que irá determinar como essas relações se materializarão é a dinâmica dos grupos que ocupam esse meio, conferindo um caráter político ao lugar e associando-lhe uma identidade à qual se vinculam". Assim, esse é mais um aspecto a ser enfatizado, pois se trata do “comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis), contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade de espaço)” (Thun, 1998, p. 706).

Nesse caso, considerando que há informantes naturais da comunidade de Helvécia que têm mobilidade, e outros que são naturais também, mas não a têm, fica a questão: como explicar o avanço ou retrocesso de uma variante linguística nessa área específica? Essa comparação entre informantes topodinâmicos (em geral, os/as mais novos/as) e topostáticos (em geral, os mais velhos e as mais velhas) pode revelar a manutenção ou mudança no comportamento linguístico (Carlos, 2022).

Por ser ‘pesquisadora do chão, das gentes e das lutas’ que traçam desde a linha da escravidão colonial à emancipação quilombola, que busca compreender os fatores linguísticos e extralinguísticos, que auxiliam na análise da variação semântico-lexical no Distrito de Helvécia em uma perspectiva sociodialetal sobre o falar dos indivíduos que ali residem, é que busquei esta temática denominada “Estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA: Campo Semântico – Alimentação e Cozinha”. Justifica-se esta escolha por Helvécia ser um território de conhecimento linguístico/histórico/dialético que dialoga com território e territorialidades, cultura e identidade, educação do campo e resistência, política de cotas e *performance*, prosa e poesia, capoeira e roçados.

---

Jardim (2011, p. 18) declara que “[...] o conceito de pendularidade estaria restrito aos movimentos diários para trabalho e estudo”. Portanto, o termo migração pendular, pode ser entendido como um deslocamento diário, no qual o migrante alterna sua rotina entre a sua moradia e o local onde busca formação acadêmica ou trabalho, não implicando em uma transferência definitiva do migrante para outro lugar (Francellino, 2020).

Deste modo, a escolha de concentrar as investigações com base no segmento do Campo Semântico Alimentação e Cozinha, que se encontra no Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil, é enriquecer o entendimento relacionados aos dados encontrados no ALiB e alargar o conhecimento acerca do falar dos habitantes de Helvécia.

E como se não bastasse, de acordo com Lucchesi e Baxter (2021), há a identificação dos fatores extralinguísticos que podem ter colaborado para as cizânias no dialeto, devido a uma documentação histórica enriquecedora, ainda que incompleta, que contribuiu para um estudo da demografia das populações de escravizados e que admite elaborar algumas hipóteses em volta da questão.

O trajeto dessa pesquisa induziu a constantes reflexões visando a linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da UNEB, no tocante aos *Estudos Linguísticos*. Assim, buscou-se através da Sociolinguística laboviana e da Dialectologia pluridimensional e relacional, oferecer subsídios para apresentar a variação semântico-lexical da comunidade de Helvécia - BA, com prioridade para as variações diatópica, diassexual, diageracional, diafásica e diarreferencial.

De acordo com Rocha (2009), a teoria dialetológica objetiva identificar, escrever e estabelecer os distintos usos em que uma língua se diversifica, em conformidade com a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Já os autores Radtke e Thun (1996), em consonância com Thun (2005) reforçam que, em conformidade à ótica da Dialectologia pluridimensional e relacional, não só os aspectos das variações acima mencionadas são relevantes, mas também, os aspectos extralinguísticos.

A finalidade é a de conjecturar acerca dos seguintes questionamentos: *a priori*, a problemática da pesquisa: a) É possível identificar a variação semântico-lexical mais acentuada pelos falantes de Helvécia em uma perspectiva sociodialetal? E *a posteriori*, a hipótese da pesquisa: Há uma heterogeneidade linguística em Helvécia demonstrando que a população já não reconhece e usa com frequência, o léxico relacionado ao falar helveciano adquirido pelos ancestrais quilombolas?

Procurando prováveis respostas às questões supramencionadas, são realizados inquéritos em uma primeira entrevista com 07 (sete) informantes naturais de Helvécia, sendo seis idosos (68 a 89 anos) e 01 (uma) professora (45 anos), no 1º grupo; e 24 (vinte e quatro) informantes escolhidos pela faixa etária (19 a 89 anos), também oriundos de Helvécia - BA, no desígnio de apresentar um *corpus* apropriado a contemplar os objetivos a seguir.

Partindo desse pressuposto, tem-se como objetivo geral, analisar a variação semântico-lexical na comunidade de Helvécia em uma perspectiva sociodialetal, com base no Questionário

Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil, com adaptações possíveis, cujo Campo Semântico é a Alimentação e Cozinha.

Têm-se como objetivos específicos: (i) mapear os trabalhos realizados por autores de distintas universidades cujos registros temáticos abordem sobre Helvécia; (ii) traçar um percurso histórico-cultural desde o surgimento da Colônia Leopoldina até o nascer de Helvécia; (iii) analisar teoricamente os postulados da Sociolinguística variacionista e da Dialetoлогия pluridimensional e relacional e sua vinculação com o método da Geolinguística pluridimensional; e por fim, (iv) apresentar os resultados da análise semântico-lexical do falar de 07 informantes do Grupo 01 e 24 informantes do Grupo 02 na comunidade de Helvécia.

Isto posto, para maior compreensão deste trabalho, buscou-se descrever a estrutura do estudo da subseqüente maneira: o primeiro capítulo é a parte introdutória que apresenta a proposta geral do estudo, exibindo a problematização, a hipótese norteadora e os objetivos geral e específicos que fundamentam a investigação, uma breve metodologia e o relato dos capítulos que estão contidos nesta dissertação.

O segundo capítulo expõe uma explanação teórica sob o título *Nos trilhos de Helvécia*, em que se adentra nos primórdios da Colônia Leopoldina até a Helvécia atual, trazendo um olhar sobre o falar helveciano, abordando aspectos concernentes à variação e mudança linguística; traz ainda, o Estado da Arte com os registros temáticos sobre Helvécia escritos por autores de universidades distintas. Aborda, também, um breve estudo sobre as festas de São Sebastião e de Nossa Senhora da Piedade, a dança Bate-Barriga e o Samba de Viola, que comumente ocorrem em Helvécia.

O terceiro capítulo expõe o referencial teórico em que se apresentam os aspectos semânticos-lexicais da língua, a teoria acerca da sociolinguística laboviana variacionista e a dialetoлогия pluridimensional e relacional.

No quarto capítulo apresenta-se o percurso da metodologia, mostrando os aspectos metodológicos, trazendo em pauta, o objeto de estudo e a técnica de pesquisa de dados, bem como os procedimentos metodológicos, a seleção dos sujeitos da pesquisa (informantes), classificação e documentos normativos, e por fim, o tratamento dos dados e instrumento de registro de dados.

O quinto capítulo apresenta o estudo da variação semântico-lexical em Helvécia, cujo Campo Semântico estudado foi o da Alimentação e Cozinha, trazendo uma análise da dimensão sociodialetoal dos itens lexicais integrados a esse Campo Semântico no Questionário Semântico-Lexical do ALiB, após adaptações e inclusões, apresentando, portanto, um pré-glossário da variação semântico-lexical em Helvécia.

Traz uma análise comparativa das lexias em seis obras lexicográficas e porcentagem de escolha das lexias entre os falantes entrevistados e a procedência dos informantes. Por fim, os resultados alcançados após conversação livre (Grupo 01) e entrevista semiestruturada qualitativa com os helvecianos (Grupo 02), os sujeitos da pesquisa e análise das lexias. No sexto capítulo têm-se as considerações finais, com os aspectos conclusivos de cada capítulo e com considerações acerca dos resultados da pesquisa.

## 2 NOS TRILHOS DE HELVÉCIA

Helvécia é uma realidade reconhecida pela comunidade acadêmica como a *roda da história que une sangue, suor, lágrimas e resistência*, um território sagrado, repleto de estudos espalhados em dezenas de pesquisas *lato e stricto sensu*, cujos resultados estão disponibilizados nas bibliotecas das universidades: UNEB<sup>2</sup>, PUC-SP<sup>3</sup>, PUCRS<sup>4</sup>, UFBA<sup>5</sup>, UNIRIO<sup>6</sup>, UESB<sup>7</sup>, UESC<sup>8</sup>, UNB<sup>9</sup> entre outras. Para exemplificar, serão apresentados aqui, alguns trabalhos realizados nas universidades mencionadas, por se referirem a Helvécia e servirem de subsídio à pesquisa.

### 2.1 ESTADO DA ARTE: REGISTROS TEMÁTICOS SOBRE HELVÉCIA

Do Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2007, tem-se a dissertação de Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes, intitulada **Helvécia – Homens, mulheres e eucaliptos (1980 – 2005)**, que possui como objetivo “discutir as condições sociais e as relações simbólicas dos homens e das mulheres de Helvécia, após o desenvolvimento do agronegócio no distrito” (Gomes, 2009, p. 10).

Ainda na UNEB, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC em 2008, foi apresentada a dissertação de Gean Paulo Gonçalves Santana, cujo título é **Entre o dito e o não dito: Conflitos e tensões na “refundação” territorial quilombola. Uma análise a partir da Comunidade de Helvécia – extremo sul da Bahia**. Este estudo objetivou “discutir alguns conflitos e tensões que emergem da situação de reconhecimento de comunidade de remanescente quilombola em Helvécia, distrito do município de Nova Viçosa, localizado no extremo sul da Bahia, Estado do nordeste brasileiro” (Santana, 2008, p. 9). O autor enfatiza que “pesquisar o efeito da gramática em torno da semântica “ser quilombola” provoca inquietações, pois supõe estar atento a vivências e experiências particulares” (idem) (grifo do autor).

---

<sup>2</sup> UNEB - Universidade do Estado da Bahia.

<sup>3</sup> PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>4</sup> PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> UFBA - Universidade Federal da Bahia.

<sup>6</sup> UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

<sup>8</sup> UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>9</sup> UNB - Universidade de Brasília.

Na PUC-SP, no ano de 2021, os autores Ramom Pereira de Jesus Moreira, Estefânia Knotz Canguçu Fraga e Felipe Eduardo Ferreira Marta, escreveram um artigo para a Revista *Projeto História* intitulado **Entre memórias e conflitos: A comunidade negral rural de Helvécia e o reconhecimento como remanescente quilombola**. O artigo possui como objetivo “discutir as questões referentes à busca por reconhecimento quilombola, empreendida por moradores da Comunidade negra rural de Helvécia, localizada no Extremo Sul da Bahia, como forma de preservação cultural e física do espaço que ocupam” (Moreira, Fraga; Marta, 2021, p. 239).

Já no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em 2014, foi apresentada a tese de doutorado de Gean Paulo Gonçalves Santana sob o título **Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia**. “Esta tese tem como objeto de estudo os cantos-poemas, uma expressão poética oral do quilombo de Helvécia, no Extremo Sul da Bahia” (Santana, 2014, p. 13). O autor constatou na tese que, “em Helvécia, em meio a muitos enfrentamentos históricos e raciais, não silenciou a tradição oral, marca da ancestralidade africana, veiculada pela consanguinidade histórica e pela força que a voz imprimiu no corpo, na mente e no canto” (idem, p. 69).

Foi realizado o XXIX Simpósio Nacional de História, em Brasília na UNB, no ano de 2017, em que se teve ciência da apresentação do artigo de Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes, intitulado **Violência escondida e legal: o processo de aquisição de terras em Helvécia - Bahia para a implantação da eucaliptocultura (1980-2005)**. Neste estudo, consta que Helvécia “experienciou a chegada da eucaliptocultura na década de 1970 e seu incremento a partir da década seguinte” (Gomes, 2017, p. 1). Assim, o objetivo desse artigo é “discutir acerca do processo de aquisição de terras em Helvécia para o plantio de eucalipto revelando diferentes formas de violência que pontuaram o mesmo e marcaram definitivamente a vida das pessoas que entendem ser ali o seu lugar” (idem, p. 2).

Na UFBA, através do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, houve a apresentação da tese de doutorado de Gredson dos Santos em 2012, sob o título, **O português afro-brasileiro de Helvécia-BA: análise de <S> em coda silábica**. Esse estudo trata-se de uma pesquisa sociolinguística, que “tem por objetivos analisar a variação das consoantes fricativas em posição pós-vocálica e incluir, na medida do possível, os resultados da análise aos debates sobre a constituição histórica do português do Brasil” (Santos, 2012, p. 10). A sua hipótese primeira assevera que a forma como os dados se apresentaram no estudo consonante à variação de <s> em Helvécia relaciona-se com a história de contato entre a língua portuguesa

e as línguas africanas faladas pelos escravizados, que passaram a integrar-se como mão de obra a datar de 1825 em diante, na indústria cafeeira regional.

Na UNIRIO, Valdir Nunes dos Santos participou do VII Congresso da ABRACE com os Anais, **As performances da dança bate-barriga, elementos de significação ancestral na comunidade negra de Helvécia**. Apresenta-se aqui, a discussão dos elementos que contribuem para a permanência das performances da dança bate-barriga “como significação ancestral na construção da vida dos negros remanescentes de quilombos, da comunidade de Helvécia” (Santos, 2012a, p. 1).

Também na UNIRIO, através do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas, Valdir Nunes dos Santos (2007), traz-nos a dissertação, **As manifestações culturais em Helvécia no Extremo Sul da Bahia: a dança bate-barriga como fabricante de performances afrodescendentes**. Nesse âmbito, o autor menciona que as performances da dança bate-barriga possuem uma relevância ancestral na construção da vida dos descendentes quilombolas na comunidade de Helvécia.

Mais uma vez, o autor Valdir Nunes dos Santos aborda o tema da dança bate-barriga em seu doutorado na Faculdade de Belas Artes, na Universidade de Lisboa, em Portugal, sob o título **A Dança Bate-barriga em Helvécia (Bahia/Brasil): uma performance afro-brasileira de coesão social**, cuja tese possui data de defesa de 2017. O objetivo deste trabalho é o “estudo da performance cultural da dança bate-barriga do distrito de Helvécia (Bahia/Brasil), comunidade afro-brasileira originada em contextos da colonização materializados na região pela então “Colônia” Leopoldina – 1818, com base no Decreto de 1808” (Santos, 2017, p. 3).

Na UESB, sob a orientação do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Ramom Pereira de Jesus Moreira apresentou em 2019, a dissertação denominada **A memória da escravidão e a construção da identidade dos grupos que compõem a comunidade quilombola de Helvécia (2000-2018)**. Conforme o autor, o estudo aborda aspectos concernentes à memória da escravidão e como esta memória influencia na formação da identidade da comunidade negra rural de Helvécia. Posteriormente à abolição, ela foi estabelecida por ex-escravizados da antiga Colônia Leopoldina, onde imigrantes europeus, como suíços e alemães usavam a força de trabalho de africanos escravizados e seus descendentes em suas plantações de café.

Na UESC, através do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, tem-se a dissertação de Ângela Lacerda Abreu, **Ecos da memória em Helvécia - BA: histórias, griôs e performances**, defendida em 2014. O estudo consiste em uma análise crítica e teórica das narrativas orais, tanto ficcionais quanto não ficcionais, da

comunidade quilombola de Helvécia, examinando, também, a performance dos narradores. Em conformidade ao descrito pela autora, durante a investigação, foram discutidas as funções socioculturais das histórias contadas pelos griôs de Helvécia, tendo em vista a importância da memória para a construção da identidade desse grupo.

Ao examinar os caminhos dos estudos aqui apresentados, que foram elaborados acerca de Helvécia e perante esse contexto descrito no Estado da Arte, percebemos o quanto os afrodescendentes lutaram com bravura a favor do seu território, seus costumes, sua língua e sua identidade. Ainda que a língua estivesse em constante modificação e as variações linguísticas estivessem presentes, compreende-se a relevância dos moradores da comunidade de Helvécia, sempre colaborando para que o seu Distrito, o seu território, fosse reverberado nos quatro cantos do país, se estendendo pela Europa, quiçá o mundo, pois temos menção de um trabalho de Portugal aqui descrito. Como bem afirma Santana (2014, p. 23), “trata-se de um primeiro registro, um caminho que se inicia a outros tantos *viajantes* da pesquisa-conhecimento” (grifo do autor).

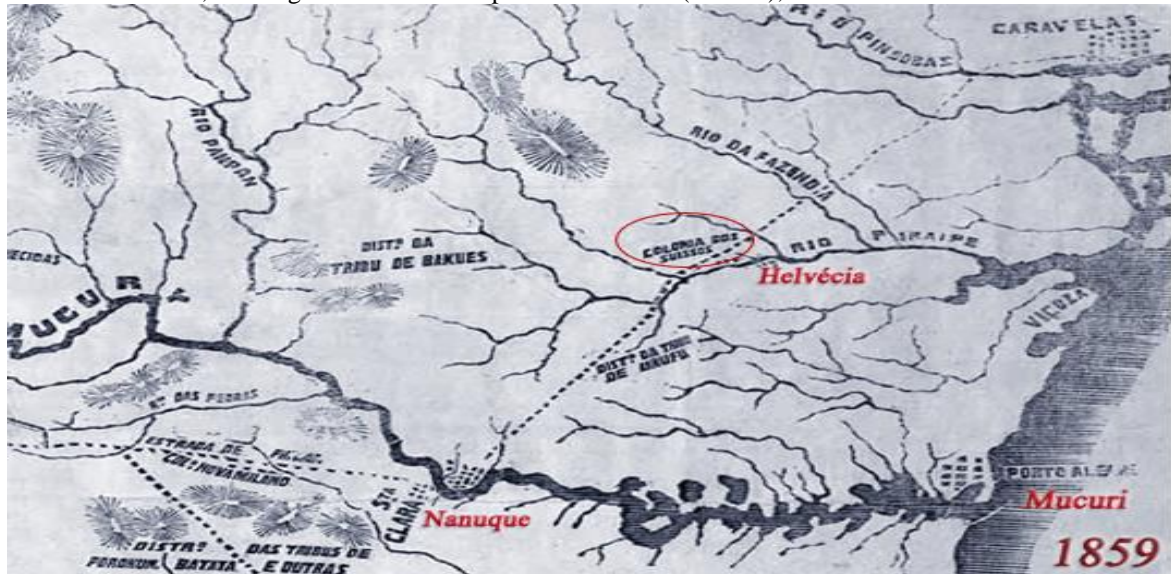
Alguns destes estudos, dentre vários outros, serviram de forma direta ou indireta, para o embasamento teórico do trabalho relacionado a Helvécia em seu contexto geral e em relação à variação semântico-lexical dessa comunidade.

## 2.2 ADENTRANDO A COLÔNIA LEOPOLDINA ATÉ HELVÉCIA: UM OLHAR SOBRE O FALAR HELVECIANO – VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A comunidade de Helvécia recebeu a alcunha de ser um dos últimos quilombos da Bahia, uma vez que “constituiu-se como Comunidade Quilombola através da certificação de 19 de abril de 2005, da SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/PR)” (Santana, 2008, p. 14). O Certificado FCP consta na Portaria nº 38534, de 19/04/2012 e o Processo FCP possui o nº 01420.000968/2000-66 (iPatrimônio, 2020).

Possui a sua criação ligada à fundação da antiga colônia suíço-alemã, a Colônia Leopoldina (Figura 1), originada a partir do Decreto de D. João VI, de 25 de novembro de 1808, que fazia doação de terras a estrangeiros que desejassem constituir colônias agrícolas no Brasil (Oberacker Jr, 1987; Gomes; 2009; Carmo, 2010).

Figura 1: Fragmento da Carta do Vale do Mucuri, de 1859. A Colônia Leopoldina está indicada como *Colônia dos Suíços*, na margem norte do Peruípe. Em vermelho (editado), o nome atual das localidades.



Fonte: Bacelar (2014, p. 1). (Adaptado).

Já Ferreira (1984) assevera que o nome original do assentamento foi registrado, inicialmente, em um documento datado de 1818. Para Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), nesse referido ano de 1818, o Governo Central outorgou sesmarias<sup>10</sup> de posse suíço-alemã a três colonos (Pedro Peyckr e os naturalistas Freyreiss e Morhardt) que se estendiam pelas margens do Rio Peruípe, a doze léguas adiante de Nova Viçosa, localizada na comarca de Caravelas no extremo sul da Bahia. Posteriormente, em união com diversos colonos suíços e franceses, eles estabeleceram a Colônia Leopoldina, que era na época, um conjunto de roçados que cultivavam e exportavam café, valendo-se do trabalho escravo.

Conforme mencionado por Santana (2008, p. 14-15), o Rio Peruípe, aqui apresentado, era “palco de grandes acontecimentos em relação ao transporte de grãos e de “gente” (escravos repatriados) de origens gêge, cabinda, manjolo, benguela e nagô. Este último compunha a maior parte da população local, de acordo com a lista de inventário Mantandon de 1858” (grifo do autor).

Em relação a essa população que ali habitava,

As informações prestadas pelos residentes no CENSO de 2000 sobre a sua cor ou raça, cerca de 43,4% dos moradores eram de pardos, 39,5% de pretos, 14,9% de brancos e 0,6% de indígenas. Em soma, a população parda e preta (negra) perfazia 82,9% do total, proporção superior em quase dez pontos percentuais à média estadual, que é 73,2% (Santana, 2008, p. 15).

<sup>10</sup> O sistema da sesmaria, adaptado do Português de Portugal para o Brasil, tinha como objetivo, normatizar a distribuição de terras designadas à produção agrícola.

A investigação da cor/etnia deu-se de acordo com à autotransclassificação da própria pessoa. Vê-se que a presença negra em Helvécia é demonstrada por esses dados, o que evidencia uma influência significativa, corroborada pelos traços de uma época que mantém os seus rituais culturais e religiosos, que conservam vestígios da ancestralidade africana na antiga Colônia Leopoldina (Santana, 2008).

A Colônia Leopoldina – que ficava às margens do Rio Peruípe – foi uma das derradeiras produções agrícolas no Brasil e fez uso, por um longo período, do trabalho escravo, em uma época em que a escravidão se encontrava sob forte pressão exterior. Contudo, a Colônia progrediu de forma rápida e, no início dos anos 1850, tornou-se encarregada por, aproximadamente, 90% da produção brasileira de café. Todavia, um conjunto de circunstâncias ocasionou o seu vertiginoso declínio, especialmente o aparecimento da abolição e o crescimento da cultura cafeeira para zonas consideradas de mais produtividade no Brasil (Lucchesi; Baxter, Ribeiro, 2009).

Sesmaria foi um sistema português, adaptado no Brasil, que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola. Floresceu até 1888, quando ocorreu a abolição, pois dependiam, quase exclusivamente, da mão de obra escrava para o trabalho no cultivo do café. Um médico residente na localidade relatou que, em 1858, havia na Colônia, uma população de 200 brancos, sobretudo alemães e suíços, bem como alguns brasileiros e poucos franceses. Em contraponto, havia 2000 negros, grande parte nascidos na colônia (Töelsner *apud* Ferreira, 1984).

Nesse âmbito apresentado, é necessário perscrutar a passagem da Colônia Leopoldina até se tornar Helvécia, uma vez que influenciou no falar dessa localidade, visto que o estudo se trata de uma perspectiva semântico-lexical, mas também, sociopolítica, por fazer a abordagem em uma comunidade quilombola.

Para a compreensão dos processos que tratam da variação e da mudança linguística de uma localidade, tendo o entendimento do que as diferencia, é relevante conduzir o estudo através de princípios que apresentam uma ótica acerca da conceituação de língua e fala. Ademais, intenciona-se proporcionar um panorama com referência à variação linguística, propondo, de acordo com Sá (2013), não apenas entendê-la por extensão de sentido, mas também, retratar até as relações com os demais pontos em que ela se encontra inserida, caso os tenha.

Conforme Oliveira (2016, p. 119), “formas linguísticas em variação estão presentes em todas as comunidades de fala. [...] São chamadas de variantes que são, na verdade, maneiras diferentes de falar a mesma coisa no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Para

Biderman (2001), essas variantes, no que lhe concerne, acabam por competir entre si, constantemente, no interior da comunidade de fala à qual pertencem.

Oliveira (2016) afirma que essas são as variantes padrão e não padrão, as conservadoras e as inovadoras. Inclusive, há as variantes que sofrem algum estigma por se oporem às de prestígio, por assim dizer. A variante conservadora é a de maior relevância sociolinguística em uma comunidade. Já a não-padrão, considerada uma variante inovadora, passa a ser estigmatizada pelos falantes de uma comunidade.

Nesse contexto, Fernando Tarallo (1999, p. 63) afirma que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação, visto que mudança é variação”. É importante ressaltar que nem toda variação resultará em mudança, já que, para que esta última ocorra, de fato, é preciso que seja amplamente assimilada pela maioria dos falantes da língua.

Para Coseriu (1979, p. 64), “a língua não muda completamente, porque se refaz”. Segue afirmando que o falante não cria a sua expressão, de maneira integral, contudo, usa o sistema que a comunidade lhe oferece, e também adota a realização fornecida pela norma tradicional. O falante não cria a sua expressão integralmente, no entanto, usa modelos anteriores, pois esse sujeito é um ser histórico e a língua está ligada à sua historicidade. Isso significa que a expressão utilizada pelo falante possui uma história que a antecede.

Estudos acerca do léxico e da semântica propõem que os trabalhos produzidos possam auxiliar na análise léxico-semântica do falar dos habitantes quilombolas de Helvécia - BA. Na verdade, o léxico é uma dimensão relevante em que é concebível mapear a variabilidade e mensurar sua produtividade (Razky, 2013). Em conformidade com o autor mencionado, Biderman (2001, p. 179) afirma que,

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Em consonância com esse aspecto apresentado, Abbade (2012, p. 141-142) afirma que “estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer mais um pouco da história social do povo que a utiliza”. A autora enfatiza que, na atualidade, não resta dúvidas quanto ao fato de que ao pesquisar o léxico de uma língua, passa-se a compreender, ao mesmo tempo, tanto a história quanto a cultura de quem faz uso dessa língua.

Por se tratar de uma área de conhecimento, a variação semântico-lexical corresponde a qualquer tipo de estudo linguístico que possua seu foco no significado das palavras das línguas. Isto posto, o vocabulário de uma língua é denominado de ‘léxico’, e a semântica que estuda as palavras é denominada de ‘semântica-lexical’ (Biderman, 2001).

Retomando à questão da Colônia Leopoldina para maior entendimento em relação aos seus dialetos, a sua língua, os primeiros dados demográficos da Colônia surgiram em 1858, cuja descrição mostrava que a região era produtiva, possuía aproximadamente 40 propriedades prósperas, em que habitavam cerca de 200 colonos brancos, suíços, em sua grande maioria; mas também, poucos franceses e brasileiros e um número aproximado de 2.000 negros, especialmente brasileiros. Com a gradual decaída da cafeicultura – o produto essencial dessas propriedades –, os colonos brancos, gradativamente, foram deixando a região, sem olhar para trás, pois estavam deixando na Colônia, uma população negra e mulata que falava os últimos vestígios de um dialeto afro-português criouloizado ou semicriouloizado (Ferreira, 1984).

Não foi possível documentar, com exatidão, as origens étnico-geográficas dos escravizados africanos levados à força para o Brasil, Bahia, e por fim, Helvécia. Conforme a base de dados relacionada ao comércio de escravos mencionada por Eltis *et al.* (1999), ocorreu um considerável aumento na importação de escravizados para a Bahia, posteriormente à transição do século XIX, anterior à fundação da Colônia Leopoldina. Esses dados indicam que a maioria dos escravizados que chegaram a essa Colônia, ou até todos eles, poderiam ter nascido na África e, desse modo, eram obrigados a adotar o português como segunda língua ao residirem no Brasil.

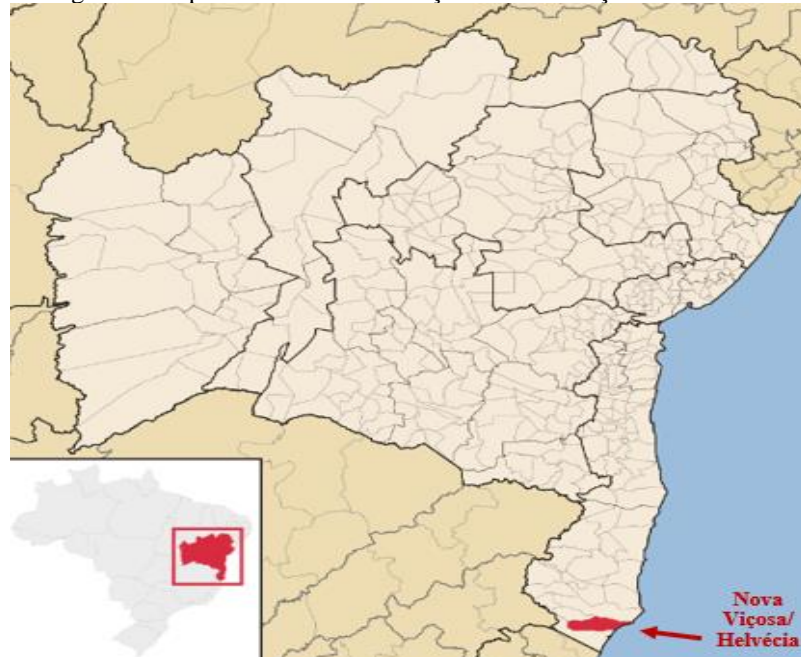
Pelo fato da Colônia Leopoldina ter sido fundada por colonizadores/imigrantes suíços (que falavam uma conjunção indeterminada de dialetos franceses e, teoricamente, alemães/suíços), tanto a sua fundação quanto o princípio da sua construção histórica estão relacionadas aos colonizadores europeus (Baxter; Lucchesi, 1997).

De acordo com os dados coletados por Ferreira (1984), os colonos holandeses também chegaram em algum momento. A população de Helvécia é majoritariamente composta por afrodescendentes, que recriam alguns costumes culturais e religiosos deixados por seus ancestrais e preservados pelas gerações mais novas.

Em consonância com o descrito, Baxter e Lucchesi (1997) asseveram que, o nome Helvécia (Helvéthia), é originado da Suíça e cerca de 90% de sua população é constituída por indivíduos negros, em sua maioria descendentes de africanos escravizados, com raízes Gegê (reino de Daomé) e Iorubá (reino de Oiô).

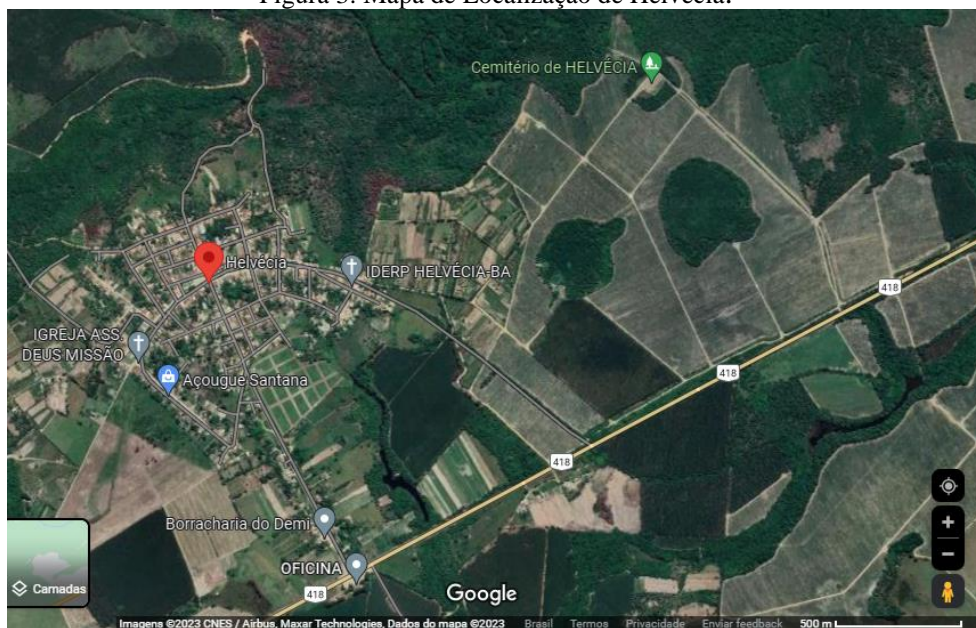
Helvécia fazia parte da mencionada Colônia Leopoldina. Atualmente, Helvécia é uma comunidade negra rural, Distrito do município de Nova Viçosa (Figuras 02-03-04), que localiza-se no Extremo Sul da Bahia, Estado do nordeste brasileiro, e “encontra-se a 958 km de Salvador, tendo a BR 418 e a BR 101 como suas principais vias de acesso” (Moreira; Marta; Fraga, 2021, p. 244).

Figura 2: Mapa da Bahia e Localização de Nova Viçosa e Helvécia.



Fonte: Abreu (2006). (Adaptado).

Figura 3: Mapa de Localização de Helvécia.



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Helv%C3%A9cia,+Nova+Vi%C3%A7osa+-+BA,+45920-000/@-17.8087339>.

Figura 4: Mapa de Localização de Helvécia.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Helv%C3%A9cia,+Nova+Vi%C3%A7osa+-+BA,+45920-000/@-17.8087132,-39.6740994,15z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0xcab56e94c122f9:0xf7a3306facb53e34!8m2!3d-17.8087342!4d-39.6637996!16s%2Fg%2F1ymv5mlb6?entry=ttu>.

Os colonizadores europeus deixaram marcas da sua presença na comunidade, as quais são observadas no nome da localidade, gravado no prédio desativado da estação ferroviária (Figura 04), também podem ser vistas essas marcas na arquitetura de certas construções e nas telhas francesas que ainda envolvem a cobertura de algumas propriedades.

Figura 5: Antiga estação ferroviária de Helvécia.



Fonte: Azevedo (2012).

Em seus estudos, Baxter (1999) versa acerca do contexto de aquisição da linguagem entre escravizados da Colônia Leopoldina. O autor menciona que, de 1847 a 1872, os africanos identificados por sua origem mostram que, de maneira proporcional, havia mais escravizados do grupo banto provenientes de outras regiões. No entanto, os nagôs faziam parte do grupo mais numeroso.

Dessa forma, segundo o supramencionado autor, ainda que haja a possibilidade de algumas estruturas serem prevalentes no processo de aquisição do português, é provável que as línguas africanas em algumas fazendas foram utilizadas nas décadas iniciais da existência da Colônia Leopoldina. Não obstante, as implicações dessa presença linguística africana foram enfraquecidas e se diluindo aos poucos, após o cessar da importação de africanos, em 1850, do envelhecimento do povo africano escravizado e da mistura de escravizados através do comércio local no interior da Colônia (Baxter, 1999).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a população de Helvécia era de 3.741 habitantes, sendo 1.929 homens e 1.812 mulheres, abrigados em 1.037 residências particulares. Esse Distrito faz parte da Mesorregião Sul Baiana (IBGE, 2010). Helvécia, localizada em Nova Viçosa-BA, foi oficialmente certificada em 02 de março de 2005, como uma comunidade remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares, onde os que ali residiam conseguiram que as terras ocupadas obtivessem o reconhecimento, conforme reza a Constituição Federal de 1988 no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) (Oliveira; Santos, 2018; Moreira, 2019).

Mais tarde, em conformidade ao Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, em seu art. 2º, consta acerca das comunidades quilombolas:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003, s/p).

Muitos quilombos acabaram se constituindo no período pós-abolição, e estudos acerca deles têm sido reverberados com frequência. Nesse cenário, houve um relevante estímulo após a Carta Magna de 1988, já mencionada, em seu artigo 68 do ADCT, instituir que os remanescentes das comunidades dos quilombos desfrutassem do direito legal de ter acesso às terras já ocupadas por eles, através de titulação e demarcação.

Gomes (2009) e Moreira, Fraga e Marta (2021) mencionaram que, posteriormente a essa prerrogativa do âmbito legal, os residentes de Helvécia passaram a se organizar por intermédio

da Associação Quilombola de Helvécia (AQH) para pleitearem a proteção de suas terras, uma vez que estavam já há um bom tempo, atravessando um problema – a implantação na região, da monocultura do eucalipto.

No cenário sociolinguístico brasileiro, as comunidades rurais afro-brasileiras – como é o caso de Helvécia, possuem uma localização própria –, em virtude de determinadas características que as especificam, do ponto de vista étnico, histórico e socioeconômico. Na maioria das vezes, essas comunidades, em sua origem, eram antigos quilombos ou eram formadas por populações de ex-escravizados que ganharam doações de terra, com a finalidade dos negócios agroexportadores escravagistas (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009).

Em relação ao português falado no Distrito, autores mais antigos que estudaram vertentes do português popular em Helvécia, comentaram que o exemplo de Helvécia é específico, pois os senhores, em sua grande maioria eram estrangeiros e, por conseguinte, não possuíam o português como língua materna (Zimmerman, 1999; Baxter; Lucchesi, 1999).

No entanto, existem outros motivos mais expressivos que assinalam para o seu estatuto especial. Entre esses fatores, destaca-se a ocorrência de a comunidade de ex-escravizados da Colônia Leopoldina ter se fixado na região da Colônia, em uma situação um pouco isolada, e não se ter espalhado tanto quanto diversas populações de ex-escravizados, posteriormente a 1888 (Lucchesi; Baxter, 2021).

Nesse contexto apresentado, tem-se a concepção adotada por Lucchesi (2009, p. 81), de que na comunidade de Helvécia é falado o "português afro-brasileiro", que o define como “uma realidade diversificada integrada a um *continuum*, que vai desde as variedades faladas por comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e mais influenciadas pelo contato entre línguas (denominadas de português afro-brasileiro) até as comunidades rurais mais mistas”, com uma enorme proporção de sujeitos mestiços e brancos, chegando, por fim, às comunidades com um percentual reduzido de afrodescendentes ou mesmo de indígenas-descendentes.

Nessa perspectiva, o português afro-brasileiro, nos moldes propostos por Lucchesi (2009), apresenta diferenças em relação ao português rural à proporção que aquele é falado por comunidades cuja história e formação étnica são influenciadas pela forte presença de descendentes dos antigos escravizados da colonização brasileira.

É preciso mencionar, ainda, os impactos causados pela monocultura do eucalipto na comunidade de Helvécia, uma vez que traz migrantes agrícolas de várias localidades. De acordo com Gomes (2009, p. 10), “a eucaliptocultura se encontra em franca expansão no extremo sul baiano e esta atividade se faz presente em Helvécia desde os anos de 1980”.

A produção de celulose passou a ser uma atividade principal, a exemplo da região do Extremo Sul da Bahia. Em outras, como alternativa de uma renda extra para muitos agricultores brasileiros. O eucalipto é plantado em áreas em que as condições edafoclimáticas são ideais na região e encontra-se, cada vez mais, ganhando espaço no mercado, devido ao seu potencial de crescimento rápido e de renovação desses plantios (Gomes, 2007).

O eucalipto, cujo nome científico é *Eucalyptus spp.*, de acordo com dados do Ambiente Brasil (2009, p. 1),

É uma planta originária da Austrália, onde existem mais de 600 espécies. A partir do início deste século, o eucalipto teve seu plantio intensificado no Brasil, sendo usado durante algum tempo nas ferrovias, como dormentes e lenha para as maria-fumaças e mais tarde como poste para eletrificação das linhas.

O eucalipto foi introduzido no Brasil na segunda metade do século XIX e, atualmente, é o país com maior área plantada em todo o mundo; este se destina, principalmente, à produção de celulose, papel, lenha, serrados, compensados, lâminas, painéis reconstituídos (aglomerados, chapas de fibra e MDF) e carvão vegetal que abastece as siderúrgicas (Brasil, 2014).

Com a implantação da cultura do eucalipto na região, o que ocorre por volta de 1980, segundo Abreu (2008), sendo esse hábito já praticado desde a década de 1960 no norte do Espírito Santo, a implantação da silvicultura na região acaba por trazer a indústria de celulose, através da fábrica construída em 1986, pela então Bahia Sul Celulose S.A., no município de Mucuri, atualmente Suzano Papel e Celulose. Para atender a demanda da fábrica, a cultura se expandiu, muitas propriedades rurais foram compradas pela empresa, ou atraídas pelo programa de fomento florestal.

No Brasil, vários processos, sobretudo o monopólio da terra e a monocultura, promovem a expulsão da população do campo. Ocorre também, em muitos locais, segundo Prado Júnior (2006, p. 162), “um tipo de agricultura de subsistência autônoma, isto é, separada dos domínios da grande lavoura especializada em seu ramo”. Nesse contexto, pode-se reportar ao caso da monocultura do eucalipto no Extremo Sul da Bahia. Esse novo modelo de ocupação do solo, atinge pequenas e grandes propriedades, alterando as estruturas rural e urbana das cidades do extremo sul baiano. Inclusive, o mesmo ocorrendo com Helvécia, uma comunidade quilombola.

Para Gomes (2007), uma atividade econômica que permanecia em clara expansão na região do extremo sul baiano desde a década de 1980, era a eucaliptocultura. Este cultivo se apresentou de maneira ostensiva no distrito de Helvécia, uma área quilombola pertencente ao município de Nova Viçosa.

A princípio, quando ocorreu a implantação da eucaliptocultura no distrito mencionado, a expectativa dos membros da comunidade era de que o progresso havia chegado àquela comunidade, bem como conquistas socioeconômicas. As propagandas da mídia, a manifestação dos políticos da localidade e das empresas de eucalipto que se situaram no local, demonstravam que aquela atividade econômica poderia originar empregos e utilizar a mão de obra daquele lugar, ofertando, especialmente aos jovens, uma chance de emprego no mercado de trabalho e ainda, promoção social. Entretanto, com o tempo, o que foi prometido àquele povo foi bem diferente do que estava sendo realizado, passando a ter conflitos e resistências, e ainda houve o deslocamento de integrantes da comunidade à procura de opções de emprego e sobrevivência (Gomes, 2007).

Devido aos fatos mencionados, a comunidade quilombola sente-se obrigada a se deslocar para locais adjuntos do distrito, tais como, Nova Viçosa e Teixeira de Freitas, e também, para capitais, entre elas, podem ser mencionadas, Vitória, São Paulo, Salvador e Belo Horizonte (GOMES, 2007). Em conformidade ao descrito, é afirmado que:

A monocultura do eucalipto aparece como sendo uma das responsáveis pelo esvaziamento populacional da região e, por consequência, o esmaecimento das práticas sociais, desde as suas duas grandes festas anuais – festa de São Sebastião, realizada em janeiro, e a festa de Nossa Senhora da Piedade, realizada em setembro, e cada uma dessas atividades é composta por eventos que acontecem ao longo de todo o mês. Por exemplo, a busca do mastro para hastear a bandeira de São Sebastião, a corrida da bandeira, o anúncio e convite à comunidade para fazer-se presente na festa de janeiro, e as novenas e rezas realizadas em homenagem a santos, a fiéis, além dos pedidos, louvores e agradecimentos, comuns as duas festas (Santos, 2017, p. 250).

Nessa perspectiva apresentada, de acordo com Sant’Anna e Leonel (2005, p. 12), “as terras férteis do Extremo Sul baiano passam a atrair migrantes agricultores e empresas cooperativas, sedentos de produção e lucro rápido”. Assim, impacta na comunidade quilombola e na língua falada devido aos migrantes que ali foram residir, perfazendo a variedade regional naquela localidade.

Toda variedade regional é instrumento de identidade de um dado grupo. Como diz Bertoni-Ricardo (2004, p. 33), “um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais”. Normalmente essas distinções aparecem manifestadas na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e no vocabulário, característicos de um dado local.

Assim, trataremos agora, de algumas festividades tradicionais que ocorrem em Helvécia e auxiliam na manutenção dos falares dessa localidade, buscando manter viva a memória linguística dessa comunidade.

### 2.3 AS FESTAS DE SÃO SEBASTIÃO E DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, A DANÇA DO BATE-BARRIGA E O SAMBA DE VIOLA

Afunilando o escopo de interesse deste estudo, que objetiva analisar a variação semântico-lexical na comunidade de Helvécia em uma perspectiva sociodialetal, especificamente no campo semântico Alimentação e Cozinha, cujas lexias estão envolvidas no dia a dia dos helvecianos, no café da manhã, no almoço e jantar, pensamos ainda nos alimentos/comidas que são feitos/as especialmente para as festas religiosas tradicionais que lá ocorrem, como a Festa de São Sebastião e a Festa de Nossa Senhora da Piedade.

A Festa de São Sebastião (Figuras 6-9), que acontece em janeiro e a Celebração de Nossa Senhora da Piedade (padroeira da comunidade), que sucede em setembro, são manifestações populares tradicionais que ocorrem na comunidade de Helvécia. Por diversas vezes, nessas festividades há a apresentação da dança do bate-barriga e do samba de viola.

Figura 6: Chegada dos mouros.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=uBY\\_--qfd3I](https://www.youtube.com/watch?v=uBY_--qfd3I).

Figura 7: Chegada dos cristãos.



Fonte: <https://jornalalerta.com.br/sao-sebastiao-em-helvecia-a-festa-como-patrimonio-cultural/>

Figura 8: Embate dos mouros com os cristãos 01.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=uBY\\_--qfd3I](https://www.youtube.com/watch?v=uBY_--qfd3I).

Figura 9: Embate dos mouros com os cristãos 02.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=uBY\\_--qfd3I](https://www.youtube.com/watch?v=uBY_--qfd3I).

Conforme mencionam os autores Sanchez Filho e Mesquita Filho (2009, p. 1) acerca dessas manifestações que esplandecem à ancestralidade de um povo, “as festas populares possuem importância tanto no aspecto de integração social quanto no papel crucial de fonte de memória e preservação da identidade”.

Na maioria das vezes, a Festa de São Sebastião é realizada entre 16 e 25 de janeiro, com destaque para o último domingo do mês de janeiro. A princípio, têm as novenas e alguns *shows*, além da famosa corrida da bandeira, que fica hasteada no topo do mastro no período em que ocorre os festejos.

Antes disso, tem a derrubada, que é quando eles cortam um tronco de uma árvore que será o mastro; depois têm outras solenidades, tais como: a puxada, a fincada e o levantamento do mastro. Na corrida da bandeira, eles fazem visita de casa em casa, fazendo orações, pregações, cantorias, e também recolhem ofertas. Nessa ocasião, costumam declamar:

Amanhã, depois da reza  
 Todos devem se achar  
 Lá no largo da Igreja  
 Para o mastro levantar,  
 As moças pra influir  
 Os homens pra trabalhar.

Soldados fiéis de Cristo  
 Lutavam na fé em Deus  
 Converteram os mouros bravos  
 Ensinaram a Lei de Deus.  
 E pela glória de Deus uno,  
 Seu nobre sangue deram.

Hoje no mundo é adorado  
 Por suas causas vencidas  
 No peito é lembrado  
 A honra lhe deu a vida.

E no pico do alto mastro  
Vê-se a imagem querida.

Ó, filhos da cristandade  
Que tem Deus no coração  
Olhai esta linda bandeira  
Tem ele o sepulcro na mão  
No peito a voz da saudade  
E viva São Sebastião (Sulz, 2017)<sup>11</sup>.

Após declamarem esta oração, eles gritam em coro: Viva!. O ápice são a procissão de São Sebastião e o teatro encenado, em que a temática dos Mouros e Cristãos é representada culturalmente, ano após ano. Na performance desempenhada, eles travam lutas entre si para demonstrar a supremacia das suas religiões e também, para que tomem posse da imagem do santo. Os Mouros costumam trajar-se de vermelho, enquanto os Cristãos usam trajes azuis. Eles percorrem toda a comunidade de Helvécia com sua performance.

Sobre esse aspecto, Thaís dos Santos Domingos (2022, p. 45), traz alguns trechos de uma declamação um pouco diferente da mencionada, *a priori*, informando que este “é um canto entoado na abertura dos festejos de São Sebastião, por Seu Zé Maia”, conforme segue-se:

Amanhã depois da reza  
Todos devem se achar  
Lá no largo da matriz,  
para o mastro levantar  
As moças para incluir  
e os homens para trabalhar  
Soldado peão de Cristo  
que lutava na cruz de Deus  
Converteram os mouros bravos,  
ensinou a lei de Deus  
Na brenha cana da mata  
seu nobre serve Deus  
Hoje no mundo é adorado  
por sua causa vencida  
No pico do alto mastro  
vê sua imagem querida

Vê-se a beleza dos cantos entoados e a riqueza da performance, que, infelizmente, tem diminuído, tanto a atratividade em si, quanto à qualidade, especialmente por falta de apoio à cultura e ausência de incentivos financeiros. Por esse motivo, a festa vai diminuindo a sua força e beleza, e o tamanho desse patrimônio cultural vai reduzindo, paulatinamente.

Com relação à Celebração da padroeira Nossa Senhora da Piedade (Figura 10), os festejos costumam ocorrer em setembro e nessas ocasiões têm-se as apresentações do samba de

---

<sup>11</sup> Trecho da entrevista realizada por Robério Sulz para o Jornal Alerta, cedida por moradores de Helvécia, que fazem parte da família Peixoto, a saber, Iracema Metzker e Chico de Ketí.

viola e da dança bate-barriga. Sobre essas festividades, Nascimento (2021, p. 102) aborda a importância de celebrar essas representações culturais, ao afirmar que, “através do Bate-Barriga ou de qualquer outra manifestação cultural<sup>12</sup>, a comunidade se congrega e celebra passagens de sua história, arremata passado e presente, construindo caminhos de luta, de permanência e de resistência”.

Figura 10: Festejos da Nossa Senhora da Piedade.



Fonte: <https://opovonews.com.br/helvecia-celebra-padroeira-com-fe-e-devocao-nas-ruas-da-comunidade/>.

Helvécia, em seu dia a dia e nas relações sociais de sua população, vivencia diversas práticas culturais afro-brasileiras. Essas práticas, entrelaçadas com as reminiscências históricas de distintas matrizes de culturas diversas, com destaque à matriz africana, são responsáveis pela conservação do legado cultural dessa comunidade. Dentre as mais diversas práticas, merece evidência, a dança conhecida como bate-barriga, por ser apreciada por muitos indivíduos do extremo sul baiano e outras localidades (Aguiar; Lima, 2017).

Segundo Santos (2007), essa dança é uma linha de uma determinada dança congolana que chegou às terras brasileiras, juntamente com os negros oriundos do Congo ou de sua fronteira, Angola, quando foram subjugados e escravizados, obrigados ao trabalho escravo nas plantações de café. A prática dessa dança se espalhou pelas senzalas da Colônia Leopoldina.

Falar da dança Bate-barriga (Figuras 11-12), é falar de Helvécia, da sua cultura e dos seus festejos, é relembrar a ancestralidade de um povo, outrora escravizado, hoje livre e

<sup>12</sup> “As principais manifestações culturais são: As rezas, ofícios, festas de São Sebastião e Nossa Senhora da Piedade, Maculelê, a culinária, o Samba de Viola, etc.” (Nascimento, 2021, p. 102).

representativo. Nesse âmbito, para Nascimento (2021, p. 102), “bate-barriga é uma dança tradicional, afro-brasileira secular da comunidade quilombola de Helvécia.

Figura 11: Mulheres do Bate-barriga em Helvécia.



Fonte: Santana (2014, p. 159).

Figura 12: Momento do bate-saca, em que as barrigas das mulheres se tocam.



Fonte: Santana (2014, p. 160).

Em consonância com o mencionado autor, Santos (2018, p. 28) afirma que a dança é “considerada um patrimônio cultural, de identificação e coesão social da comunidade de Helvécia, tendo em conta a sua ancestralidade dialogante com as atuais gerações”. Em relação à questão sociocultural, de acordo com Santos (2017, p. 4), a dança *bate-barriga*, “é uma arte performativa que vem do século XVIII”.

Isto posto, para um maior entendimento sobre a compreensão de que não se pode atentar a um conceito de língua que não seja social, conforme sinaliza a concepção da sociolinguística variacionista com base nos postulados teóricos de William Labov ([1972] 2008), o referencial teórico a seguir tratará de algumas categorias concernentes à temática em estudo: Sociolinguística laboviana, Dialectologia pluridimensional e relacional ou Geolinguística Pluridimensional, para maior compreensão teórica da evolução da língua em Helvécia em se tratando da variação linguística, que através das transcrições de fala pode desvelar uma quantidade relevante de evidências linguísticas.

### **3 DA SOCIOLINGUÍSTICA LABOVIANA À DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: UM CENÁRIO DE VARIAÇÃO**

A despeito das evoluções consideráveis que vêm ocorrendo desde vinte anos atrás até os dias atuais, os encadeamentos resultantes da relação de interdependência entre heterogeneidade linguística e a variação semântico-lexical, estão longe de se esgotarem. As bases teóricas e metodológicas da Sociolinguística Variacionista de Labov ([1972] 2008; 1994) originaram pressupostos teóricos fundamentados, entre outros fatores, na interligação entre língua e sociedade; na análise linguística de princípios que sofrem variação em conformidade aos fatores linguísticos e extralinguísticos, bem como na diminuição de preconceitos vigentes na sociedade (Coan, Freitag, 2011).

Ao enfatizar a relação entre língua e sociedade, Labov ([1972] 2008) considera que a nova abordagem linguística consiste em estudar de modo empírico, as comunidades de fala. Portanto, é relevante discutir os termos linguísticos, como a variação e a mudança, uma vez que serão referidos em vários momentos nesta dissertação. O objetivo desse capítulo é apresentar, em síntese, as bases teórico-metodológicas da Sociolinguística laboviana e Dialetoлогия pluridimensional e relacional. Desse modo, é relevante tecer considerações acerca da variação e mudança, pois são termos que serão mencionados em vários momentos neste estudo dissertativo. Visa-se, assim, expor os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística.

Para estudar o falar de uma comunidade, é preciso, entre outros fatores, o uso de dados linguísticos essenciais e identificados. Nesse âmbito, a pesquisa deve perpassar os aspectos léxico-semânticos. Será empregada a Sociolinguística variacionista laboviana e a Dialetoлогия pluridimensional e relacional para que ocorra o mapeamento das analogias que há entre o falar de Helvécia e o português brasileiro. Esse conceito auxilia na distinção e agrupamento de trabalhos produzidos por distintas teorias em épocas diferentes, pois o que se evidencia é a forma como os estudiosos lidam com um objeto de investigação em comum (Borges, 2015).

A atenção dada à Sociolinguística variacionista se concentra na heterogeneidade no interior dos sistemas linguísticos (Borges, 2009). Já a Dialetoлогия pluridimensional e relacional visa transmitir à descrição da fala, o registro do movimento da língua, seguindo o percurso de uma mudança inovadora no interior das relações dinâmicas que se constituem na sociedade (Thun, 2005; Busse, 2009). Nesse âmbito, Silva (2008) considera a abordagem de fatores extralinguísticos ou sociais na análise das mudanças linguísticas.

Nesse aspecto, Labov ([1972] 2008, p. 216) apresenta acerca do estudo funcional, que:

[...] há muito o que fazer na [...] análise dos padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica: as formas de “eventos de fala”; as regras para a seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte [...] e os modos como os falantes se valem dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções (grifo do autor).

Nesse cenário apresentado, Lucchesi e Baxter (2021, p. 3) relatam que, desde outrora, “o elemento africano teria fornecido para as crianças escravas nascidas na colônia modelos de português falado como língua segunda (e, talvez, em algumas circunstâncias, o modelo seria mesmo o das línguas africanas)”. Essa assertiva mencionada foi corroborada pela afirmação de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009, p. 59), ao apresentarem que, “o elemento africano desempenhou um papel bem relevante no processo de constituição de nossa realidade linguística atual”.

Em transcrições da fala dos habitantes de Helvécia, há estudos que demonstram que “sete origens etnolinguísticas africanas estão representadas nesta população, e é provável que pelo menos três línguas africanas fossem faladas: nagô, congo e benguela” (Baxter, 1999, p. 13). Nesse ínterim, serão abordados aqui, alguns aspectos teórico-metodológicos concernentes ao estudo realizado, tais como, os aspectos semânticos lexicais da língua. Sabe-se que o léxico é compreendido como um “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” (Dubois *et al.*, 2006, p. 364).

Conforme Isquerdo (1996, p. 93) coloca, o léxico de uma língua mantém “uma estreita relação com a história cultural da comunidade, uma vez que registra as diferentes mutações ocorridas na sociedade, enfim, as diversas formas de conhecimento que nela se instauram”. Isso se justifica pelo fato de que qualquer sistema vocabular representa a totalidade da experiência acumulada por uma sociedade e o patrimônio cultural que carrega consigo ao longo dos tempos. Os indivíduos dessa sociedade atuam como sujeitos que agem no processo contínuo de perpetuação e renovação do léxico da língua (Biderman, 2001a). Nesse desenvolver, o léxico se enriquece, às vezes se modificando e se expandindo; outras vezes, se contraindo.

Nesse panorama, este estudo propõe uma análise de variação semântico-lexical em Helvécia em uma perspectiva sociodialetoal, visando a manutenção da memória linguística dessa localidade, buscando oferecer informações acerca do falar dessa comunidade.

De acordo com o estudo de Gnerre *et al.* (1985), é afirmado que é possível ir além da ideia de considerar a língua simplesmente como um código ou um mero componente do ato comunicativo e confrontar-se com a complexidade de sua natureza, suas conexões com os conceitos de registro e variação, bem como seus aspectos sociofuncionais. É evidente, portanto, que a língua está longe de ser algo separado, uma vez que demonstra sua natureza heterogênea,

diversificada, mudando de época para época, de grupo social para grupo social, de um local para outro. Da mesma maneira, a forma como ocorre o desempenho linguístico dos falantes pode haver variação, a depender dos diferentes contextos.

### 3.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA LABOVIANA

No princípio do século XX, já havia linguistas preocupados com a adoção de uma concepção social da língua. Baseando-se nesse pressuposto, Calvet (2002) assinala que o linguista Antoine Meillet adotava um posicionamento teórico que o colocava em uma postura antagônica no que se refere à dicotomia entre linguística diacrônica e sincrônica, que consta na obra sob o título *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, datada de 1986.

Para maior entendimento, em relação às variações linguísticas, a língua pode ser analisada sob duas perspectivas: a diacrônica (fase de evolução) e a sincrônica (estado da língua). A variação diacrônica refere-se às mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Já a variação sincrônica, trata-se da variação social, regional ou estilística de cada sujeito ou grupo de falantes. Essas modificações e variações surgem devido à constante interação entre os falantes de línguas iguais ou diferentes. Nas circunstâncias em que ocorre o contato linguístico, há a influência mútua entre comunidades linguísticas, em que seus membros interatuam com membros de comunidade distinta (Molina, 2010).

Entretanto, ao relacionar variação e mudança, de acordo com a Teoria da Variação e Mudança, conforme os pressupostos teóricos de Weinreich, Labov e Herzog ([1968], 2006) rompe-se com a dicotomia sincronia/diacronia proposta por Saussure (1986), pois aproxima-as. Nessa perspectiva, Tarallo (1994) informa que, para os sistemas mudarem, é necessário que eles tenham passado por alguma forma de variação. Continua afirmando que, a conexão entre sincronia e diacronia possibilita que o foco não seja em mudanças repentinas ou etapas estanques. É provável que, “a partir de tais e tais características estruturais e de tais e tais condições de funcionamento, o sistema, quase que preditivamente, caminhou na direção X e não na direção Y” (Tarallo, 1994, p. 26).

Desse modo, para o mencionado autor, a variação é posta em evidência, em um momento sincrônico e atual, assim, uma vez que ao olharmos o passado consigamos obter indícios que expliquem o presente, há a possibilidade de olhar para o presente, visando esboçar o futuro, melhor dizendo, analisar a ocorrência de uma mudança em tempo aparente (Coan; Freitag, 2011). De acordo com o apontado por Labov (1994), esse padrão de mudança observado alude à prevalência de uma das variantes nos grupos mais jovens.

Para Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte (2006, p. 133), “a visão da variação como um fato aleatório e irregular só se sustenta em uma perspectiva de língua como sistema monolítico, estável e homogêneo, supostamente partilhado por todos os falantes”. Isto posto, na proposição de Weinreich, Labov e Herzog ([1968], 2006, p. 139), em relação à mudança, ela “é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais”.

Complementam afirmando que: “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (Weinreich; Labov; Herzog ([1968], 2006, p. 139). Para rematar essa assertiva, Chambers (1995, p. 349), consideram que “a mudança é um tipo de variação linguística com propriedades sociais particulares”.

Voltando à posição defendida por Meillet (1929, 1950), o linguista aludia incluir o componente social na análise da língua – um aspecto que claramente contrapunha aos princípios enunciados por Saussure (1986). Isto posto, os posicionamentos de Meillet causaram um tensionamento entre um modelo abstrato de língua saussuriano – essencialmente sincrônico – e os seus postulados, pois Meillet afirmava que os fenômenos linguísticos não podiam ser elucidados sem a inclusão de fenômenos diacrônicos, o que corrobora o surgimento de um conflito que deu lugar para o aparecimento de uma corrente como a Sociolinguística (Calvet, 2002).

A Sociolinguística é uma área da Linguística que auxilia a compreensão do fenômeno da variação. Também faz parte da contribuição da Sociolinguística, a elucidação dos fatores que determinam as diferentes produções linguísticas. Assim, região, tempo, classe social, idade, sexo, padrão cultural, profissão, gêneros, entre outros, são colocados no centro da discussão sobre os estudos da linguagem (Alkmim, 2004). A autora enfatiza que a linguagem está atrelada à sociedade, asseverando que estão ligadas entre si de modo inquestionável. Menciona que esta relação é a base da constituição do ser humano.

Não se pode negar que alguns falares aparecem como de maior prestígio do que outros na sociedade. A causa dessa visão normalmente é de ordem social: nas grandes cidades brasileiras, por exemplo, onde habitam falantes de diversas variedades regionais, os grupos de maior poder político e econômico acabam tendo a sua variedade considerada como mais correta e mais bonita. São, portanto, fatores históricos, políticos e econômicos que conferem a certos falares maior prestígio. Porém, tal fato não tem apoio em nenhum fundamento científico e deve ser rejeitado e combatido, para se poder, efetivamente, cultivar os verdadeiros valores da pluralidade cultural brasileira nas atividades de ensino e, principalmente, na vida (Matta, 2009).

Nesse âmbito apresentado, Camacho (2003, p. 59) assevera que:

É óbvio que a distribuição de valores sociais se torna institucionalizada pela elevação de uma variedade de prestígio à condição de língua-padrão que como tal, passa a ser veiculada no sistema escolar, nos meios de comunicação, na linguagem oficial do estado etc. O mecanismo é simples: como os detentores da variedade de prestígio controlam o poder público das instituições, que emana das relações económicas e sociais, são também detentores da autoridade de vincular a língua a variedade que empregam.

Ainda em conformidade com os pensamentos de Camacho (2003), algumas falas ou dialetos se dão na dimensão social e representam as variações que ocorrem de acordo com a classe social a que pertencem os usuários da língua, isso porque há uma “tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da comunidade” (Camacho, 2003, p. 32), geralmente com relações bastante estreitas e interesses comuns.

Também a idade, o sexo e a procedência podem revelar-se um inventário lexical e sintático comum a todos os membros de uma comunidade linguística relativamente homogênea. São situações em que o avô não consegue entender determinadas expressões usadas pelo seu neto, ou aquelas em que às mulheres, não é permitido o uso de determinadas expressões ou vocábulos próprios dos homens.

Em contraponto à linguística estruturalista, que considera que tudo o que se afasta da homogeneidade é disfuncional, a sociolinguística variacionista de Labov ([1972], 2008), – também denominada de Sociolinguística Laboviana ou Teoria da Variação e ainda Sociolinguística Quantitativa –, propõe exatamente o contrário, que a heterogeneidade ordenada é algo natural e intrínseco a todo sistema linguístico em situações reais de uso.

Conforme asseveram Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p. 101),

A área de estudo conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística (também referida como Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) concentra-se na análise da variação e mudança da língua, no que diz respeito ao contexto social da comunidade da fala. Os sociolinguistas consideram que a língua é caracterizada por uma "heterogeneidade sistemática", o que desempenha um papel significativo na identificação de grupos e na demarcação das diferenças sociais presentes na comunidade. A habilidade de dominar estruturas linguísticas heterogêneas é parte integrante da competência linguística dos indivíduos. Sendo assim, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria considerada disfuncional (grifo dos autores).

Em consonância com o que afirma Labov ([1972], 2008), Brito traz a seguinte consideração, “as estruturas heterogêneas não estão presentes apenas no ato de fala, ou seja, no nível do desempenho linguístico, mas são parte da competência linguística dos falantes (Brito, 2013, p. 73). Desse modo, a língua pode ser compreendida "como um sistema inerentemente

heterogêneo e variável, que serve como meio de comunicação entre os falantes de uma comunidade e no qual atuam forças linguísticas e sociais" (Labov, [1972], 2008, p. 203).

Voltando à variação linguística, Labov argumenta que: “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a ‘mesma’ coisa” O autor exemplifica com *carro* e *automóvel*. Segue salientando que temos o “problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística” (Labov, [1972], 2008, p. 221) (grifo do autor).

No estudo ora apresentado, temos vários exemplos, um deles é o caso de *bala*, *confeito* e *bombom*, todos os três vocábulos parecem ter significados semelhantes. Entretanto, Labov ([1972], 2008, p. 221) defende que:

É costume dizer que essas expressões têm o mesmo *significado*, o que podemos definir rigorosamente como “tendo o mesmo valor de verdade”. O resultado final de nossos estudos da variação (...) será atribuir um sentido ou *significação* a uma transformação, um tipo de carga funcional que podemos querer distinguir nitidamente do significado representacional (grifos do autor).

Ainda com embasamento em Labov ([1972], 2008, p. 221), o autor afirma que:

A análise formal contemporânea nos oferece duas opções claras:

- (1) diz-se que as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de “mistura dialetal” ou “alternância de código” [*code-switching*] (grifos do autor);
- (2) diz-se que as variantes se encontram em “variação livre” dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontra abaixo do nível da estrutura linguística.

Há muitos casos em que um desses rótulos cabe apropriadamente. Entretanto, em sua maioria, os casos encontrados não são facilmente descritos sob esses rótulos apresentados. Uma vez que, para demonstrar que se tem uma verdadeira alternância de código, é preciso, primeiro, “mostrar que o falante se move de um conjunto consistente de regras co-ocorrentes para outro; para demonstrar a ‘variação livre’, é preciso mostrar que ele não se moveu de jeito nenhum” (Labov [1972], 2008, p. 221) (grifo do autor). Desse modo, é incomum que uma dessas alegações mencionadas seja constituída de modo empírico.

### 3.2 A DIALETOLOGIA OU GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Para principiar sobre a temática da Dialectologia pluridimensional e relacional, é preciso, *a priori*, mencionar aquele que defende a concepção de uma "mentalidade dialetológica", Serafim da Silva Neto (1957), que expõe essa ideia na “Introdução” de seu *Guia para estudos dialetológicos*. O autor destaca a relevância e também, a urgência de estudar os falares

brasileiros, ou seja, as diversas formas de fala no Brasil. No seu Guia, o mencionado autor enumera essas formas de fala:

- a) sondagens preliminares, criação de ambiente, difusão do método;
- b) recolha de vocabulários com todas as exigências técnicas;
- c) monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas “esferas semânticas”;
- d) monografias etnográfico-linguísticas sobre falares;
- e) atlas regionais;
- f) inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (*Atlas Nacional*) (Silva Neto, 1957, p. 11). (grifo do autor).

Considera-se importante mencionar que Silva Neto (1957) foi um grande encorajador da criação do Atlas Linguístico do Brasil e, ao mesmo tempo, deu ênfase à relevância dos estudos dialetais em suas variadas manifestações, inclusive com relação às pesquisas etnográfico-linguísticas sobre esferas semânticas e acerca dos falares.

A Dialectologia pluridimensional e relacional contempla a língua priorizando as diferenças regionais. Nessa perspectiva, Meillet (1929, p. 200) apresenta que “não há nenhuma história da língua sem uma dialectologia e especialmente sem uma geografia linguística completa e bem estabelecida”.

Assim, buscou-se através da Sociolinguística laboviana e da Dialectologia pluridimensional e relacional, oferecer subsídios para apresentar a variedade linguística da comunidade quilombola de Helvécia - BA, com prioridade para as variações diatópica, diassexual, diageracional, diafásica e diarreferencial.

A Dialectologia pluridimensional e relacional, em sua finalidade, adequa a variação diatópica, transformando “o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística” (Thun, 1998, p. 715). Assim sendo, faz a análise do comportamento linguístico, nas suas mais distintas variedades, levando em consideração as dimensões sociais e linguísticas (Thun, 1998, 2005).

O referido autor explana acerca da Dialectologia pluridimensional e relacional, afirmando que, ao estudar o léxico que faz parte do vocabulário usado em uma dada comunidade linguística, é fundamental o entendimento de que esse material sofre influência dos fatores sociais, o que pode determinar a relação existente entre o léxico e a sociedade (Thun, 1998 *apud* Biderman, 1978).

Ainda em relação à Dialetologia pluridimensional e relacional, no dizer de Thun (1998, p. 706),

[...] o espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (grifo do autor).

No que se refere à mencionada variação diafásica, referida na citação e no *corpus* deste estudo, o uso dessas dimensões tem um impacto direto na seleção da rede de pontos, na escolha do perfil do informante, e inclusive no questionário aplicado com os colaboradores da pesquisa de uma determinada localidade.

Além disso, Thun (1999) considera em suas análises, que a dimensão diafásica ao se referir às variações de estilos, pode ser usada na pesquisa em reais circunstâncias de interação social, sendo comumente eleitos, três estilos de fala, segundo o autor, tais como: a leitura (L), as respostas às perguntas dos questionários (R), e por último, a conversação livre ou dirigida (C).

Como características da Dialetologia pluridimensional e relacional, conforme Carlos (2022, p. 40), há a inclusão do uso de determinadas técnicas e métodos na coleta dos dados, tais como:

[...] O método da sugestão e a pluralidade de informantes. O método da sugestão (*sugerencia*<sup>13</sup>) busca registrar não apenas a primeira resposta e espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Dessa forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerirmos (grifo da autora).

Nessa perspectiva, em consonância com a assertiva de Carlos, Thun (1999; 2005) considera que é necessário registrar, ainda, por meio das sugestões, os dados no momento da entrevista ou aqueles que permanecem na mente do entrevistado, que pertencem a estratos que não foram ativados espontaneamente ou estão disponíveis apenas de forma passiva.

Através das sugestões, foi possível obter comentários metalinguísticos dos informantes da pesquisa, que são habitantes de Helvécia, que confirmaram a própria linguagem nela utilizada acerca das respostas. Contudo, para que isso ocorresse, foi necessário que a

---

<sup>13</sup> De acordo com Carlos (2022), este termo em espanhol que significa sugestão, é muito utilizado por Thun (1999).

entrevistadora efetivasse um estudo prévio, estando apta a coletar os dados na comunidade em estudo, com uma relação das prováveis variantes para a variável a ser pesquisada.

Sob essa ótica apresentada, discutindo o objeto de estudo, que se trata do falar/variação linguística dos habitantes da comunidade quilombola de Helvécia, na Bahia, representado por meio de uma análise da variação semântico-lexical, cujo Campo Semântico é a Alimentação e Cozinha, percebeu-se que, os helvecianos participantes da pesquisa utilizavam-se de diferentes formas de falar a mesma coisa, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, em algumas situações.

Para exemplificar, tem-se o caso da lexia *moqueca*, que ora significa “moqueca de peixe”, ora “moqueca feita da goma de mandioca enrolada em folha de bananeira e assada na brasa”. Para a compreensão de quem ouve o termo *moqueca*, e saber qual significado ele tem, vai precisar compreender o contexto em que o falante está pronunciando o vocábulo. Assim, essas diferentes abordagens estão em constante concorrência dentro da própria comunidade em que vivem.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A análise dos dados deste estudo, assim como a constituição do *corpus* e a seleção da amostra estudada com os falares dos informantes afrodescendentes de Helvécia, no que se refere ao Campo Semântico Alimentação e Cozinha, foram realizadas com fundamentação nos princípios da Sociolinguística laboviana ou Sociolinguística variacionista ou teoria da variação, que pressupõe, de maneira geral, conforme afirma Santos (2016), “que a variabilidade é inerente ao sistema linguístico, cujo funcionamento é afetado tanto por fatores de ordem interna à língua quanto por fatores externos (sociais, estilísticos, demográficos, étnicos)”, entre outros.

O trajeto metodológico da referida pesquisa baseia-se na Sociolinguística laboviana e Dialetoлогия pluridimensional relacional, por ocupar-se, no caso da primeira, em subsidiar a compreensão do fenômeno da variação linguística, lançando a conceituação de papéis sociais, de forma que pode ser compreensível a percepção das diferenças na fala conforme os lugares sociais ocupados pelos sujeitos que o produzem (Alkmim, 2004); no caso da segunda, por contemplar a língua dando prioridade às diferenças regionais (Thun; Elizaincín, 2000).

No que se refere à metodologia de estudos, a pesquisa precisa ir além dos aspectos léxico-semânticos. Por isso, foi usada a Sociolinguística variacionista e a Dialetoлогия pluridimensional e relacional ou Geolinguística pluridimensional para mapear as mudanças semântico-lexicais existentes na comunidade de Helvécia.

#### 4.1.1 Objeto de Estudo e Técnica de Pesquisa de Dados

O objeto de estudo, portanto, trata-se do falar/variação linguística dos habitantes da comunidade quilombola de Helvécia, no Estado da Bahia, que foi representado através de um estudo da variação semântico-lexical em que o Campo Semântico foi a Alimentação e Cozinha. O locus de pesquisa, portanto, foi a localidade situada no Extremo Sul da Bahia, Helvécia.

Vale salientar, aqui, que a minha identidade negra, o meu pertencimento étnico-racial, o meu lugar de fala como afrodescendente, influenciou na coleta de dados em relação aos falares da comunidade de Helvécia. Para Stuart Hall (2006, p. 8), trata-se da identidade cultural, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (grifo do autor). Assim, sinto-me uma pessoa integrada à comunidade, devido a minha identidade pessoal.

Desse modo, em uma concepção sociológica, “a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade” (Hall, 2006, p. 11) (grifo do autor). Nessa perspectiva em estudo,

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (Hall, 2006, p. 11-12) (grifo do autor).

Nessa perspectiva, as identidades são culturalmente constituídas/formadas, o que significa considerá-las, pensar nas identidades sociais, como construídas no âmbito da representação, dentro da cultura de um povo e não externamente a ela, não fora dela (Rodrigues; Abramowicz, 2013).

Ao adentrar Helvécia para a realização da pesquisa, observou-se que os fragmentos identitários do histórico afrodescendente iam se reunindo, consolidando em uma identidade mais referendada e consciente. No artigo intitulado *Ética, multiculturalismo e educação: articulação possível?*, escrito por Canen, Franco e Oliveira (2020), é mencionado que o grande obstáculo para o multiculturalismo crítico pós-moderno reside no entendimento da ressignificação de forma a associar a identidade universal que nos une como seres humanos e às identidades culturais plurais que nos constituem, que carregamos em nosso interior. Para além de ser um desafio epistemológico, como eles destacaram, isso é uma questão de ética.

Assim sendo, é preciso ratificar, que falar de identidade é lutar por representação, e neste caso, lutar por representação étnico-racial. Falar de Helvécia e da variação dialetal dos afrodescendentes, homens e mulheres negras, é o meu lugar de fala. Em relação a sentir-me neste meu lugar de fala, devido ao meu pertencimento étnico-racial, Djamila Ribeiro (2017, p. 37) afirma que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”.

Em outras palavras, o lugar de fala não se restringe apenas à emissão de sons, muito além disso, significa a própria existência do sujeito. Nesse âmbito mencionado, que as vozes e as palavras/vocábulo/lexias ditas nos áudios e aqui transcritas, cuja relação se dá com o Campo Semântico Alimentação e Cozinha, em relação aos informantes afrodescendentes de Helvécia, que esses falares sejam aqui verbalizados, catalogados, ouvidos e reverberados, com o interesse de manter viva, a memória linguística dessa comunidade e trazer conhecimentos diversos para que seja minimizada a ausência de trabalhos sobre o ‘falar de Helvécia’.

Isto posto, a técnica de pesquisa teve como instrumento de tratamento de dados, a entrevista semiestruturada, através do QSL do projeto ALiB com possíveis inserções. Ou seja, a amostra utilizada fez parte do *corpus* do projeto ALiB, mas isto não impediu que ocorressem adaptações, pois se fizeram necessárias no decorrer da pesquisa, algumas inclusões.

O *corpus* constitui-se pelas respostas às questões 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186 e 187 do QSL do ALiB (Anexo A), que sofrendo adaptações ampliou-se o leque das questões que foram aplicadas em dois grupos da comunidade de Helvécia, perfazendo um total de 24 (vinte e quatro) informantes. Para a constituição do *corpus* partiu-se da audição dos registros dos inquéritos linguísticos considerados. Após isto, houve as transcrições das questões encontradas no QSL do ALiB que serviriam para o propósito do estudo juntamente com as transcrições das respostas concernentes às questões que foram acrescentadas e aplicadas aos Grupos 01 e 02 dos informantes da pesquisa na comunidade de Helvécia.

Assim sendo, no campo teórico-metodológico, foi preciso utilizar os três passos de Thun (2005) nos procedimentos concernentes ao inquérito semântico-lexical, que se denomina como “a técnica de entrevista orientada à contundência responsiva/anuente” (Figueiredo Júnior, 2019, p. 15). Passos estes que são norteados pela técnica de entrevista de três tempos, a saber: Pergunta, insistência e sugestão (Thun, 2005), como já referido.

Sob o prisma metodológico, no presente estudo, também foram analisadas determinadas dimensões propostas por Thun (1998, 2005) utilizando as bases da Dialetologia pluridimensional e relacional, mais especificamente cinco delas: diatópica, diassexual, diageracional, diafásica e por último, diarreferencial, já mencionadas.

Este, portanto, é um trabalho de conclusão de mestrado que tem por objetivo documentar o falar dos habitantes da comunidade quilombola de Helvécia, através do método geolinguístico pluridimensional ou Dialetologia pluridimensional e relacional que tem como característica principal, coletar dados e representá-los por meio de um estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA com relação à Alimentação e Cozinha. Este estudo foi desenvolvido a partir da metodologia da Geolinguística pluridimensional que está presente no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2015).

Sendo assim, o estudo propõe fazer um levantamento sistematizado do léxico e da semântica dessa comunidade para dar continuidade aos estudos geolinguísticos já existentes. Como a região escolhida é uma comunidade remanescente de quilombos, contém um grande arcabouço linguístico a ser pesquisado.

#### **4.1.2 Procedimentos Metodológicos**

Os procedimentos metodológicos utilizados para a construção do *corpus*, iniciou-se com a apresentação de um panorama sobre o ponto de inquérito, Helvécia, em que posteriormente ocorreu uma descrição dos aspectos históricos, demográficos e socioculturais da comunidade

já mencionados em capítulos anteriores. Isto posto, ocorre, no tópico seguinte, a descrição dos informantes e no subtópico relacionado à procedência dos informantes e dos seus mais velhos e mais velhas (ancestrais), o detalhamento dos elementos concernentes à sua procedência.

Também foram realizadas através das técnicas já expostas, a coleta de dados, utilizando como base, o questionário do ALiB, o QSL que sofreu a inclusão de perguntas, como já dito, para obter as respostas-base indicadas em cada questão. *A posteriori*, a pesquisa foi gravada em áudios e ocorreu a transcrição dos dados/respostas dos informantes e os procedimentos de escolha às respostas, as lexias que interessavam à pesquisa e posterior análise dos dados.

A pesquisa para a dissertação de mestrado de que se tratou aqui, teve a tarefa de realizar um estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA no Campo Semântico que se trata da Alimentação e Cozinha. Assim, observou-se a variedade da língua portuguesa falada na comunidade quilombola de Helvécia, apenas nesse campo semântico.

Para embasar este estudo, utilizou-se de teóricos que abordaram a temática da Sociolinguística, como Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006); os que debatem o papel da Sociolinguística laboviana, tais como: Labov ([1972] 2008) e Meillet (1929, 1950). Também houve a abordagem sobre a Dialetoлогия pluridimensional e relacional ou Geolinguística Pluridimensional para a realização de um levantamento linguístico. Foram destacados alguns autores, a saber, Alkmim (2004), Borges (2009), Thun (1995, 1998, 2005), entre outros.

A pesquisa foi efetivada seguindo os fundamentos da Geolinguística, realizando o registro das variações diatópicas, diassexuais, diageracionais, diafásica e diarreferencial, em relação aos itens lexicais estudados, por intermédio do controle de 03 (três) variáveis: sexo, idade e procedência.

Assim, foi erigida uma malha linguística com 01 (um) ponto de inquérito, onde foram entrevistados alguns habitantes da comunidade quilombola de Helvécia. *A priori*, foi escolhido o Grupo 01 de informantes idosos com 06 (seis) indivíduos (homens e mulheres). Entretanto, por ser considerada uma pessoa ligada à tradição na comunidade, uma professora de 45 anos fez parte desse grupo, perfazendo um total de 07 (sete) informantes. Após uma conversação livre como teoriza Thun (1999), ao mencionar a dimensão diafásica com relação às variações de estilo, utilizou-se na pesquisa, a conversação livre ou dirigida entre a pesquisadora e os 07 (sete) informantes do Grupo 01 (doravante G1).

Para o Grupo 02 (doravante G2), em uma data posterior, foram escolhidos 12 (doze) homens e 12 (doze) mulheres, perfazendo um total de 24 (vinte e quatro) informantes de acordo com o critério da variável sexo. Na variável idade, a faixa etária foi de 19 a 40 anos (Faixa I),

de 41 a 60 anos (Faixa II), de 61 a 80 anos (Faixa III), adicionando-se os informantes nativos de mais de 80 anos (Faixa IV); e também foi analisada a procedência de cada um deles.

A pesquisa foi gravada em áudios cuja ferramenta utilizada foi o celular *Xiaomi Redmi 9 Activ*. *A posteriori*, foi realizada a transcrição de trechos das respostas que interessaram à pesquisa para a realização das análises. As entrevistas semiestruturadas tiveram como base, o QSL do Projeto ALiB, que subsidiou a primeira aquisição dos dados a serem coletados.

Logo, ao se registrar a língua falada da comunidade quilombola de Helvécia, esperou-se perceber as influências socioculturais na língua em seu cotidiano, fortalecendo as suas raízes linguísticas. Desse modo, mesmo com a complexidade da pesquisa geolinguística, o estudo semântico-lexical também deve possibilitar pesquisas relevantes. Para Razky (2013), o resultado obtido no estudo pode indicar que houve modificações/alterações na gestão do espaço dialetal regional devido à metodologia do ALiB, a qual compreende uma amostra socialmente estratificada em nível local e regional.

O estudo visou, ainda, descortinar no âmbito extralinguístico e histórico, fazendo menção em alguns momentos da pesquisa, como a língua falada se insere no fortalecimento e valorização da cultura afro-brasileira e africana dentro da comunidade remanescente quilombola de Helvécia.

#### **4.1.3 Seleção dos sujeitos da pesquisa (informantes), classificação e documentos normativos**

Para realização da coleta dos dados necessários à pesquisa, buscou-se estabelecer os sujeitos da pesquisa em conformidade às orientações inclusas no Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2015), aderindo aos aspectos concernentes às necessidades do estudo em pauta. Com o primeiro grupo, que compôs os sujeitos do estudo à nossa rede, foram escolhidos os habitantes de Helvécia afrodescendentes que fossem mais idosos e cuja procedência fosse a de moradores que nasceram em Helvécia e que os seus pais, em sua maioria, também fossem oriundos dessa comunidade. Essa entrevista ocorreu em 1º de maio de 2023 com 07 informantes. A faixa etária de 06 destes informantes foi de 68 anos a 89 anos. Entretanto, havia uma pessoa bastante engajada na comunidade que estava presente e também foi entrevistada. Trata-se de uma professora de 45 anos que gosta de manter as tradições na comunidade e cooperou com muitas informações importantes em várias falas/relatos.

A 2ª entrevista ocorreu em um período de 08 de maio de 2023 a 22 de maio de 2023, com 24 informantes afrodescendentes, todos moradores de Helvécia, em que foi estabelecido alguns critérios de escolha:

- a) Número de 24 sujeitos da pesquisa;
- b) Ambos os sexos, masculino e feminino: 12 homens e 12 mulheres;
- c) A faixa etária ampla, de 19 a mais de 80 anos, compreendendo quatro faixas, a saber: de 19 a 40 anos (Faixa I), de 41 a 60 anos (Faixa II), de 61 a 80 anos (Faixa III), adicionando-se os informantes nativos de mais de 80 anos (Faixa IV);
- d) A procedência: nascidos na comunidade de Helvécia, e de preferência, filhos de pais nascidos também na localidade<sup>14</sup>.

Para realizar o primeiro contato com os moradores de Helvécia, foi necessário, *a priori*, elaborar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A), para que a Entrevista Semiestruturada Qualitativa (Apêndice B) pudesse ocorrer com os informantes afrodescendentes helvecianos.

Foram concedidos à pesquisadora, pela UNEB, em 06 de dezembro de 2023, o Termo de Autorização Institucional da Coparticipante (Anexo B) e o Termo de Autorização Institucional da Proponente (Anexo C), para que fosse autorizada a desenvolver na instituição UNEB, a pesquisa do Estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

*A posteriori*, foi assumido um Termo de Compromisso do Pesquisador (Anexo D), em que declarou-se estar ciente das normativas que regulamentam a atividade da pesquisa envolvendo seres humanos em conformidade à Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade. Na mesma data, foi necessário assinar um Termo de Confidencialidade (Anexo E) em 06 de dezembro de 2022, em que foi assumido o compromisso de preservar a identidade e a privacidade dos participantes, por isso os seus nomes foram preservados e serão utilizadas apenas, as iniciais do nome.

Foi preciso, ainda, obter um Termo de Concessão (Anexo F), o que foi conseguido com uma representante quilombola de Helvécia, que foi designada para tal e comumente atende às pessoas que necessitam de liberação, concessão, anuência, para realizar pesquisas, uma vez que não se tem uma secretaria apropriada para isso. Essa visita à representante quilombola ocorreu

---

<sup>14</sup> Essa variável não pôde ser cumprida na íntegra, pois alguns informantes da pesquisa têm pais e/ou avós oriundos de outras localidades e Estados como Belo Horizonte, Minas Gerais, e são oriundos de outros países como a Alemanha, fato que será demonstrado na Tabela 66.

em 07 de dezembro de 2022, para conseguir a autorização à entrada na comunidade e ainda, para ter acesso a documentos para a coleta de dados. E na mesma localidade, na mesma data, conseguiu-se a Carta de Anuência (Anexo G) com a liderança quilombola acima mencionada, para que a pesquisa pudesse ser iniciada, com a concessão dessa líder, por se tratar de uma comunidade quilombola e necessitar desses trâmites legais descritos. Assim, principiou-se a pesquisa na comunidade de Helvécia em 01 de maio de 2023, com o Grupo 01 - G1 (grupo de idosos + uma professora de 45 anos), em que perguntas foram feitas através de conversação dirigida no desenrolar das entrevistas.

Com o primeiro grupo adotou-se a abordagem proposta por Thun (1999), a qual afirma que, em uma conversação livre ou dirigida, o pesquisador pode até fazer com que o seu entrevistado/informante esqueça que está sendo entrevistado, garantindo, dessa forma, o máximo de espontaneidade nessa etapa.

As outras visitas foram realizadas com o Grupo 02 - G2 (faixa etária, 12 pessoas do sexo masculino e 12 pessoas do sexo feminino). Estas visitas ao G2 perduraram de 08 de maio de 2023 até 22 de maio de 2023, objetivando analisar a variação semântico-lexical na comunidade de Helvécia em uma perspectiva sociodialetoal, buscando manter viva a memória linguística dessa localidade e oferecer informações para minimizar a escassez de trabalhos geolinguísticos sobre o falar dessa comunidade, com o foco no QSL do projeto ALiB com adaptações possíveis.

Buscou-se, também, observar, por meio das respostas às entrevistas concedidas pelos helvecianos, o quanto as lexias que representam o Campo Semântico Alimentação e Cozinha do ALiB e as lexias das outras questões formuladas para complementação do instrumento da pesquisa, traduzem o falar de Helvécia, mostrando as palavras que foram mantidas, as que podem ter sofrido variação ou algumas que porventura possam estar esquecidas.

Os sujeitos da pesquisa, que atenciosamente colaboraram com o estudo, respondendo à entrevista semiestruturada qualitativa, não eram conhecidos da pesquisadora, pois sendo consonante com Tarallo (1994, p. 27), reconhece-se que “essa seleção deveria ser realizada de forma que se obtesse uma imagem mais verdadeira do fenômeno em estudo”. Entretanto, a principal diretriz utilizada para a seleção dos informantes do 2º grupo de pesquisa foi a da amostragem por faixa etária de 18 a 89 anos. Essa abordagem foi aplicada devido ao fato de a localidade em estudo se tratar de uma comunidade quilombola e necessitar-se de um número de informantes de ampla faixa etária, para melhor compreensão do fenômeno linguístico. Assim, essa amostragem garantiu que a escolha dos informantes a serem entrevistados, fossem selecionados nos dias de visita da pesquisadora à comunidade de Helvécia.

Foi realizada, então, a aplicação de uma entrevista livre ao G1 com perguntas relacionadas à Alimentação e Cozinha, questionando o que comiam e bebiam no café da manhã, almoço, jantar; o modo de preparo de alguns alimentos; o que costumavam beber e comer nas datas festivas na comunidade. Trata-se do Grupo 01 de idosos (que em relação à idade, compreendia a Faixa III e Faixa IV - faixa etária de 68 a 89 anos); e também foi feita a entrevista com uma informante professora de 45 anos.

Depois, a entrevista foi com o G2, distinto do primeiro, por ser um grupo sem a preocupação com a faixa etária – utilizando-se da entrevista semiestruturada qualitativa, com a gravação dos áudios, para que fossem ouvidas as entrevistas e delas fossem extraídas/catalogadas as lexias relacionadas ao Campo Semântico Alimentação e Cozinha. E posteriormente, pudessem ser transcritos alguns diálogos, especialmente os trechos necessários à pesquisa, o que colaborou na identificação dos vocábulos ainda reconhecidos entre os falantes daquela comunidade, os que eram consonantes nos dois grupos e identificar, assim, os que não eram mais ditos, ou seja, encontravam-se sem ocorrência de uso para os falantes da pesquisa.

Posteriormente às entrevistas ao G1 e G2, houve a escolha de seis obras lexicográficas que abrangeram 04 séculos, ou seja, do século XVIII ao XXI, e foram analisadas 62 lexias – as que constavam no QSL do ALiB e as mencionadas pelos falantes de Helvécia, após pesquisa.

#### **4.1.4 Tratamento dos Dados e Instrumento de Registro de Dados**

O estudo teve o embasamento dos pressupostos teóricos da Dialetoleologia pluridimensional e relacional (Thun, 1998, 2005) sob os indicadores metodológicos da Geolinguística (Thun; Elizaincín, 2000). Após a escolha do ponto de inquérito realizado na extensão territorial da comunidade quilombola de Helvécia, foi aplicado o questionário-padrão do projeto Atlas Linguístico do Brasil com adaptações, ou seja, com mais questões inclusas, após uma visita, *a priori* com 07 informantes, o que desencadeou, *a posteriori*, com 24 informantes, uma pesquisa mais elaborada e semiestruturada.

A amostra utilizada faz parte do *corpus* do projeto ALiB com adaptações possíveis. Trata-se de 07 informantes do Grupo 01 em uma entrevista de conversação livre e 24 informantes do Grupo 02 que responderam às questões contidas no QSL e às demais questões inclusas. O instrumento da pesquisa se baseou no QSL do ALiB, cujo Campo Semântico foi o da Alimentação e Cozinha, mas não ficou preso a ele, pois muitas outras lexias foram surgindo.

Esses informantes distribuem-se equitativamente, seguindo a metodologia do projeto conforme segue: Faixa etária (idade) (Faixa I: de 19 a 40 anos; Faixa II: de 41 a 60 anos; Faixa

III: de 61 a 80 anos; e Faixa IV: com mais de 80 anos). Sexo: masculino (M) e feminino (F) e a procedência (P).

A pesquisa realizada foi exploratória de natureza qualitativa. A pesquisa exploratória “[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 2019, p. 43). Assim, esse tipo de pesquisa possibilita o confronto entre a visão dos diversos autores utilizados para a fundamentação deste estudo, através da Sociolinguística laboviana e da Dialetoologia pluridimensional e relacional.

Este estudo cumpriu com todas as exigências da Resolução de nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre pesquisa com seres humanos, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) em conformidade com o CEP/CONEP, visto que todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos necessitam ser submetidos ao Sistema do Comitê de Ética em Pesquisa por intermédio da Plataforma Brasil. Isto posto, esta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética, por tratar-se de um estudo acerca do falar de seres humanos de uma comunidade quilombola, conforme nº do Parecer Consubstanciado do CEP é 5.912.384 e CAAE 66179622.5.0000.0057. Assim que os trâmites legais foram conclusos, iniciou-se a pesquisa com os informantes de Helvécia.

A seguir, apresentam-se os resultados alcançados por meio da aplicação da entrevista com o G1 em 01 de maio de 2023 e a entrevista semiestruturada qualitativa aos informantes da pesquisa do G2, de 08 de maio de 2023 a 22 de maio de 2023, cujo instrumento utilizado como base foi o QSL do ALiB, que sofreu adaptação e questões foram acrescentadas para obter um melhor resultado na compreensão do falar de Helvécia, através das lexias obtidas e de algumas transcrições dos áudios realizadas de acordo às necessidades da pesquisa.

Por meio de quadros comparativos entre os dois grupos e da análise das lexias encontradas no G2 juntamente com a comparação de cada lexia selecionada após análise em 06 (seis) obras lexicográficas escolhidas abrangendo 04 (quatro séculos) – XVIII, XIX, XX e XXI –, buscou-se apresentar os resultados obtidos. O objetivo foi investigar o falar da população idosa (tradicional) e avaliar se os aspectos socioculturais e linguísticos influenciaram a população mais jovem, especialmente no vocabulário relacionado à Alimentação e Cozinha ou das lexias concernentes à Alimentação de Helvécia. Também foram observadas as lexias mencionadas por cada informante dos grupos, quantos mencionaram a mesma lexia às perguntas semelhantes durante a entrevista conduzida pela pesquisadora, identificando quais lexias tinham verossimilhança, quais diferiam.

## 5 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DO FALAR HELVECIANO: CAMPO SEMÂNTICO – ALIMENTAÇÃO E COZINHA

O que torna a linguagem possível é o que separa os sons dos corpos e os organiza em proposições, torna-os livres para a função expressiva. É sempre uma boca que fala; mas o som cessou de ser o ruído de um corpo que come, pura oralidade, para tornar-se a manifestação de um sujeito que se exprime (Deleuze, 2000, p. 187).

Ao realizar este trabalho de pesquisa sobre o léxico utilizado por uma comunidade linguística específica, é importante salientar que reconhece-se que esse material cuja análise foi realizada, também é determinado por fatores sociais. Portanto, o estudo não deve se limitar à exposição de uma lista de palavras escolhidas por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários. É fundamental, também, entender o processo de obtenção das palavras que integram esse vocabulário e compreender a sua valoração histórica no cerne da comunidade linguística em questão.

Nesse âmbito, relaciona-se o léxico à sociedade, ao afirmar:

Qualquer sistema léxico é o somatório de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua (Biderman, 1978, p. 139).

Para cumprir essa tarefa, o estudo baseou-se em fundamentos teóricos da Sociolinguística laboviana, da Dialectologia pluridimensional e relacional e da lexicologia, a fim de efetivar a análise das palavras/lexias disponíveis. Vilela (1994) afirma sobre a relação histórica entre uma língua e o povo que a utiliza, salientando que o léxico é a parte da língua que inicialmente representa a realidade extralinguística e preserva o conhecimento linguístico de uma comunidade.

Assim sendo, o referido autor informa que “avanços e retrocessos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, essencialmente quase tudo antes de ser incorporado à língua e à cultura de um povo possui um nome e esse nome faz parte do léxico” (Vilela, 1994, p. 45).

Percebe-se, assim, que a reestruturação lexical, que em tempo algum sucede na totalidade, o que impossibilitaria a comunicação, é o resultado de que as culturas humanas não aceitam o estacionamento do conhecimento sob os mais diversos ângulos. De acordo com Biderman (2001, p.178), verifica-se que, “embora o Léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam

o vocabulário dessa língua. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a semântica da sua língua [...]”.

O léxico de uma língua reflete, desse modo, a história de uma sociedade e seu povo, informando sobre “seus valores, sua moral, suas crenças, preferências, descobertas e outros fatores” (Brito, 2013, p. 96) que, em certos casos, levam a uma alteração do significado de um vocábulo, com o passar dos anos, ou à associação de novos sentidos. Dentro dessa perspectiva, de acordo com Biderman (2001), é possível compreender que o léxico de uma língua pode ser definido como o patrimônio linguístico de uma determinada comunidade ao longo de sua trajetória histórica.

### 5.1 ANÁLISE DA DIMENSÃO SOCIODIALETAL DOS ITENS LEXICAIS INTEGRADOS AO CAMPO SEMÂNTICO ALIMENTAÇÃO E COZINHA COM ADAPTAÇÕES DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO ALiB

Foi preciso fazer uma entrevista ‘de conversação livre ou dirigida’ conforme preconiza Thun (1999) – ocorrida na primeira visita da pesquisadora à comunidade quilombola em 01 de maio de 2023 –, que fluía conforme as respostas iam surgindo com os informantes mais idosos de Helvécia, formando o Grupo 01, abrangendo duas faixas (Faixa III e IV, pois os informantes possuíam faixa etária entre 68 e 89 anos), mas também foi entrevistada na mesma data, uma professora de 45 anos muito ligada às tradições helvecianas. As lexias serão apresentadas na ordem em que foram ditas na entrevista na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Informantes, faixa etária e lexias do 1º grupo da comunidade afro-brasileira de Helvécia.

CÓDIGO DO INFORMANTE	INICIAIS DO NOME DO INFORMANTE (SIGLA DO NOME)	SEXO	FAIXA ETÁRIA (IDADE)	LEXIAS: ALIMENTAÇÃO E COZINHA
01	(SH)	F	III – 79 anos	Pão, leite, café com leite, feijão, arroz, carne, verdura, feijão tropeiro, macarrão, frango, peru, carne assada, milho verde assado, batata, aipim.
02	(KS)	F	III – 68 anos	Feijão, arroz, verdura, carne ensopada, toucinho, pimenta do reino, alho, corante, quiabo, abóbora, inhame, pernil assado, frango assado, churrasco, feijão tropeiro, farofa de cenoura, moqueca de peixe, salsa, feijoada, cocada, queijada, bolo de aipim, sarapatel, galinha ao molho pardo, frango desossado, licor, batida de maracujá, batida de coco, caipirinha.
03	(DR)	F	III – 71 anos	Macarrão, verdura, alface, saladinha, feijão, pimenta do reino, moqueca de peixe.

04	(T)	F	III – 69 anos	Pão, biscoito, batata, aipim, café, chá, leite, feijão, arroz, verdura, carne, peixe, pimenta do reino, feijão tropeiro, bolo de cenoura, moqueca de peixe, coentro maranhão, milho assado, milho cozido.
05	(TN)	F	IV – 89 anos	Pão, banana, biscoito, café com leite, arroz, feijão, carne, galinha, peixe, cebola, alho, pimenta do reino, pimenta de cheiro, bolo, mugunzá, leite de coco, leite de gado, mandioca, aipim, arroz doce.
06	(TJ)	F	III – 76 anos	Mandioca mansa, banana, pão, aipim, arroz, feijão, cortado de abóbora, macarrão, peixe, carne de gado, carne de porco, frango, alho, hortelã, pimenta do reino, cominho, cozido, vaca atolada, feijoada, verdura, maionese, macarrão com queijo, lasanha, manjar, doce de leite, bolo, doce de mamão, doce de abacaxi, cachaça, vinho doce, vinho azedo, refrigerante, licor de jenipapo, licor de abacaxi, licor de amora, licor de jabuticaba, milho, abóbora, quiabo.
07	(RM)	F	II – 45 anos	Batata, mandioca, suco, café, leite, peixe, carne bovina, arroz, feijão, verdura, carne suína, manjerição, hortelã, alho, cheiro verde, canjica, mingau de milho, mandioca na costela, bolo de aipim, macaxeira com carne do sol, carne ensopada, queijada, cocada, bolo de milho, bolo de aipim, biscoito de goma, cachacinha, vinho, chá de cidreira, chá de capim limão, cachaça pura.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Algumas transcrições serão mencionadas aqui, da forma que foram ditas, *ipsis litteris*, utilizando os mesmos vocábulos, por serem de enorme relevância ao estudo e pela riqueza dos detalhes.

### Informante 01 - L

Quando questionada sobre a bebida que costumava tomar no café da manhã, a informante mencionou: “*Ninguém bebe, não. Tudo evangélico. (... ) Tem só um leite. Refrige... Tem assim, um suco, café com leite*” (L).

Em relação à janta, ela afirmou: “*Jantar, não janto, não. Janta só um lancho*” (L).

Em relação às comidas que são feitas em Helvécia nas datas comemorativas, ela disse: “*Nós faz assim: feijão tropeiro, macarrão, frango, peiru, carne assada (... ) Milho verde assado, batata, aipim*” (L).

## Informante 02 - AF

A informante citou os alimentos mais comumente utilizados nas festividades que têm apresentações do bate-barriga, a saber, “*Tropeiro ou feijoada, cocada, queijada, bolo de aipim*” (AF).

Em relação ao preparo da queijada e os seus ingredientes ela afirmou: “*Coco, manteiga, e o trigo, um pouco de pó royal, muito não, tem que ser pouco, bem pouquinho o pó royal (...). É tipo um bolo, só que leva coco, o trigo é só para colar o coco*” (AF).

A pesquisadora perguntou: - Por que esse doce se chama queijada? No que AF respondeu: “*Ah, issé, issé, é da época da minha mãe, de minha vó, qui eles fala queijada, só que num leva queijo, não, né?*”.

Por ser bastante mencionada, a queijada trouxe curiosidade à pesquisadora para saber que formato tinha, aparência e sabor. A pesquisadora conseguiu encontrá-la em 08 de maio de 2023, na padaria existente em Helvécia, conforme Figuras 13 e 14:

Figura 13: Queijada.



Fonte: Autora da Pesquisa (2023).

Figura 14: Queijada.



Fonte: Autora da Pesquisa (2023).

## Informante 06 - AF-T

A informante prefere ser chamada pelo apelido, por isso foi acrescentada mais uma letra às iniciais do seu nome, que representa a inicial do seu apelido. Ela mencionou que no café da manhã costuma comer “*mandioca mansa, banana, pão (às vezes), aipim*” (AF-T).

Quando questionada quais as bebidas que costumavam ser servidas nas festividades de Helvécia, ela disse: *“Oh, para quem bebe tem a cachaça, que eles gosta, tem o vinho doce, tem o vinho azedo, tem o refrigerante. Agora, eu que num bebo nada disso, nem nunca bebi, eu num (...). Licor de jenipapo, abacaxi, licor de amora, de jabuticaba, esse tipo aí”* (AF-T).

Em relação ao cultivo dos alimentos feitos em Helvécia, ela disse: *“U, U, ... É que tem a época de plantar, né, agora mesmo<sup>15</sup>, é a época de plantar feijão, milho, abóbora, quiabo, agora é época. Daqui até setembro, a gente tem a safra prá vender, né?”*

Já em relação à técnica de plantio e colheita, se há algum tipo de técnica utilizada, ela respondeu: *“Não. A gente planta por... Eu, pelo menos, planto por minha conta própria, se é de adubo, é adubo, se é de esterco, é esterco. É... Agora os zotro é que eu num sei”*.

### **Informante 07 - RC**

A informante RC que traz uma riqueza de lexias, em que algumas falas serão abaixo transcritas, é professora e demonstra ser muito atenta às questões socioculturais de Helvécia, pois preocupa-se em manter as tradições, as festividades e afins. Ao ser entrevistada acerca do que costumam comer e beber no café da manhã, afirmou:

*O nosso café da manhã é bem variado, entendeu? A gente ainda consegue manter aqui na nossa comunidade, né, algumas culturas, é, é, plantação de batata, éééé, a mandioca, né, e aí a gente procura, tem as pessoas que também produzem esses alimentos aí com frequência, então a gente ainda consegue manter uma alimentação saudável, voltado mesmo para essas questões que são produzidas aí na própria comunidade. E também, varia, né? Às vezes, a gente alimenta, faz esse tipo de alimentação, ora a gente tambémmm, ééé, alimenta de produtos industrializados, também. Mas, o que, o principal são esses alimentos que a gente produz aqui em Helvécia (RC).*

Sobre o que costuma beber no café da manhã, citou: *“Suco, café tradicional, leite”* (RC). Em outro momento lembrou-se que não costuma fazer bolos porque *“as quitadeiras fazem uma variedade de bolos para vender”* (RC).

Em um outro momento as suas lembranças perpassaram acerca do que ocorre no *Rito de passagem*, ou seja, *a Reza de um ano de falecido*, conforme transcrição a seguir:

---

<sup>15</sup> Quando ela se refere a “agora mesmo”, em relação à época de plantar, trata-se do período do mês de maio, quando a 1ª entrevista foi realizada com o Grupo 01 em 1º de maio de 2023.

*Então, quando acontece a reza de um ano, né, do falecido, que é rito de passagem, muitas famílias, ainda com, mantêm essa tradição, que é reunir. Eles convidam com antecedência essas pessoas e aí é feita a reza e logo, em seguida, ééé, eles servem o jantar, geralmente esse jantar ééé, feijão, arroz, [...], éé carne ensopada, carne bovina e também, a carne suína. As pessoas se alimentam ali, com muita fartura, né. As pessoas gostam de estar ali reunidas, prá prá viver ali, aquele momento e, em seguida, eles fazem algumas danças que são tradicionais aqui, como a, o Bate-barriga, o samba de viola. E claro queeee diminuiu um pouco, mais ainda temos na comunidade algumas famílias que mantêm essa tradição (RC).*

Ela também abordou sobre as sobremesas, doces, que são feitos nas festividades da comunidade de Helvécia: “*a queijada, a cocada, os bolos de milho e aimpim, o biscoito de goma, feita de mandioca*” (RC). Em relação ao preparo da queijada, informou conforme transcrição a seguir:

*A queijada, até o nome, às vezes, as pessoas, é, quando fala em queijada, tem gente que associava ao queijo, mas não tem nada a ver com queijo. A queijada daqui de Helvécia é um bolinho que é feito com o trigo, mesmo e bastante coco, né, ééé, e assada no forno com formozinho de um pão, mas é um bolinho de trigo, com muito coco e açúcar. E o povo gosta muito (RC).*

Em relação às apresentações do samba de viola mencionou: “*apresentações em agosto ou quando vem escola. Mês de novembro, na consciência negra e mês de dezembro com a realização da queima do judas, que é a passagem do ano velho para o ano novo*” (RC).

Sobre a queima do judas, segue afirmando que:

*As pessoas saem cantando e dançando com o judas, aí chega na praça principal, esse judas é queimado, né, no meio de muita festa e aí, logo em seguida, as pessoas dançam o samba de viola e o bate-barriga. É uma fe..., é um momento que a gente consegue reunir muitas pessoas na praça em torno desse evento.*

As visitas subsequentes relacionadas à pesquisa, ocorreram em 08 de maio de 2023 a 22 de maio de 2023 para realização da entrevista semiestruturada qualitativa (Apêndice B) com o Grupo 02, que utilizou como instrumento de pesquisa, um questionário aplicado aos 24 informantes de faixa etária mais ampla. Este instrumento se baseou no QSL do ALiB com adaptações e acréscimos. Isto posto, reuniu-se, portanto, uma seleção de palavras apresentadas pelos helvecianos, para servir de norteamento para a pesquisa.

Diversas lexias podem ser notadas juntamente com o QSL (Quadro 1), que foi aplicado à população selecionada no Grupo 02 em conformidade com o demonstrado a seguir:

Quadro 1 – Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB.

<b>QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PROJETO ALiB</b>	
<b>Área Temática– ALIMENTAÇÃO e COZINHA</b>	
<b>Nº</b>	<b>Questões</b>
<b>176</b>	CAFÉ DA MANHÃ: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
<b>177</b>	GELEIA: Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
<b>178</b>	CARNE MOÍDA: Como se chama a carne depois de triturada na máquina?
<b>179</b>	CURAU / CANJICA: Como se chama a uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?
<b>180</b>	CURAU: Como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?
<b>181</b>	MUGUNZÁ / CANJICA: Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?
<b>182</b>	AGUARDENTE: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?
<b>183</b>	EMPANTURRADO: Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Como tanto que estou _____.
<b>184</b>	GLUTÃO: Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?
<b>185</b>	BALA / CONFEITO / BOMBOM: Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? ( <i>Mostrar</i> ). <i>PEDIR PARA DESCREVER.</i>
<b>186</b>	PÃO FRANCÊS: Como se chama isto? ( <i>Mostrar</i> ).
<b>187</b>	PÃO BENGALA: Como se chama isto? ( <i>Mostrar</i> ).

Fonte: Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001, p. 36). Adaptado.

Na Tabela 2, tem-se a distribuição categorizada das lexias mais importantes ditas por cada informante na entrevista via celular, através da gravação de áudios. Para tanto, houve a distribuição da faixa etária, conforme já descrita. A faixa etária (Faixa I: de 19 a 40 anos; Faixa II: de 41 a 60 anos; Faixa III: de 61 a 80 anos; e Faixa IV: com mais de 80 anos).

Tabela 2: Informantes, faixa etária e lexias do 2º grupo da comunidade afro-brasileira de Helvécia.

CÓDIGO DO INFORMANTE	NOME DO INFORMANTE (SIGLA DO NOME)	SEXO	FAIXA ETÁRIA	LEXIAS: ALIMENTAÇÃO E COZINHA
01	SH (SH)	F	I	Bala, bisnaga, canjica, crepioca, manampansa, moqueca de farinha, puxá, rico e pobre, café da manhã, carne.
02	K S (KS)	F	I	Baguete, bala, canjica, pão francês.
03	D R (DR)	M	I	Bala, cachaça, dobradinha, mocotó, pau na coxa, café da manhã.
04	T (T)	F	I	Bala, bobó, pão francês, café da manhã.
05	T N(TN)	M	I	Bala, brocador, bucho cheio, canjica, mingau, rico e pobre, café da manhã.
06	T J (TJ)	F	I	Bala, beiju, canjica, comilão, crepioca, pão francês, pinga, café da manhã, cuscuz.
07	R M (RM)	F	I	Bala, canjica, café da manhã.
08	C S (CS)	M	I	Bala, pirão, geleia, pamonha, mingau, canjica, guloso, pão francês, pão de sal, pão de rabanada, polenta, café da manhã.
09	C C (CC)	F	I	Bala, vaca atolada, geleia, canjica, pamonha, temperada, pão francês, pão de Cristo, café.
10	J S (JS)	F	I	Bala, queijada, quitandas, mugunzá, bisnaga, café.
11	W F (WF)	M	I	Bala, mingau, canjica, cachaça, guloso, café da manhã.
12	R C (RC)	M	II	Bala, broa, canjica, desjejum, queijada.
13	I K (IK)	M	II	Bala, Pirão de caldo de peixe, fruta-pão, queijada, moqueca, pau na coxa, mugunzá, empanzinado, comelão, bisnaga, café.
14	C C (C)	F	II	Bala, bobó, pinga, canjica, guloso, café.
15	M A (MA)	F	II	Bala, fruta-pão, queijada, pau na coxa, pamonha, canjica, cachaça, empanzinado, bisnaga, café da manhã.
16	S J (SJ)	F	II	Bala, broa, cuscuz, mingau, tatu, saruê, capivara, pirão molhado, canjica, farta, guloso, café.
17	R C (R)	M	II	Bala, batida, cachaça, carne moída, licor, mingau de milho, pão gigante, pirão com peixe, café.
18	J P (JP)	M	III	Bala, beiju, canjica, empanzinado, bisnaga, suco.
19	J S (JS)	M	III	Bala, Mingau de milho, Caipirinha, comelão, pão de sal, café da manhã.
20	E F (EF)	M	III	Bala, Canjica, feijoada, pamonha, queijada, rosca, café.
21	A F (AF)	F	III	Bala, Pirão, queijada, rico e pobre, vaca atolada, mingau, canjica, canjicão, café.
22	A F (AF-T)	F	III	Bala, canjica, mingau, pirão, fruta-pão, feijoada.
23	M A (MA)	M	IV	Bala, Canjica, beiju, mugunzá, pamonha, cacetinho, café.
24	I M (IM)	F	IV	Bala, canjicão, queijada, canjica, mingau, geleia, café da manhã.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Após isto, tem-se a construção de um Pré-glossário da variação semântico-lexical em Helvécia, cujo Campo Semântico escolhido para ser estudado foi o da Alimentação e Cozinha, com as palavras que foram selecionadas por serem mais mencionadas ou por serem diferentes e causarem curiosidade e as lexias que constam no QSL do ALiB, perfazendo um total de 62 lexias.

### 5.1.1 Pré-glossário da Variação Semântico-Lexical em Helvécia: Campo Semântico – Alimentação e Cozinha

Circunscrevendo o cerne do enfoque deste texto dissertativo, objetiva analisar a variação semântico-lexical no Distrito de Helvécia sob uma concepção sociodialetoal, com o foco no Campo Semântico Alimentação e Cozinha, em que os vocábulos/lexias estão presentes no dia a dia dos residentes de Helvécia, especialmente no café da manhã, no almoço, no jantar e nas festas comemorativas tradicionais da comunidade. Por isso, foram considerados, também, os alimentos que são preparados para as festas religiosas tradicionais que ocorrem em Helvécia, como a Festa de São Sebastião (janeiro) e a Festa de Nossa Senhora da Piedade (setembro). Nesses festejos, com frequência, têm apresentações da dança do bate-barriga e samba de viola.

Vale ressaltar que foram usadas todas as 12 perguntas que constam no Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB no que se refere à área temática da Alimentação e Cozinha, cujas questões são de nº 176 a 187. No entanto, novas questões foram incorporadas à entrevista que gerou um questionário semiestruturado construído pela pesquisadora, após ouvir o falar dos moradores de Helvécia do Grupo 01. Por isso, é afirmado neste estudo, que o QSL foi adaptado e acrescidas algumas questões.

Para a entrevista semiestruturada qualitativa, utilizou-se o método da sugestão (*sugerencia*, em espanhol) utilizado por Thun (1999), em que se pergunta, insiste e depois sugere. Nesse âmbito, não se usa somente a resposta primeira do informante da pesquisa, mas algumas outras respostas que são do conhecimento dele.

Durante a realização das entrevistas com os informantes da pesquisa, foram coletadas as mais diversas lexias, no entanto, neste glossário, foram incluídas apenas aquelas relacionadas ao vocabulário helveciano sobre Alimentação e Cozinha. Posteriormente à variedade das lexias mencionadas pelos informantes entrevistados, que são moradores de Helvécia - BA, surgiu a necessidade de criar um pré-Glossário com as palavras mencionadas que foram escolhidas, inclusive as contidas no QSL do ALiB.

Um pré-glossário se assemelha a um mini-dicionário, pois é um gênero de dicionário de palavras menos conhecidas, e nesse caso específico, palavras de origem regional. Nesse contexto apresentado, para Abbade (2015, p. 94), “elaborar um dicionário vai muito além de elencar palavras e defini-las”.

Nesse aspecto, a autora menciona Borba (2003) ao afirmar que um dicionário jamais pode ser considerado meramente como um depósito ou acervo de palavras. Pelo contrário, deve ser visto como um guia de uso, visando se tornar um instrumento pedagógico importante.

Isso se torna essencial quando focamos na função da interação social da linguagem, o que possibilita avaliar a relevância da língua para cada comunidade. Para Abbade (2015), por meio das pesquisas linguísticas e lexicais, somos conduzidos a ir em busca da compreensão da origem de um povo, resgatando, assim, a sua identidade e história.

A autora ressalta ainda, que a “lexicologia é um caminho seguro para se entender a história de um povo, partindo-se do estudo do seu vocabulário” (Abbade, 2015, p. 97). Daí a importância de se ter um dicionário terminológico, em que se realiza “um recorte na língua geral trazendo vocábulos específicos e utilizados em contextos específicos” (idem, p. 94).

Partindo desse pressuposto, apresenta-se aqui um Pré-Glossário com palavras ditas pelos falantes da pesquisa realizada em Helvécia com a inclusão de lexias que constam no Questionário Semântico-Lexical do ALiB.

### **Pré-Glossário**

#### **Aguardente**

Essa lexia não foi mencionada por nenhum informante de Helvécia, nem no Grupo 01 e nem no Grupo 02 de pesquisa. Consta no Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil.

#### **Baguete**

A lexia *baguete* apareceu na fala da informante do G2 (nº 02) de Helvécia, quando foi questionada: – *Como se chama isto? (Mostrar)* E lhe foi mostrado o *pão bengala*.

#### **Bala/Bombom/Confeito**

*Bala* foi uma lexia usada pelos 24 informantes de Helvécia do G2, quando lhes foi perguntado: – *Como se chama àquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? (Mostrar)*. E lhe foi mostrado uma *bala*.

As lexias *bombom* e *confeito* não foram mencionadas por nenhum informante de Helvécia, nem no G1 e nem no G2 de pesquisa. As lexias *bala*, *bombom* e *confeito* constam no QSL do ALiB.

### **Beiju**

*Beiju* foi uma lexia usada pelos informantes nºs 06, 18 e 23 (Grupo 02), quando lhes foi perguntado: – *O que o(a) senhor(a) costuma comer no café da manhã?*

### **Bisnaga**

Lexia usada por cinco informantes do G2 da comunidade de Helvécia, (nºs 01, 10, 13, 15, 18), quando lhes foi perguntado: – *Como se chama isto? Mostrar.* E lhe foi mostrado o *pão bengala*.

### **Bobó**

Lexia usada por duas informantes do G2 (nº 04 e 14) quando foram questionadas: – *Nas datas comemorativas tem algum prato tradicional que costumam fazer?* E uma das informantes prontamente respondeu: – *Canjica, bolo de milho cremoso, bolo de fubá, bolo de aipim, bobó, vaca atolada (RC).*

### **Broa**

Lexia usada por dois informantes do G2 da comunidade de Helvécia (nº 12 e 16) quando perguntou-se: – *O que costumava comer no café da manhã?* Um deles respondeu: – *Broa, cuscuз (SJ).*

### **Brocador**

Lexia usada por um informante do G2 (nº 5) quando questionado: – *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?* Durante nossas entrevistas nos deparamos com a seguinte realização, transcrita a seguir: “– *É... Vários nomes... Brocador (risos). O que mais utiliza*” (TN).

### **Bucho/Bucho cheio**

Lexia usada por um informante do G2 (nº 05) quando foi questionado: – *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Como tanto que estou \_\_\_\_\_*. A resposta dada pelo informante à questão da entrevista foi: “– *De bucho cheio*” (TN). Nenhum informante mencionou a lexia *bucho*.

### **Cacetinho**

Lexia usada por um informante do G2 (nº 23) quando foi questionado: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão francês*. No que respondeu: – *Cacetinho* (MA).

### **Cachaça**

Lexia usada por dois informantes do G1 (nºs 6 e 7) e quatro informantes do G2 (nºs 03, 11, 15 e 17), quando lhes foi perguntado: – *Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?* Um dos informantes respondeu: – *Cachaça* (IK).

### **Café/Café da manhã**

Café foi uma lexia informada por dois informantes do G1 (nºs 04 e 07) e nove integrantes do G2 (nºs 09, 10, 13, 14, 16, 17, 20, 21 e 23).

*Café da manhã* foi uma lexia mencionada por 11 informantes do G2 (nºs 01, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 11, 15, 19 e 24) quando perguntados: – *Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?* Um dos informantes mencionou: – *Café da manhã* (WF).

### **Caipirinha**

Lexia usada por um informante do G1 (nº 02) e um informante do G2 (nº 19) quando lhes foi questionado: – *Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?* Os informantes disseram: – *Caipirinha* (KS e JS).

### **Canjica**

Lexia usada por um informante do G1 (nº 07) e 18 informantes do G2 (nºs 01, 02, 05, 06, 07, 08, 09, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23 e 24), sendo, portanto, a maioria de informantes do Grupo 02, quando lhes perguntaram: – *Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?* A resposta à indagação de um dos informantes foi: – *Canjica* (CS).

### **Canjição**

Lexia usada por duas informantes do G2 (nºs 21 e 24) quando lhes foi questionado: – *Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?* Ao que responderam – *Canjição* (AF e IM).

### **Carne/Carne moída**

*Carne* foi uma lexia usada por 03 (três) informantes do G1 (nºs 01, 04 e 05) e apenas 01 (um) integrante do G2 (nº 01).

*Carne moída* foi uma lexia mencionada por apenas 01 (um) informante do G2, ao ser perguntado: – *Como se chama a carne depois de triturada na máquina?* – *Carne moída* (RC).

### **Comelão**

Lexia usada por dois informantes do G2 (nºs 13 e 19) quando foram questionados: – *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?* – *Comelão* (IK e JS).

### **Comilão**

Lexia usada por uma informante do G2 (nº 06), quando foi questionada: – *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?* – *Comilão* (TJ).

Apareceu também, o vocábulo *comelona*, em sua grafia no feminino. “– *Quase passando mal? Satisfeita. Cheia. Comelona?*” (KS).

### **Crepioca**

A lexia crepioca foi mencionada por duas informantes de Helvécia do G2 (nº 01 e 06) quando questionadas: – *O(a) senhor(a) se alimenta na maioria das vezes de que no jantar? A seguir, verificamos a fala da informante nº 01, filha e neta de moradores quilombolas de Helvécia: “– Na janta, eu faço só um lanchinho, em como um omelete, né, ou também, ou também, uma crepioca ou um pão com carne” (SH).*

### **Curau**

Essa lexia não foi mencionada por nenhum informante de Helvécia, nem no G1 e nem no G2 da pesquisa. Consta no QSL do ALiB.

### **Cuscuz**

Lexia usada por dois informantes do Grupo 02 (nºs 06 e 16) quando questionados: – *O que o(a) senhor(a) costuma comer no café da manhã?*

### **Desjejum**

Lexia utilizada por um informante do G2 (nº 12) quando questionado: – *Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?*

### **Dobradinha**

Lexia usada por um informante do G2 (nº 03) quando foi questionado: – *Cite os alimentos mais comuns, aqui em Helvécia.* Foi encontrado este registro: “– *Mais comuns? Poxa, acho que não sei te explicar, não (risos). Ah, eles comem uma porção de dobradinha, mocotó, eles gosta muito” (DR).*

### **Empanturrado**

Essa lexia não foi mencionada por nenhum informante de Helvécia, nem no G1 e nem no G2 de pesquisa. Consta no QSL do ALiB.

### **Empanzinado**

Lexia usada por três informantes do G2 (n°s 13, 15 e 18), quando lhes foi questionado:  
 – *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Como tanto que estou \_\_\_\_\_.*  
*Empanzinado, estou cheia, estômago cheio”* (CC).

### **Feijoada**

A lexia feijoada aparece na fala de dois helvecianos do G1 (n°s 02 e 06) e dois do G2 (n° 12 e 20), quando questionados: – *Cite os alimentos mais comuns, aqui em Helvécia.* A seguir, observamos a transcrição da fala de um deles: “– *É o arroz, o feijão, macarrão e salada e a feijoada, né? Final de semana”* (RC).

### **Fruta-pão**

Lexia usada por dois informantes de Helvécia do G2 (n°s 13 e 15), quando questionados:  
 – *O que o(a) senhor(a) costuma comer no café da manhã?*

### **Geleia**

Lexia usada por 03 (três) informantes de Helvécia do G2 (n°s 08, 09 e 24), quando arguidos: – *Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?*

### **Glutão**

Essa lexia não foi mencionada por nenhum informante de Helvécia, nem no G1 e nem no G2 de pesquisa. Consta no QSL do ALiB.

### **Guloso**

Lexia usada por quatro informantes do G2 (n° 08, 11, 14 e 16), quando foram arguidos:  
 – *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?*

## **Manampansa**

Durante as entrevistas que foram feitas com os helvecianos, a lexia *manampansa* foi mencionada por uma informante do G2 (nº 01), quando lhe foi perguntado: – *Qual prato vocês fazem com mandioca?* Em alguns momentos ouvia-se a informante dizer *malapança*, em outros, *manampansa*. Assim, tem-se o registro da transcrição da fala e a explicação dos alimentos feitos com a mandioca:

*Tem o... A mano... Tem a moqueca. Tem também o biscoito que também é da farinha de mandioca, querendo ou não, né, tem esse aqui. Tem também o, o, a malapança (risos). A manampansa é, parecido com oo, com a moqueca, só que ela é molhadinha no leite, é molhadinha no leite de coco, e ela fica bem macia, não fica tão... tipo seca como a moqueca de goma (SH).*

## **Mingau**

Lexia usada por sete informantes do G2 (nºs 05, 08, 11, 16, 21 e 24), quando foram questionados: – *Como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?*

## **Mingau de milho**

Lexia usada por um informante do G1 (nº 07) e dois informantes do G2 (nº 17 e 19), quando foram perguntados: – *Como se chama a uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?* Ao que foi respondido: “– *Mingau de milho (RM)*”.

## **Mocotó**

A lexia *mocotó* foi mencionada apenas por um informante do G2 (nº 3), quando foi perguntado: – *Nas datas comemorativas tem algum prato tradicional que costumam fazer? Os mais comuns?* A menção dessa lexia está na transcrição deste registro: “– *Mais comuns? Poxa, acho que não sei te explicar, não (risos). Ah, eles comem uma porção de dobradinha, mocotó, eles gosta muito*” (DR).

## **Moqueca**

Lexia usada por três informantes do G1 (nºs 02, 03 e 04) significando “moqueca de peixe”, e dois informantes do G2 (nºs 01 e 13), que deram acepções diferentes do Grupo 01, quando foram questionados: – *Nas datas comemorativas tem algum prato tradicional que costumam fazer?* A informante nº 01, rememorando tradições antigas dos seus ancestrais mencionou:

*Tem a moqueca. Moqueca de... Ela é feita de farinha, né. De mandioca? É isso? Acho que é isso, da goma da mandioca, da goma (risos). Tem a moqueca que é feita da goma com coco, mistura tudo, não sei como é que faz não, tem uma vizinha que faz, ali do lado (SH).*

## **Mugunzá**

Lexia usada por um informante do G1 (nº 5) e três informantes do G2 (nºs 10, 13 e 23) quando foram questionados: – *Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?*

## **Pamonha**

Lexia usada por cinco informantes do G2 (nº 08, 09, 15, 20 e 23) quando questionados: – *Como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?* No que um deles respondeu prontamente: “– *Pamonha?*” (CC).

## **Pão**

Essa lexia foi mencionada por quatro informantes do G1 (01, 04, 05 e 06), quando questionados: – *O que costumam comer no café da manhã?* Mas, nenhum integrante do G2 a mencionou com essa acepção.

## **Pão bengala**

Essa lexia não foi mencionada por nenhum informante de Helvécia, nem no G1 e nem no G2 de pesquisa. Consta no QSL do ALiB.

### **Pão de Cristo**

A lexia *pão de Cristo* apareceu na fala da informante nº 09 do G2 da comunidade de Helvécia, quando foi questionada: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão bengala*.

### **Pão de rabanada/Rabanada**

A respeito do questionamento: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão bengala*, o informante nº 08 do G2 mencionou: “– *Pão deeee rabanada. Não sei não. Só conheço por esse nome*” (CS).

A lexia *rabanada* não foi mencionada por nenhum informante de nenhum dos dois grupos.

### **Pão de sal**

Lexia usada por dois informantes de Helvécia do G2 (nºs 08 e 19) quando questionados: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão francês*. O entrevistado nº 08 deu duas devolutivas: “– *Pão de sal, pão francês*” (CS).

### **Pão francês**

Lexia usada por cinco informantes do G2 (nºs 02, 04, 06, 08 e 09), quando arguidos: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão francês*.

### **Pão gigante**

Lexia usada por um informante de Helvécia do G2 (nº 12) quando questionado: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão bengala*. Nesse âmbito, o informante respondeu: “– *Pão gigante (RC)*”.

### **Pau na coxa**

A lexia pau na coxa foi mencionada por três informantes do G2 (nºs 03, 13 e 15) quando arguidos: – *Fazem bebidas nas datas comemorativas? Quais?* O informante nº 3 respondeu: “– *O pessoal costuma fazer só pau na coxa, mesmo*” (DR).

### **Pinga**

Lexia usada por duas informantes do G2 (nºs 06 e 14), quando questionadas: – *Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?*

### **Pirão**

Lexia usada por uma informante do G1 (nº 6) e duas informantes do G2 (nºs 08 e 21) de Helvécia quando questionadas: – *Costumam fazer algo com farinha?*

Também foi utilizada a lexia *pirão com peixe*, por dois informantes do G2 (nºs 12 e 17), quando arguidos: – *Costumam fazer algo com farinha?*

Houve ocorrência da lexia *pirão de peixe* usada por um informante de Helvécia do G2 (nº 13) quando questionado: – *Costuma fazer algo com farinha?*

Houve ocorrência, ainda, do termo *pirão molhado* usado por uma informante do G2 (nº 16) quando perguntada: – *Costumam fazer algo com farinha?*

### **Polenta**

A lexia polenta foi mencionada pelo informante nº 08 do G2 ao ser arguido na entrevista: – *Você costuma fazer algo com milho? Ou sua família costuma fazer algum tipo de alimento com milho?* Na transcrição de sua fala, ele diz: – “*Sim, às vezes faz ééé... Polenta, ou tem também o mingau de milho*” (CS).

### **Puxá**

A lexia puxá foi empregada durante uma das entrevistas na fala de uma helveciana do G2 (nº 01) quando arguida: – *Costuma fazer algo com milho? Algum prato?* A informante começou a explicar os ingredientes e a forma de fazer o *puxá*:

*Com milho? Humm... Só o... Como é o nome desse bolo, gente? Peraí. Puxá. Ele é feito de milharina, né. Acho que é aquele negócio de milho que a gente compra e mistura ele com leite, coco, ééé, açúcar, mistura tudo na panela e coloca na forma e bota prá assar (SH).*

### **Queijada/Queijadinha**

Lexia usada por dois informantes do G1 (nº 02 e 07) e sete informantes do G2 (nºs 10, 12, 13, 15, 20, 21 e 24) quando questionados: – *Cite os alimentos mais comuns, aqui em Helvécia.* A seguir, a transcrição da fala da informante nº 10:

*Aqui em Helvécia, mais comum é a aipim, batata, ééé. Pessoal faz biscoitinhos de goma, também, queijadas, gostam muito de fazer quitandas, né, várias pessoas, principalmente as pessoas mais velhas, que já vêm de uma tradição, né? Bem antiga, que utilizava muitas coisas da terra mesmo, que Helvécia se produz muito esse tipo de coisa (JS).*

A lexia *queijadinha* não foi mencionada por nenhum informante de nenhum dos dois grupos, entretanto, foi encontrada essa lexia em obras lexicográficas em substituição da lexia *queijada*.

### **Quitanda**

A lexia *quitandas* apareceu apenas uma vez na fala da informante nº 10 do G2, quando lhe foi perguntado: – *Cite os alimentos mais comuns, aqui em Helvécia.* A informante respondeu: “– *Aqui em Helvécia, mais comum é a aipim, batata, ééé. Pessoal faz biscoitinhos de goma, também, queijadas, gostam muito de fazer quitandas, né, várias pessoas*” (JS).

A informante mencionou que as quitandas são locais em Helvécia onde as mais velhas vendem bolos de aimpim, doces, queijadas, biscoitinhos de goma, entre outras guloseimas.

### **Rico e pobre**

Lexia usada por três informantes do G2 (01, 05 e 21), quando foram questionados: – *Nas datas comemorativas têm algum prato tradicional que costumam fazer?* As informantes mencionaram o bolo *rico e pobre* como um alimento feito pelos seus ancestrais na festa da dança bate-barriga, de acordo com o registro efetivado nas entrevistas e em conformidade à seguinte realização da informante nº 01:

*Moqueca, biscoito de goma, bolo de aipim. Ah, tá, temos o bolo rico e pobre. Eu não sei que isso que, né, que característica ele é, mas ele foi finalizado aqui dentro, foi fundado aqui dentro da comunidade. Rico e pobre é um bolo de... Feito de farinha de trigo, coco, ééé, farinha de trigo, coco, açúcar, aí mistura tudo, faz uma massa homogênea, parecida com bolo, ele, ele tem uma característica muita da... Das questões éé, afrodescendentes. Eu vejo, né, eu não sei se ele é. (...) Ele tem um ingrediente só que é guardado a sete chaves porque minha tia nunca falou prá gente (risos) (SH).*

O informante nº 05 também mencionou a lexia *rico e pobre* quando foi questionado: – *E bolos? Aqui costumam fazer bolos de que?* O seu registro segue na transcrição: “– Ah, a gente conhece o bolo de coco, que é chamado de rico e pobre e bolo de aimpim” (TN).

### **Rosca**

Lexia usada por um informante de Helvécia do G2 (nº 05) quando questionado: – *E o bolinho tradicional que costumam fazer com coco, trigo, manteiga. O senhor sabe o nome? A lexia rosca apareceu na seguinte transcrição da fala: “– Ah! (inaudível), queijada, bolo de aimpim, rosca” (EF).*

### **Temperada**

Lexia usada por uma informante do G2 (nº 09) quando foi questionada: – *Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?* A transcrição foi: “– Cachaça, temperada” (CC).

### **Vaca atolada**

Na conversação livre com o G1 e na entrevista semiestruturada com o G2, após o questionamento: – *Nas datas comemorativas tem algum prato tradicional que costumam fazer? Quais pratos vocês fazem com a mandioca?*

Há a realização da lexia *vaca atolada* na fala de um helveciano do G1 (nº 06) e de três helvecianos do G2 (informantes nº 09, 12 e 21). Assim, transcrevemos uma delas, a seguir: “– Ah, o que eles fazem, porque eu não faço não, nega, é bolo de aimpim, né, é bolo de puba, ééé macaxeira, o que mais? Biscoito de... Não, biscoito de goma, não vai, não, vaca atolada” (CC).

Em resumo, das lexias encontradas no QSL do ALiB, os falantes do G2 mencionaram apenas 07 (sete) quando arguidos na entrevista (*café da manhã, geleia, carne moída, canjica, mugunzá, bala e pão francês*). As lexias que não foram mencionadas pelos falantes foram apenas 06 (seis), tais como: *curau, empanturrado, glutão, confeito, bombom e pão bengala*.

### **5.1.2 Análise comparativa das lexias em seis obras lexicográficas e porcentagem de escolha das lexias entre os falantes entrevistados**

Foram buscados em seis obras lexicográficas diferentes, na bibliografia consultada e nas lexias transcritas no *corpus* do trabalho, os significados dos vocábulos ditos pelos informantes da pesquisa e os contidos no ALiB, bem como os que não foram mencionados por nenhum colaborador da pesquisa, após conversação livre com 07 (sete) informantes do Grupo 01 e entrevista semiestruturada com os 24 (vinte e quatro) informantes afrodescendentes de Helvécia, do Grupo 02.

Desse modo, após a conversação livre, foi possível aplicar o questionário à população escolhida pela faixa etária, em que, apenas 24 (vinte e quatro) informantes foram selecionados e testar a hipótese de que a população helveciana já não mais reconhece e usa com frequência, o léxico relacionado ao falar helveciano adquirido pelos seus ancestrais quilombolas, buscando compreender, se houve, portanto, uma variação e mudança linguística.

A apresentação dos dados obtidos por meio das entrevistas foi organizada em tabelas e quadros para facilitar a visualização. No entanto, para dinamizar a pesquisa, considerou-se relevante incluir uma análise em seis obras lexicográficas, que abordam as palavras presentes no vocabulário dos moradores pesquisados em Helvécia. Isso proporcionou informações adicionais que contribuíram para o entendimento do fenômeno abordado no estudo.

Por contar a história de um povo ao longo do tempo e observar as variações linguísticas que existem nesse período, compreendemos a relevância de examinarmos o vocabulário tencionado em sua circunstância de utilização, de outro modo não seria possível garantir a coleta das lexias pretendidas neste estudo.

Com base nessas considerações, realizou-se uma análise do *corpus* em questão, o vocabulário do falar de Helvécia, no qual o Campo Semântico utilizado foi o da Alimentação e Cozinha. Apresentar-se-á uma validação de cada lexia selecionada, ditas pelos informantes da pesquisa, os moradores afrodescendentes de Helvécia, acompanhada por uma tabela comparativa contendo os registros localizados nas obras lexicográficas examinadas. Além

disso, disponibilizaremos uma tabela com a porcentagem de utilização das lexias entre as distintas faixas etárias e sexos.

A princípio, a busca nos dicionários foi realizada pelas palavras contidas no Questionário Semântico-Lexical do ALiB que foram consonantes com as respostas dos entrevistados. *A posteriori*, as palavras/lexias procuradas foram as respostas dadas pelos colaboradores da pesquisa que foram distintas do que é comumente respondido ou falado no dia a dia, ou que, em alguns casos, nem se tem registro nas obras lexicográficas sob análise neste estudo.

Os autores dos dicionários utilizados estão abaixo descritos e sua datação compreende quatro séculos:

1. Pe. Raphael Bluteau (1789), século XVIII;
2. Frei Domingos Vieira (1871-1874), século XIX;
3. Francisco Júlia Caldas Aulete (1881), século XIX;
4. Antônio de Moraes Silva (1890), século XIX;
5. Candido de Figueiredo (1913), século XX;
6. Priberam (2011), século XXI.

Os significados revelados nos quadros postos em seguida foram transcritos tal como os localizamos nas fontes originais, *ipsis litteris*, com o objetivo de assegurar um maior entendimento do encadeamento de estudo das lexias e da época/século em que o significado foi descrito, conferindo autenticidade à escrita dos dicionários.

A tabela apresenta a frequência dessa comunidade em relação ao uso dessas palavras entre os dois grupos de falantes, seja para preservar seu uso, ou seja, sua ocorrência entre os falantes pesquisados na comunidade, ou para demonstrar se há variação linguística ou mudança ao longo do tempo. Ademais, ela evidencia as diferenças entre as escolhas do Grupo 01 (os mais idosos) e do Grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos), a fim de analisar se a dimensão diageracional – que se refere às diferentes faixas etárias dos falantes –, é uma variável relevante na pesquisa, permitindo identificar as lexias semelhantes e divergentes entre os grupos mais e menos tradicionais.

Além disso, há também, a variação diatópica, que está relacionada à localização geográfica do falante, que vive em uma comunidade onde residiam ex-escravizados. No estudo, também é observada a variação diafásica, que é a diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres; e por fim, a variação diarreferencial, que diz respeito à maneira como o

informante fala em contraste com sua consciência linguística. Assim, o Quadro 2 demonstrará como foi resumida essas dimensões e os seus parâmetros.

Quadro 2 – Dimensões e Parâmetros utilizados na Pesquisa.

<b>Dimensões</b>	<b>Parâmetros</b>
Diatópica	Helvécia
Diageracional	Geração de 68 a 89 anos (G1)
	Geração de 19 a 40 anos (G2)
	Geração de 41 a 60 anos (G2)
	Geração de 61 a 80 anos (G2)
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)
	Falantes do sexo feminino (F)
Diafásica	Conversação Livre (C)
	Questionário (Q)
	Leitura (L)
Diarreferencial	Referências metalinguísticas

Fonte: Adaptado de Felício Margotti (2008, p. 2).

Nos quadros utilizaram-se abreviações com o objetivo principal de economizar espaço, sendo, portanto, mencionadas a seguir:

adj.	Adjetivo
f.	Feminino
m.	Masculino
s.	Substantivo
s.f.	Substantivo feminino
v.	Verbo
v. t.	Verbo transitivo
v. tr.	Verbo transitivo
v. t. d.	Verbo transitivo direto

A tabela que traz a constância de utilização entre os distintos informantes objetiva verificar a predisposição da comunidade quilombola quanto ao uso dessas lexias, se estão ou não preservando a sua utilização, ou se há variação semântico-lexical ao longo do tempo. Ademais, o estudo permite observar se os informantes mais tradicionais (mais idosos) cujas faixas etárias são: Faixa III: de 61 a 80 e Faixa IV: com mais de 80 anos, ainda utilizam muitas lexias faladas pelos seus ancestrais, ou até mesmo, as contidas no ALiB, observando se os informantes mantêm viva, a memória linguística da comunidade de Helvécia.

Admite verificar se há diferença no falar de Helvécia entre faixas etárias mais tradicionais e menos tradicionais; e busca observar, ainda, a procedência dos informantes de modo geral; quais as concepções da variação linguística e os motivos da sua ocorrência; desvelar como esta língua está inserida no fortalecimento e valorização da cultura afro-brasileira dentro da comunidade quilombola, aplicando os postulados da sociolinguística variacionista ou sociolinguística laboviana.

A seguir, podemos examinar a relação das informações presentes em cada quadro e tabela. Principiaremos, portanto, com as lexias do Questionário Semântico-Lexical do ALiB e a análise das demais lexias não encontradas no QSL do ALiB, mas que foram ditas pelos falantes nas entrevistas. *A priori*, encontram-se os quadros com as comparações das lexias entre as 06 (seis) obras lexicográficas estudadas abrangendo 04 (quatro) séculos, a saber, séculos XVIII, XIX, XX e XXI. E logo a seguir, as tabelas com as porcentagens de escolha das lexias entre os falantes entrevistados.

É preciso fazer menção que algumas lexias apresentadas a seguir, não foram mencionadas pelos informantes, mas constam no QSL do ALiB, portanto, foram colocadas abaixo por constarem no Pré-glossário. Estas, portanto, não terão a sua aplicação na fala do informante, visto que não foram mencionadas por eles. As demais terão o enquadramento da fala, ou seja, o contexto em que ela foi mencionada na entrevista. Assim, as respostas em itálico serão utilizadas para maior entendimento e visualização das falas.

Outra situação que precisa ser enfatizada aqui, trata-se do registro dos significados pelos dicionários mais antigos, uma vez que foram mantidas as grafias conforme estavam descritas nas obras lexicográficas, *ipsis litteris*, para conservar a originalidade do registro nos dicionários de séculos anteriores.

A estrutura das tabelas e quadros baseou-se no modelo do trabalho efetivado pela pesquisadora Mariana Santiago de Brito (2013) em sua dissertação de mestrado da Universidade de São Paulo (USP), com as adaptações adequadas para acolher às necessidades da presente pesquisa e à descrição dos resultados, podendo ser consultadas conforme desenvolvimento a seguir:

### **Lexia 01 – Aguardente**

**Aguardente:** Bebida alcóolica feita da destilação de cereais, frutos e/ou raízes.

**Enquadramento da fala:** Nenhum informante a mencionou.

Quadro 3. Comparação da lexia *aguardente* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Aguardente	s.f. licor espirituoso do vinho, grãos, fuceo de canna, borras de assucar.	s.f. Nome vulgar do álcool; álcool diluído em agua, ou o primeiro produto da destilação do vinho.	s.f. O produto da destilação do vinho, da canna, dos cereais, de varias plantas e fructos, susceptíveis de fermentação.	s.f. Liquor espirituoso do vinho, grãos, succo de canna, e fructos doces, borras de assucar.	f. Bebida espirituosa e branca, resultante de destillação de substâncias susceptíveis de fermentação.	s.f. Líquido espirituoso resultante da destilação do vinho, de licores, de cereais, de tubérculos, etc.

Tabela 3. Porcentagem de escolha da lexia *aguardente* entre os falantes entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Aguardente	00/07 (0%)	0 (0%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	0/12

## - AGUARDENTE

Todas as seis obras lexicográficas registraram a lexia *aguardente*, entretanto nenhum informante a mencionou, o que mostra que não tiveram ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa. Entretanto, com relação à comparação da lexia *aguardente* entre os dicionários, observa-se que ao longo dos séculos, ela sofreu variação semântico-lexical. Essa lexia consta no ALiB.

### Lexia 02 – Baguete

**Baguete:** Pão fino e comprido.

**Enquadramento da fala:** – *Como se chama isto? “– Baguete (KS)”*. (Resposta dada pela informante quando lhe foi mostrado pela pesquisadora, o *pão bengala*).

Quadro 4. Comparação da lexia *baguete* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Baguete	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s. f. Pão de formato alongado e de crosta dourada e estaladiça.

Tabela 4. Porcentagem de escolha da lexia *baguete* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Baguete	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	1/12

## - BAGUETE

Observa-se que apenas na obra lexicográfica mais atual, como a Priberam (2011), consta a lexia *baguete* e se encontra na mesma acepção que foi mencionada pela falante, a de *um pão comprido, alongado*. Nos demais dicionários aqui elencados, não há o registro dessa lexia.

Ao fazer a comparação entre o dicionário que a registrou e o sentido dito pelo falante, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical, uma vez que, nas situações apresentadas (a fala do sujeito da pesquisa e o registro no dicionário), o vocábulo *baguete* refere-se a um *pão alongado, comprido*.

Nenhum informante do G1 mencionou essa lexia. E entre 24 informantes do G2, apenas 01 (uma) colaboradora da pesquisa do sexo feminino a mencionou, o que equivale a 4,2%, ou seja, é uma palavra de pouca ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia. A acepção dada pelo dicionário e pela informante foi a mesma. Como só houve uma informante, não é possível saber se houve variação semântico-lexical entre os informantes.

### Lexia 03-04-05 – Bala/Bombom/Confeito

**Bala:** Caramelo com aparência de vidro feito de açúcar e essência ou caramelo mole feito de leite (mastigável).

**Bombom:** Doce redondo feito de chocolate.

**Confeito:** Pastilhas coloridas feitas de chocolate para cobrir bolos.

**Enquadramento da fala:** - *Como se chama isto? “– Bala (DR)”*. (Resposta dada pelo informante quando lhe foi mostrado pela pesquisadora, uma bala).

Quadro 5. Comparação da lexia *bala/bombom/confeito* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Bala	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.
Bombom	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s.m. Rebuçado de chocolate, com ou sem recheio.
Confeito*	f. m. pl. herva doce coberta de assucar, fica em varias figuras, faz-se deitando-lhe calda grossa, n'huma bacia ao fogo, mexendo-fe.	s.m. Pequenos globulos feitos de assucar, brancos ou vermelhos, que so atiram aos noivos à sahida da igreja onde se celebraram as nupcias.	s.m. Semente de erva doce ou outro pequeno fructo coberto com uma camada aderente de assucar.	s.m. Qualquer amêndoa, pinhão, herva doce, cominho, etc. cobertos de assucar; ficam em varias figuras.	m. Pequena semente ou pevide, coberta de açúcar, preparada em xarope e sêca ao fogo.	s.m. Bolinha açucarada que serve para enfeitar bolos ou sobremesas.

\*Lexia encontrada em Bluteau (1789) somente no plural.

Tabela 5. Porcentagem de escolha da lexia *bala* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Bala	00/07 (0%)	24/24 (100%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	12/12	12/12

## - BALA/BOMBOM/CONFfeito

Observa-se que a lexia *bombom* foi encontrada somente em uma obra lexicográfica, a de Priberam (2011). Já a lexia *bala* não foi encontrada em nenhuma obra com a acepção dita pelos 24 falantes da pesquisa do G2 (homens e mulheres), a de um *caramelo com aparência de vidro, feito de açúcar e essência ou caramelo mole feito de leite*.

Nos dicionários aqui elencados, não há o registro da lexia *bala* nessa acepção, e sim, registra-se como sendo *um projétil*, semelhante ao mencionado na obra lexicográfica de Vieira (1871-1874, p. 709), “bolla de ferro fundida, de diferentes dimensões, com que se carregam as peças; (...) nome dado a todos os corpos que recebem uma fôrma esférica”.

Também na obra lexicográfica de Figueiredo (1913, p. 245), não consta o registro dessa lexia na acepção dos falantes, mas como uma “esphera de metal ou de pedra, destinada a ser projectil de armas de fogo”.

A não menção desta lexia do Grupo 01 não significa, necessariamente, que não houve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa, entre as mais velhas e os mais velhos, mas significa que no contexto da conversação livre, não houve a menção a este tipo de guloseima.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical, pois os dicionários trazem acepções semelhantes. Em relação à fala dos sujeitos da pesquisa, o vocábulo *bala* trata-se de um *caramelo feito de açúcar e essência ou caramelo mole feito de leite*. É uma lexia bastante usada, pois estava na fala de todos os informantes, portanto houve ampla ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa. Vale salientar que não houve variação semântico-lexical entre os falantes da pesquisa na comunidade de Helvécia.

Ainda que a lexia *bombom* tenha sido registrada em uma das obras analisadas e a lexia *confeito* encontra-se registrada em apenas 3 (três) obras lexicográficas, é preciso enfatizar que esses vocábulos *bombom* e *confeito* não foram mencionados por nenhum dos falantes na comunidade de Helvécia. Dessa forma, podemos afirmar que não houve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa dessas lexias. Entretanto, a lexia *confeito* sofreu mudança semântico-lexical nos dicionários analisados. Essas lexias (*Bala, Confeito e Bombom*) constam no ALiB, por isso foram analisadas, uma vez que esse Atlas serviu de base para a pesquisa.

Apesar de nenhum informante escolher as lexias *confeito* e *bombom*, esses vocábulos aparecem no Questionário do Projeto ALiB, sendo que juntamente com a lexia *bala*, para o ALiB, elas significam termos semelhantes. Nesse sentido, Labov ([1972], 2008, p. 221) afirma que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a “mesma” coisa” (grifo do autor). O autor exemplifica com *carro* e *automóvel*. Segue salientando que temos o “problema de decidir o lugar desta variação na estrutura linguística”.

### Lexia 06 – Beiju

**Beiju:** Bolo achatado semelhante a um pastel, feito de farinha de tapioca ou massa de mandioca.

**Enquadramento da fala:** *Beiju* foi uma lexia usada por três informantes (n<sup>os</sup> 06, 18 e 23), quando lhes foi perguntado: *O que o(a) senhor(a) costuma comer no café da manhã? – Café, bolo, beiju, cuscuz* (TJ).

Quadro 6. Comparação da lexia *beiju* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Beiju	s.m. massa de tapióca, ou de farinha de páo applarrada, e colida no forno, fica a modo de cofcorões.	s.m. Em linguagem brasílica, pequenos bolos alvissimos e delicados, feitos das raizes seccas da mandioca pisadas ao pilão; fazem-se á maneira de coscorão.	Não há registros.	s.m. (t. do Brazil). Massa de tapioca, ou de farinha de mandioca, e aplanada, e cozida no forno, fica a modo de coscorões.	m. Bras. Espécie de filhó, feita de tapioca e também da massa da mandioca. (Do tupi).	s.m. Brasil] Espécie de filhó, feita da tapioca e também de massa de mandioca.

Tabela 6. Porcentagem de escolha da lexia *beiju* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Beiju	00/07 (0%)	3/24 (12,5%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	1/12

## - BEIJU

Essa lexia foi encontrada em quase todas os dicionários, com exceção de Aulete (1881). Verifica-se que apenas na obra lexicográfica de Vieira (1871-1874), não consta a aceção como sendo a de um beiju de tapioca. As demais se encontram na mesma aceção que foi mencionada pelo falante.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical, uma vez que, nas situações apresentadas, o significado nas obras lexicográficas é bem semelhante, pois o vocábulo *beiju* refere-se a um *bolo achatado semelhante a um pastel, na maioria das vezes, feito de tapioca*.

Em relação à variação semântico-lexical nas falas dos sujeitos da pesquisa, o vocábulo *beiju* tem o mesmo significado, *bolo achatado semelhante a um pastel, feito de farinha de tapioca ou massa de mandioca*, sendo essa aceção, a que se encontra no imaginário coletivo dos três falantes que a mencionaram.

Entretanto, vale aludir que essa lexia estava na fala de apenas 03 (três) informantes (02 do sexo masculino e apenas uma, do sexo feminino), o que equivale a 12,5%, ou seja, houve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia. Assim, podemos afirmar que entre 24 informantes, somente três deles, mencionaram essa lexia em suas falas, no que se refere ao Campo Semântico Alimentação e Cozinha.

## Lexia 07 – Bisnaga

**Bisnaga:** Pão longo e fino.

**Enquadramento da fala:** - *Como se chama isso? “– Bisnaga (IK)”*. (Foi apresentado o *pão bengala* aos informantes).

Quadro 7. Comparação da lexia *bisnaga* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Bisnaga	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.

Tabela 7. Porcentagem de escolha da lexia *bisnaga* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Bisnaga	0/07 (0%)	5/24 (21%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	3/12

### - BISNAGA

Verifica-se que a lexia *bisnaga* foi encontrada em quatro obras lexicográficas, como as de Vieira (1871-1874), Silva (1890), Figueiredo (1913) e Priberam (2011). As demais não apresentaram registro. O dicionário de Vieira faz menção à lexia *bisnaga*, trazendo uma outra acepção. Nesse caso, *bisnaga* significa uma “planta de talo alto, com fiilhas miúdas e recortadas, de que se tiram palitos” (Vieira, 1871-1874, p. 775). Na obra de Figueiredo (1913, p. 284), a lexia *bisnaga* possui um outro significado: um “tubo de fôlha de chumbo, cheio de água aromática, e que, comprimido, borrifa a gente, em folganças de Carnaval”. Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram esse vocábulo, observou-se que sofreu mudança semântico-lexical entre eles.

O vocábulo *bisnaga* foi dito por 05 (cinco) falantes (02 homens e 03 mulheres), significando um contexto bem diferente das obras lexicográficas que fizeram menção a essa lexia. Já nas situações apresentadas referentes às falas dos sujeitos da pesquisa, o vocábulo *bisnaga* trata-se de um *pão comprido e fino*. Então, ela não sofreu variação semântico-lexical entre os falantes. É uma lexia que estava na fala de 21% dos informantes. Dessa forma, pode-se considerar que houve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa.

## Lexia 08 – Bobó

**Bobó:** Comida de origem africana preparada com camarão, dendê, aipim ou inhame, pimenta.

**Enquadramento da fala:** Ao ser questionado quais alimentos são feitos para a festa bate-barriga, o informante mencionou: – *Canjica, bolo de milho cremoso, bolo de fubá, bolo de aipim, bobó, vaca atolada (RC).*

Quadro 8. Comparação da lexia *bobó* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Bobó	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s. m. (t. do Brazil) Iguaria de feijão com abóbora.	m. Bras. Comida africana, usada na Baía, e feita de uma espécie de feijão com um pouco de banana.	s.m. Brasil] Iguaria de feijão com banana.

Tabela 8. Porcentagem de escolha da lexia *bobó* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Bobó	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	2/12

### - BOBÓ

Essa lexia foi encontrada somente em três dicionários, sendo que um deles é um dos mais antigos: Silva (1890). Verifica-se que em 03 (três) deles, não há registro. No dicionário de Silva (1890) e nas obras lexicográficas de Figueiredo (1913) e Priberam (2011) constam a mesma aceção dada como sendo a de uma *iguaria feita com feijão e outros ingredientes*. Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, não houve variação semântico-lexical.

Em relação à aceção dada pelas duas informantes da pesquisa, verificou-se que não sofreu variação semântico-lexical, uma vez que, na situação apresentada – a fala das informantes – os significados não diferem, pois o vocábulo *bobó* refere-se a uma *comida de origem africana preparada com camarão, dendê, aipim ou inhame, pimenta*.

Vale mencionar que essa lexia estava na fala de 02 (duas) informantes, o que equivale a 8,3%, ou seja, é uma palavra com ocorrência de uso na comunidade de Helvécia. Entretanto, entre 24 informantes do Grupo 02, somente duas delas, fizeram menção em suas falas.

## Lexia 09 – Broa

**Broa:** Pão de milho redondo, em forma de bolachão.

**Enquadramento da fala:** Foi questionado à informante: – *O que costumava comer no café da manhã?* Ela respondeu: “– *Broa (SJ)*”.

Quadro 9. Comparação da lexia *broa* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	*Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Broa	s. f. pão de milho.	s. f. Pão de milho. Broa amarella. Espécie de bolo de milho com alguma farinha triga, mel, azeite e vários adubos, que se faz particularmente pelo natal para presentear.	Não há registros.	s. f. Pão de milho. Espécie de bolo, que se faz particularmente pela festa do natal, de farinha de milho com alguma farinha alva, mel, algum azeite, e vários adubos.	s. f. Pão de milho. Bolo frito de farinha de milho. Bolo da mesma farinha, com mel, azeite, etc., usado principalmente pelo Natal.	s.f. Pão de milho. Bolo feito com farinha de milho e mel. Bolo pequeno de farinha, açúcar, ovos e de outros ingredientes variados.

\*A lexia *broa* foi encontrada na obra lexicográfica de Figueiredo (1913, p. 309), com o acento gráfico, conforme descrito: “brôa”.

Tabela 9. Porcentagem de escolha da lexia *broa* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Broa	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	1/12

### - BROA

Lexia encontrada em quase todos os dicionários, somente um deles não tinha registro do vocábulo *broa* em seu contexto, que é a obra lexicográfica de Aulete (1881). Pode-se observar que em 05 (cinco) dicionários há registro dessa lexia. Nestas obras, verifica-se que a palavra *broa* apresenta-se com o significado de *pão de milho*, ou seja, uma acepção diferente àquela dada pelos dois falantes do Grupo 02 (sexo masculino e feminino).

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificou-se que não sofreu mudança semântico-lexical, uma vez que, nas situações apresentadas (os registros nos dicionários), o vocábulo *broa* refere-se a uma espécie de *pão de milho*.

Não houve variação, também, entre os informantes, uma vez que, para eles, *broa* é uma espécie de *pão de milho*. No entanto, é preciso ressaltar que essa lexia estava na fala de 02 (dois) informantes, o que equivale a 8,3%, ou seja, é uma palavra de ocorrência de uso na comunidade de Helvécia. Ainda assim, pode-se afirmar que, entre 24 informantes do Grupo 02, somente dois deles, mencionaram esse vocábulo em suas falas.

## Lexia 10 – Brocador

**Brocador:** Aquele que come demais.

**Enquadramento da fala:** Lexia usada por um informante de Helvécia quando questionado: – *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?* Ele mencionou: “É... *Vários nomes... Brocador (risos). O que mais utiliza (TN)*”.

Quadro 10. Comparação da lexia *brocador* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871- 1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Brocador	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Aquella que corta ou derruba mato.	Não há registros.

Tabela 10. Porcentagem de escolha da lexia *brocador* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Brocador	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)
		Homens      Mulheres
	0/7	1/12      0/12

### - BROCADOR

A lexia *brocador* foi encontrada em apenas uma obra lexicográfica analisada com uma acepção diferente da dita pelo falante, uma vez que, na acepção mencionada, trata-se de *alguém que come demais*, e a acepção registrada no dicionário de Figueiredo (1913, p. 309), significa “aquella que corta ou derruba mato”.

Não há como fazer a comparação dessa acepção, se sofreu mudança semântico-lexical ou não, pois só foi dita por 01 (um) informante da pesquisa do sexo masculino do Grupo 02. Ademais, mesmo com esses fatores mencionados, podemos afirmar que houve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa.

## Lexia 11-12 – Bucho/Bucho cheio

**Bucho:** Estômago dos homens.

**Bucho cheio:** Estômago cheio.

**Enquadramento da fala:** Lexia usada por um informante quando questionado: – *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou \_\_\_\_\_*. A resposta dada ao questionamento foi: “– *De bucho cheio*” (TN).

Quadro 11. Comparação da lexia *bucho/bucho cheio* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Bucho	s. m. O estomago.	s.m. O estomago.	s. m. O estomago do homem.	s.m. O estomago dos homens.	m. Estômago dos animaes. O estômago do homem.	s.m. informal] Estômago do ser humano = barriga.
Bucho cheio*	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

\*A expressão “bucho cheio” não foi encontrada, mas sim, a lexia *bucho*.

Tabela 11. Porcentagem de escolha da lexia *bucho cheio* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Bucho cheio	0/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	1/12

## - BUCHO CHEIO

A expressão *bucho cheio* não foi encontrada em nenhuma das obras lexicográficas analisadas, mas sim, a lexia *bucho*, que significa, *o estômago do homem, barriga*. A acepção que foi dada pelo falante em relação à lexia *bucho cheio*, diz respeito a *uma pessoa que comeu demais*. No entanto, não há uma maneira de fazer a comparação dessa acepção entre os falantes, se sofreu ou não mudança semântico-lexical, visto que foi mencionada apenas por 01 (uma) informante do sexo feminino do Grupo 02. Entretanto, pode-se assegurar que houve ocorrência de uso na comunidade em estudo.

## Lexia 13 – Cacetinho

**Cacetinho:** Pão de sal. Pão francês

**Enquadramento da fala:** (MA). Foi realizada uma pergunta à informante: – *Como se chama isto?* (Foi mostrado a ela, o *pão de sal*, o *pão francês*, conforme Questionário Semântico-Lexical do ALiB recomenda). Ela respondeu: “– *Cacetinho* (MA)”.

Quadro 12. Comparação da lexia *cacettino* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Cacettino	Não há registros.	Não há registros	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 12. Porcentagem de escolha da lexia *cacettino* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Cacettino	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	1/12

## - CACETINHO

A lexia *cacettino* não foi registrada em nenhuma das obras lexicográficas analisadas. A aceção que foi dada pelo falante significa *pão francês* ou *pão de sal*. Entretanto, não existe uma forma de fazer a comparação dessa aceção, se sofreu ou não mudança semântico-lexical, visto que foi falada apenas por 01 (uma) informante do sexo feminino e não tem registro em nenhuma obra estudada. Mesmo assim, pode-se assegurar que houve ocorrência de uso dessa lexia por uma participante da pesquisa da comunidade de Helvécia.

## Lexia 14 – Cachaça

**Cachaça:** Aguardente fermentado e destilado do melaço da cana.

**Enquadramento da fala:** Quando a informante foi questionada em relação às bebidas que costumavam servir nas festividades de Helvécia, ela disse: “– *Oh, para quem bebe tem a cachaça, que eles gosta, tem o vinho doce, tem o vinho azedo, tem o refrigerante (AF-T)*”.

Quadro 13. Comparação da lexia *cachaça* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Cachaça	s. f. vinho das borras. No <i>Brasil</i> , aguardente do mel, ou borras do mellaço.	s. f. Aguardente de mel, ou borras de escuma grossa, que se separa do succo das canas do assucar na primeira	s.f. Espuma grossa que se tira das caldeiras na primeira fervura do succo de canna quando se fabrica o assucar. Aguardente ordinária extrahida das	Cacháça, s.f. Vinho das borras. Aguardente do mel, ou borras do melaço; escuma grossa, que na primeira fervura se tira do succo das canas na	f. Aguardente, que se extrai das borras do melaço e das limpaduras do succo da cana de açúcar. Espuma, produzida pela primeira fervura do succo da cana de açúcar.	s.f. Espuma que na primeira fervura se tira do succo da cana de açúcar. Aguardente extraída das borras do melaço e das limpaduras da cana.

		fervura nas caldeiras, onde se limpa, antes de passar às tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinzas.	horas do melaço e das limpaduras do succo de canna de assucar. (Tafia).	caldeira, onde se alimpa, para passar às tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinzas.		
--	--	--	---	--	--	--

Tabela 13. Porcentagem de escolha da lexia *cachaça* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Cachaça	02/07 (28,6%)	6/24 (25%)	
		Homens	Mulheres
	2/7	3/12	3/12

## - CACHAÇA

A lexia *cachaça* foi mencionada por informantes dos dois grupos. No Grupo 01 foram 02 (dois) informantes, o que equivale a 28,6%, pois neste grupo têm apenas 07 (sete) colaboradores da pesquisa. No Grupo 02, a lexia foi falada por 06 (seis) informantes, sendo 03 (três) do sexo masculino e 03 (três) do sexo feminino, o que corresponde a 25%.

Foi encontrada a lexia *cachaça* em todas as obras lexicográficas e corresponde em todos os casos, ao mesmo significado ou semelhante, ou seja, *um aguardente feito do melaço da cana, destilado e fermentado cujo conteúdo contém álcool*.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical. O mesmo ocorre nas falas dos sujeitos da pesquisa, essa lexia não sofreu variação, pois o vocábulo mencionado pelos informantes possui a mesma acepção. É uma lexia com grande ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa na comunidade helveciana.

### Lexia 15-16 – Café/café da manhã

**Café:** Bebida feita de grãos secos e torrados do fruto do cafeeiro.

**Enquadramento da fala:** “– Ninguém bebe, não. Tudo evangélico. (...) Tem só um leite. Refrige...Tem assim, um suco, café com leite (L)”.

**Café da manhã:** Primeira refeição do dia.

**Enquadramento da fala:** “*O nosso café da manhã é bem variado, entendeu? A gente ainda consegue manter aqui na nossa comunidade, né, algumas culturas, é, é, plantaçõ de batata, éééé, a mandioca, né (RC)*”.

Quadro 14. Comparação da lexia *café/café da manhã* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Café	s.m. especie de fruto em forma de fava, amarga, oleosa, que depois de torrada se moe, e do pó se extrahi a tintura do mesmo nome, que se bebe.	s.m. (Do arabe cahiu, ou cahwé, que foi muito tempo um dos nomes do vinho). Bebida feita pela infusão de agua a ferver em café moído.	s.m. semente do cafezeiro, da qual, depois de torrada e reduzida a pó, se faz uma infusão tônica e aromática. A bebida feita da semente do cafezeiro.	s.m. (do Arab. cahwe, antes de torrado chama-se bonn) Fructo do cafezeiro, amargo, oleoso, que depois de torrado se móe, e o pó se infunde em agua fervendo produzindo uma bebida tonica e aromática.	m. Semente do cafezeiro. Infusão dessa semente, depois de torrada e moída.	s.m. Semente do cafezeiro. Bebida preparada com essa semente, depois de torrada e moída.
Café da manhã	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	[Brasil, Cabo Verde] A primeira refeição da manhã. Dejejum, desjejum.

Tabela 14. Porcentagem de escolha da lexia *café* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Café	04/07 (57%)	10/24 (42%)	
		Homens	Mulheres
	4/7	4/12	6/12

Tabela 15. Porcentagem de escolha da lexia *café da manhã* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Café da manhã	00/07 (0%)	11/24 (46%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	5/12	6/12

## - CAFÉ/CAFÉ DA MANHÃ

Observa-se que as lexias *café* e *café da manhã* diferem entre si em várias situações. A princípio, a lexia *café* foi registrada em todas as seis obras lexicográficas em estudo; já o termo *café da manhã* foi registrado apenas no dicionário Priberam (2011), com o mesmo sentido dos falantes, colaboradores da pesquisa do Grupo 02.

A lexia *café* se encontra na mesma acepção em todas as obras e foi mencionada por 04 (quatro) falantes do Grupo 01, o que corresponde a 57%. Já no G2 foi aludida por 10 informantes (quatro homens e seis mulheres), perfazendo um total de 42%.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical. O mesmo ocorrendo com a acepção dada pelos falantes, pois o vocábulo *café* trata-se de uma *bebida feita com grãos secos e torrados do fruto do cafeeiro*. É uma lexia amplamente usada, pois estava na fala de muitos informantes, portanto, houve ampla ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa.

Entretanto, é preciso enfatizar que o termo *café da manhã* foi mencionado por 11 (onze) informantes (cinco homens e seis mulheres) do G2, o que equivale a 46%, e mesmo constando em apenas um dicionário, houve grande ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia. Esse termo *café da manhã* encontra-se no QSL do ALiB.

### Lexia 17 – Caipirinha

**Caipirinha:** Bebida feita com limão, açúcar, gelo e aguardente ou cachaça.

**Enquadramento da fala:** Foi perguntado ao informante quais bebidas costumam tomar no dia da festa do bate-barriga. Ele respondeu: “– *Caipirinha* (JS)”.

Quadro 15. Comparação da lexia *caipirinha* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Caipirinha	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s.f. Bebida, de origem brasileira, composta de aguardente de cana, lima, açúcar e gelo.

Tabela 16. Porcentagem de escolha da lexia *caipirinha* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
		Homens	Mulheres
Caipirinha	01/07 (14,3%)	1/24 (4,2%)	
	1/7	1/12	0/12

## - CAIPIRINHA

A lexia *caipirinha* não foi registrada em nenhuma das obras lexicográficas mais antigas. Apresentou-se em uma obra lexicográfica mais atual, o dicionário Priberam (2011), em que consta a mesma acepção dada pelos falantes, como sendo a de uma *bebida feita com aguardente de cana, limão, açúcar e gelo*. Foi mencionada por um falante do G1 (14,3%) e 01 (um) falante do G2 (4,2%) do sexo masculino.

Fazendo a comparação dessa acepção entre os falantes, percebe-se que ela não sofreu variação semântico-lexical. Essa lexia obteve registro em apenas 01 (uma) obra lexicográfica e somente dois informantes dos dois grupos analisados a mencionaram, mesmo assim, demonstrou a ocorrência de uso entre os falantes mais velhos e os mais jovens.

### Lexia 18-19 – Canjica/Canjicão

**Canjica/Canjicão:** Papa cremosa de milho verde cozido com leite e açúcar.

**Enquadramento da fala:** Foi perguntado ao informante quais os alimentos que são feitos para a festa bate-barriga, o informante mencionou: “– *Canjica, bolo de milho cremoso, bolo de fubá, bolo de aipim (RC)*”.

Quadro 16. Comparação da lexia *canjica/canjicão* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva* (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Canjica	Não há registros	Não há registros	Não há registros.	Não consta com essa acepção.	f. Bras. Papas de milho moído, espécie de mingau. O mesmo que mungunzá.	s.f. [Brasil] Papas de milho.
Canjicão	Não há registros	Não há registros	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

\*Em Silva (1890, p. 541), consta o termo *corá*, cujo significado é: s. f. (t. do Brasil) Iguaria feita de milho verde; canjica.

Tabela 17. Porcentagem de escolha da lexia *canjica* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Canjica	01/07 (14,3%)	18/24 (75%)
		Homens      Mulheres
	1/7	7/12      11/12

Tabela 18. Porcentagem de escolha da lexia *canjição* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Canjição	00/07 (0%)	02/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	02/12

## - CANJICA/CANJICÃO

As lexias *canjica* e *canjição* diferem entre si em distintas situações. A princípio, a lexia *canjica* foi registrada apenas em duas obras lexicográficas em estudo, tais como, Figueiredo (1913) e Priberam (2011). Nestas obras, a acepção dada à lexia *canjica* é a mesma atribuída pelos informantes do G1 (um falante, 14,3%) e G2 (18 falantes: 7 homens e 11 mulheres, 75%).

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram a lexia *canjica*, verificou-se que não sofreu mudança semântico-lexical. O mesmo ocorre entre as falas dos sujeitos da pesquisa nos Grupos 01 e 02, pois o vocábulo *canjica* trata-se de *papas de milho*, não havendo alteração na acepção mencionada entre os informantes da pesquisa.

É uma lexia bastante usada, pois encontra-se na fala de muitos informantes, portanto houve ocorrência pelos participantes da pesquisa da comunidade de Helvécia. O vocábulo *canjica* encontra-se no QSL do ALiB. Entretanto, é preciso enfatizar que houve a ocorrência entre os falantes do termo *canjição*, sendo essa lexia mencionada por 02 (duas) falantes do Grupo 2, o que corresponde a 8,3%.

### Lexia 20-21 – Carne/carne moída

**Carne:** Carne dos animais que serve de alimento.

**Carne moída:** Carne que é triturada.

**Enquadramento da fala:** Em relação às comidas que são feitas em Helvécia nas datas comemorativas, uma informante disse: “– *Nós faiz assim: feijão tropeiro, macarrão, frango, peiru, carne assada (...)* Milho verde assado, batata, aipim (L)”.

Quadro 17. Comparação da lexia *carne/carne moída* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871- 1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Carne	s. f. substância molle, sanguínea.	s. f. A parte fibrosa comestível	s. f. Tecido muscular dos animais terrestres que	s. f. Substancia molle sanguínea, fibrosa, que está entre a	f. Tecido muscular do corpo humano e do corpo dos	s. f. Parte vermelha dos músculos. Animal morto ou porção

	fibrosa, que está entre a pelle, e os ollos dos animaes, músculo.	dos animaes terrestres e das aves.	servem de alimento ao homem: Carne de vaca, carne de porco.	pelle, e os ossos do homem, e dos animaes.	animaes. Parte vermelha dos músculos. Tecido muscular dos animaes que servem para alimentação do homem.	de animal morto para alimentação.
Carne moída	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 19. Porcentagem de escolha da lexia *carne* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Carne	6/07 (85,7%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	6/7	0/12	1/12

Tabela 20. Porcentagem de escolha da lexia *carne moída* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Carne moída	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	0/12

## - CARNE/CARNE MOÍDA

As lexias *carne* e o termo *carne moída* diferem em várias situações analisadas. A começar pelas obras lexicográficas, pois a primeira lexia consta em todos os dicionários; já o segundo termo, não foi encontrado em nenhum deles. A lexia *carne* se encontra na mesma acepção em todos os dicionários e também na menção realizada por 06 (seis) informantes do G1 (85,7%). Apenas (01) uma informante do G2 (4,2%), atribuiu uma fala relacionada à carne.

Vale salientar que vocábulos que possuem o mesmo sentido do termo *carne* foram mencionados e a sua acepção acaba sendo a da lexia *carne*. Inclusive alguns informantes preferiram usar termos como: *assado de porco*, *ensopado*, *carne de porco*, *carne de gado*, etc. Assim, houve ocorrência da lexia *carne* pelos falantes da comunidade.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical. O mesmo ocorre nas situações apresentadas – as falas dos sujeitos da pesquisa do G1 na conversação livre e da informante do G2 –, o vocábulo *carne* trata-se de acordo com os informantes, da *parte vermelha dos músculos dos animais*, portanto

não modificou a sua acepção. Mas, a lexia *carne* também foi mencionada pelos falantes dos grupos sob análise, como *carne de porco*, *carne de panela*, *carne assada*.

Em relação à lexia *carne moída*, é preciso enfatizar que, ela foi dita por apenas 01 (um) falante do G2 (4,2%) do sexo masculino da comunidade de Helvécia e não está registrada em nenhuma obra sob análise. Inclusive nos dicionários, não há o termo *carne moída*. A menção da lexia *carne moída* por um integrante do G2 significa que houve ocorrência de uso mencionada por um falante da comunidade helveciana. O termo *carne moída* aparece no Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB.

### Lexia 22-23 – Comelão/Comilão

**Comelão/Comilão:** Aquele (a) que come muito.

**Enquadramento da fala:** Lexia usada quando a informante foi questionada: *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?* Na entrevista, encontramos a seguinte transcrição de uma helveciana: “– *Quase passando mal? Satisfeita. Cheia. Comelona?* (KS)”.

Quadro 18. Comparação da lexia *comelão/comilão* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Comelão	Não consta com essa grafia.	Não consta com essa grafia.	Não consta com essa grafia.	Não consta com essa grafia.	Não consta com essa grafia.	Não consta com essa grafia.
Comilão	s. m. Grande comedor.	s. m. Que come muito, grande comedor.	s. m. comedor voraz, gulotão.	s. m. Grande comedor. Gulotão.	m. Aquele que come muito; glotão.	Adj. s.m. Que ou quem come muito.

\*A lexia *comilão* aparece na obra lexicográfica de Figueiredo (1913), mas não foi mencionada por nenhum falante.

Tabela 21. Porcentagem de escolha da lexia *comelão* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Comelão	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	0/12

Tabela 22. Porcentagem de escolha da lexia *comilão* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Comilão	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/24	1/24

## - COMELÃO/COMILÃO

As lexias *comelão* e *comilão* foram mencionadas pelos informantes em suas devidas proporções. A lexia *comelão* não possui registro nas obras lexicográficas, uma vez que a sua grafia está incorreta, mas ela foi mencionada pelos informantes da pesquisa, exatamente assim como foram descritas. A lexia *comelão* foi dita por 02 (dois) informantes do sexo masculino do G2 (8,3%), demonstrando que este vocábulo teve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa.

A lexia *comilão* consta em todos os dicionários com a mesma acepção atribuída pelos informantes nas entrevistas, acerca *daquele que come muito*. Nenhum informante do G1 a mencionou. Essa lexia foi mencionada por 01 (uma) informante do G2 do sexo feminino.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram a lexia *comilão*, verificamos que não sofreu mudança semântico-lexical. O mesmo ocorrendo na fala dos sujeitos da pesquisa do G2, pois o vocábulo *comelão*, refere-se a *alguém que come muito*. São lexias que tiveram ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa.

### Lexia 24 – Crepioca

**Crepioca:** Um beiju de tapioca em forma de pastel ou crepe.

**Enquadramento da fala:** – *O(a) senhor(a) se alimenta na maioria das vezes de que no jantar?*

“– Na janta, eu faço só um lanchinho, em como um omelete, né, ou também, ou também, uma crepioca ou um pão com carne (SH)”.

Quadro 19. Comparação da lexia *crepioca* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871- 1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Crepioca	Não há registros	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 23. Porcentagem de escolha da lexia *crepioca* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Crepioca	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	2/12

## - CREPIOCA

A lexia *crepioca* não foi registrada em nenhuma das obras lexicográficas, por se tratar de uma inovação, ao se fazer uma fusão das palavras crepe + tapioca, formando uma aglutinação, uma vez que a crepioca é feita da farinha de tapioca e se assemelha a um crepe. Foi mencionada por 02 (duas) falantes do Grupo 02 (8,3%) do sexo feminino.

É uma lexia nova e não sofreu variação semântico-lexical em sua acepção entre as falantes, assim, pode-se dizer que este vocábulo obteve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa.

## Lexia 25 – Curau

**Curau:** Mingau de milho verde.

**Enquadramento da fala:** Não foi mencionada por nenhum informante.

Quadro 20. Comparação da lexia *curau* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Curau	Não há registros	Não há registros	Não há registros.	Não há registros.	Bras. de San-Paulo. Espécie de angu, feito de milho verde, moído e cozido com açúcar.	s.m. [Brasil] Espécie de angu, feito de milho verde moído e cozido com açúcar.

Tabela 24. Porcentagem de escolha da lexia *curau* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Curau	00/07 (0%)	0/24 (0%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	0/12

## - CURAU

A lexia *curau* não foi mencionada por nenhum informante e só há registro dessa lexia nos dicionários mais novos, a saber, Figueiredo (1913) e Priberam (2011). Nestas obras, a acepção dada à lexia *curau* é semelhante, por se tratar de um *angu, feito de milho verde moído e cozido*. Portanto, entre os dicionários, não houve variação semântico-lexical.

Pelo fato de não ter sido falada por nenhum informante da pesquisa, esse resultado demonstra que não houve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa. Essa lexia encontra-se no QSL do ALiB.

### Lexia 26 – Cuscuz

**Cuscuz:** Massa de milho cozida em vapor de água quente.

**Enquadramento da fala:** Ao ser questionado acerca do que costuma comer no café da manhã, o informante respondeu: “– *Café, bolo, beiju, cuscuz* (TJ)”.

Quadro 21. Comparação da lexia *cuscuz* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Cuscuz	s.m. Massa reduzida a grãoszinho, que se come colida ao vapor da água quente.	s.m. Massa de milho ou do arroz, que se coze ao vapor de água quente, dentro de um vaso de barro de bordas altas, com o fundo mais estreito e crivado de furos.	Não há registros.	s.m. (do Árabe <i>coscus</i> ) Massa de farinha, reduzida a grãosinhos, que se come cozida ao vapor da água quente.	Não consta com essa grafia*	s.m. Massa de farinha em forma de grânulos.

Tabela 25. Porcentagem de escolha da lexia *cuscuz* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos+ professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Cuscuz	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	1/12

### - CUSCUZ

A lexia *cuscuz* tem registro em 04 obras lexicográficas analisadas. As únicas obras que não a registraram foram as de Aulete (1861) e de Figueiredo (1913). Entretanto, no dicionário de Figueiredo (1913, p. 557), a lexia encontrada foi *cuscus* e significa “massa do arroz, ou de milho, ou de mandioca, ou de tapioca, com coco ou sem ele, de que se fazem fatias, que, com manteiga, são preferidas ao pão”.

Nas obras que fizeram menção desse vocábulo, a acepção dada à lexia *cuscuz* é a mesma atribuída pelos informantes do Grupo 02 (dois falantes, 8,3%), 1 homem e 1 mulher. Essa lexia obteve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa e na fala dos sujeitos, o vocábulo

*cuscu* trata-se de *massa de farinha ou milho*. Não houve variação semântico-lexical entre as acepções dadas pelos falantes.

## Lexia 27 – Desjejum

**Desjejum:** Primeira refeição do dia.

**Enquadramento da fala:** Quando questionado qual seria a primeira refeição do dia em Helvécia e quais alimentos eram comidos nesta refeição, o informante respondeu: “– *Desjejum. Mingau de coco, mingau de milho, canjica (RC)*”.

Quadro 22. Comparação da lexia *desjejum/desjejua* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Desjejum	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s.m. Ato de desjejuar. Alimento que se come para quebrar o jejum. Café da manhã.
Desjejua/Desjejúa*	Não há registros.	Não há registros.	s. m. A primeira refeição do dia, que se toma antes ou em logar do almoço.	s. f. A primeira refeição que se toma antes do almoço, ou em seu logar.	Não há registros.	s. f. Alimento que se come para quebrar o jejum. Ato de desjejuar.

\*A lexia *desjejua* foi usada, por ser bastante semelhante à lexia *desjejum* e após ser encontrada na obra lexicográfica de Aulete (1881, p. 506).

\*\* A lexia *desjejua* também foi usada aqui, por ser bastante semelhante à lexia *desjejum* e após encontrá-la no dicionário de Silva (1890, p. 655).

Tabela 26. Porcentagem de escolha da lexia *desjejum* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Desjejum	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	0/12

### - DESJEJUM

A lexia *desjejum* só foi registrada no dicionário mais atual, Priberam (2011). Nesta obra, a acepção dada à lexia *desjejum* é a mesma dada pelo falante da pesquisa, por se tratar da primeira refeição do dia. Essa lexia foi mencionada por apenas um informante da pesquisa (4,2%) do Grupo 2, do sexo masculino, o que demonstra que o vocábulo *desjejum* obteve ocorrência de uso pelo participante da pesquisa.

Foi acrescentada a lexia *desjejua*, por ser bastante semelhante à lexia *desjejum* e após ser encontrada no dicionário de Aulete (1881, p. 506). E também foi colocada a lexia *desjejúa*, pelo mesmo motivo e após encontrá-la no dicionário de Silva (1890, p. 655).

## Lexia 28 – Dobradinha

**Dobradinha:** Guisado feito com as vísceras do boi.

**Enquadramento da fala:** Ao ser questionado quais os alimentos mais comuns em Helvécia, o informante afirmou: “ – *Mais comuns? Poxa, acho que não sei te explicar, não (risos). Ah, eles comem uma porção de dobradinha* ” (DR)”.

Quadro 23. Comparação da lexia *dobradinha* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	*Priberam (2011)
Dobradinha	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	s.f. [Brasil] [Culinária] O mesmo que dobrada.

\*Ao buscar no dicionário Priberam (2011), o termo mencionado “*dobrada*”, o significado dado foi o mesmo do falante da pesquisa: *Parte das vísceras do boi ou da vaca para guisar. Iguaria feita com tais vísceras.*

Tabela 27. Porcentagem de escolha da lexia *dobradinha* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Dobradinha	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	0/12

### - DOBRADINHA

A lexia *dobradinha* só possui registro no dicionário mais novo sob análise, o de Priberam (2011). Nesta obra, a acepção dada à lexia *dobradinha* é bem semelhante, por significar *parte das vísceras do boi ou da vaca para guisar*. Pelo fato de ter sido mencionada por um informante da pesquisa (4,2%) do Grupo 2, do sexo masculino, esse resultado demonstra que esta lexia teve ocorrência de uso pelo participante da pesquisa.

## Lexia 29 – Empanturrado

**Empanturrado:** Cheio. Farto de comida.

Não houve menção de nenhum informante da pesquisa.

Quadro 24. Comparação da lexia *empanturrado* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	**Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Empanturrado	part. pass. de empanturrar-se; adj. mui cheio, farto, repimpado.	part. pass. de empanturrar-se. Muito cheio, repleto de alimentos.	adj. repleto; embuchado; farto de comida; empachado.	p. p. de Empanturrar-se. Mui cheio de comida, farto, empachado, empanzinado.	Farto.	Adj. Farto; empachado; repleto.

\*Em Silva (1890), a lexia encontrada foi *empanturrar*.

\*\*Na obra lexicográfica de Figueiredo (1913, p. 860), a lexia *empanturrado* só aparece como sinônimo de *farto*.

Tabela 28. Porcentagem de escolha da lexia *empanturrado* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Empanturrado	00/07 (0%)	0/24 (0%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	0/12

## - EMPANTURRADO

A lexia *empanturrado* foi registrada em três obras lexicográficas sob análise. Nas outras foi encontrado o verbo *empanturrar-se*. Nessas obras, a aceção dada à lexia é a mesma nas obras em que a lexia *empanturrado* foi registrada, por se tratar de ‘*muito cheio, farto*’. Pelo fato de não ter sido mencionada por nenhum dos informantes da pesquisa dos dois grupos em estudo, esses resultados demonstram que esta lexia não teve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia.

Ao fazer a comparação com os três dicionários, observa-se que a *lexia* não sofreu mudança semântico-lexical, devido à não modificação no contexto, pois nas situações apresentadas (os registros nos dicionários), o vocábulo *empanturrado* refere-se a *cheio, repleto de alimentos*. Essa lexia consta no QSL do ALiB, por isso foi mencionada no estudo.

### Lexia 30 – Empanzinado

**Empanzinado:** Farto de alimentos.

**Enquadramento da fala:** Lexia falada por sete informantes, quando foram perguntados: – *Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou \_\_\_\_\_*. Essa lexia foi mencionada por uma entrevistada conforme transcrição: “– *Empanzinado, estou cheia, estômago cheio (CC)*”.

Quadro 25. Comparação da lexia *empanzinado* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	*Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	**Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Empanzinado	adj. v. que tem a pança retefada, e cheia.	Part. pass. de empanzinhar ou empanzinhar-se. Atestado de comida, muito farto de alimentos, empanturrado.	v. tr. empanzinhar. Encher de alimento, empanturrar.	p. p. de Empanzinhar. Adj. Atestado, muito farto de alimentos, empanturrado.	Abarrotado.	v. tr. Fazer comer ou comer excessivamente. = Alambazar, empachar, empanturrar.

\* Foi encontrado em Vieira (1871-1874), Aulete (1881), Silva (1980), Figueiredo (1913) e Priberam (2011), a lexia do verbo *empanzinhar*.

\*\* Na obra lexicográfica de Figueiredo (1913, p. 860), a lexia *empanzinado* só aparece como sinônimo de *abarrotado*.

\*\*\* Nos dicionários práticos, as lexias são lematizadas, ou seja, a lexia é encontrada em uma representação gráfica de todas as formas possíveis que uma unidade de significado lexicográfico possa assumir, por isso não são encontradas as suas grafias no feminino.

Tabela 29. Porcentagem de escolha da lexia *empanzinado* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Empanzinado	00/07 (0%)	3/24 (12,5%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	1/12

## - EMPANZINADO

A lexia *empanzinado* possui registro em 01 (um) dicionário, o de Bluteau (1789), que significa *quem tem a pança retefada e cheia*. Nos demais dicionários, cinco deles, consta o verbo *empanzinhar*. Nestas obras, a acepção dada à lexia *empanzinhar* é bem semelhante, ao fazer a comparação com os dicionários, por significar *encher de alimento, comida; farto de alimentos*. Ao considerar o verbo *empanzinhar* e a lexia *empanzinado* como seu derivado, palavras presentes nas obras lexicográficas, pode-se afirmar que ao fazer a análise das obras, não houve variação semântico-lexical na acepção dada às lexias em relação aos dicionários.

Observou-se que 03 (três) falantes fizeram menção à lexia *empanzinado*, sendo 02 (dois) homens e 01 (uma) mulher, o que equivale a 12,5%. Portanto, por serem mencionadas a lexia *empanzinado* por 03 (três) falantes, colaboradores da pesquisa do G2, o que equivale a 12,5% da amostra, considera-se que esse vocábulo teve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa e não sofreu variação devido à acepção dada pelos informantes ser a mesma entre eles.

## Lexia 31 – Feijoada

**Feijoada:** Prato feito de feijão preto acompanhado com carne (boi/porco), linguiça.

**Enquadramento da fala:** Quando questionada acerca dos alimentos mais comumente utilizados nas festividades que têm apresentações do bate-barriga, a informante citou: “– *Tropeiro ou feijoada, cocada, queijada, bolo de aipim (AF)*”.

Outro informante quando questionado sobre os alimentos da festividade que se tem apresentações do bate-barriga, mencionou: “– *Ah, no bate-barriga é mais feijoada, né? Carne no feijão. É mais isso aí (EF)*”.

Quadro 26. Comparação da lexia *feijoada* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Feijoada	Não há registros.	s. f. Feijão cozido com carne de porco, etc.	s. f. prato abundante de feijões.	s. f. Panellada, cosadura de feijões.	f. Grande porção de feijões. Preparação culinária de feijões.	s. f. Prato em que o feijão é o único ou o principal ingrediente. Grande quantidade de feijões. [Brasil] Guisado de feijãozito com carne seca.

Tabela 30. Porcentagem de escolha da lexia *feijoada* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Feijoada	02/07 (28,5%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	2/7	1/12	1/12

## - FEIJOADA

A lexia *feijoada* foi registrada em 05 (cinco) obras lexicográficas. A mais antiga delas, a obra de Bluteau (1789) não fez menção. 02 (dois) falantes do G1, o que equivale a 28,5% afirmaram-na. No G2, também dois falantes mencionaram a lexia *feijoada* – 01 (um) informante do sexo masculino e 01 (uma) falante do sexo feminino, o que equivale a 8,3%.

A lexia *feijoada* se encontra, na maioria dos dicionários, com a mesma aceção que foi mencionada pelos 04 (quatro) falantes dos Grupos 01 e 02, a um *prato feito de feijão acompanhado com carne*. A menção desta lexia nos dois grupos significa que esse vocábulo teve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa, mencionada pelas mais velhas e os mais velhos e também, foi falada pelos mais novos.

Percebeu-se que não sofreu mudança semântico-lexical, uma vez que, nas situações apresentadas – as falas dos sujeitos da pesquisa nas entrevistas, o vocábulo *feijoada* trata-se de um *prato feito de feijão acompanhado com carne*, portanto, sem variação.

### Lexia 32 – Fruta-pão

**Fruta-pão:** Fruto verde que se come cozido (a sua polpa) no café da manhã.

**Enquadramento da fala:** Quando questionado quais os alimentos que seus antepassados costumavam comer no café da manhã, o falante mencionou: “– *Fruta pão* (EF)”.

Quadro 27. Comparação da lexia *fruta-pão* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	*Priberam (2011)
Fruta-pão	Não há registros.	Não há registros	Não há registros.	Não há registros.	f. Bras. <i>Árvore artocarpácea.</i>	s.f. mesmo que <i>artocarp.</i>

\*O dicionário Priberam (2011) menciona que a lexia *fruta-pão* é o mesmo que *artocarp.* E o significado de *artocarp* na obra exicográfica é *árvore da Oceania, mais conhecida por árvore-do-pão.*

Tabela 31. Porcentagem de escolha da lexia *fruta-pão* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Fruta-pão	00/07 (0%)	3/24 (12,5%)	
		Homens	Mulheres
		0/7	1/12      2/12

### - FRUTA-PÃO

A lexia *fruta-pão* não foi mencionada por nenhum informante do G1 e apenas 03 (três) informantes do G2 fizeram menção (01 homem e 02 mulheres), o que equivale a 12,5%. Só há registro dessa lexia nos dicionários mais novos, a saber, Figueiredo (1913) e Priberam (2011). Nestas obras, a acepção dada à lexia *fruta-pão* é semelhante, pois não diferem na transcrição.

Essa lexia foi mencionada por três informantes da pesquisa do G2, esses resultados demonstram que esta lexia teve ocorrência de uso pelos participantes da pesquisa. Inclusive ao fazer a comparação entre a menção dada pelos falantes, observa-se que na lexia *fruta-pão* não houve variação semântico-lexical, devido à acepção ser a mesma entre eles, não havendo modificação no contexto.

### Lexia 33 – Geleia

**Geleia:** Extrato de frutas cozidas com açúcar, que através do resfriamento adquire consistência gelatinosa.

**Enquadramento da fala:** Ao ser questionada *como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito*, a informante afirmou: “– *Geleia*”.

Quadro 28. Comparação da lexia *geleia* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Geleia	Gelea ou Geléa. Çumos de alguns frutos, que refecidos se condensão.	s. f. Todo o extracto mucilaginoso ou gelatinoso tirado das substancias animaes, ou vegetaes. e que toma pelo resfriamento, uma consistência molle e tremula.	s.f. Geléa succo de fructos, carnes ou de quaesquer substancias animaes, que toma pelo resfriamento e preparação conveniente uma consistência miolle e tremula.	s.f. Gelea ou Geléa. de geler, gelar, coagular-se. Sumo de alguns fructos por si, ou em calda de assucar, que resfriados, se congelam.	f. Qualquer extracto mucilagino sode substâncias animaes ou vegetaes, que, pelo resfriamento, adquire consistência a branda e trêmula.	s.f. Extrato mucilaginoso de frutas ou carnes que, pelo resfriamento, adquire consistência branda e tremulante.

Tabela 32. Porcentagem de escolha da lexia *geleia* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Geleia	0/07 (0%)	3/24 (12,5%)
		Homens      Mulheres
	0/7	1/12      2/12

## - GELEIA

A lexia *geleia* foi mencionada por 03 informantes do G2, sendo 01 (um) do sexo masculino e 02 (dois) do sexo feminino, o que equivale a 12,5%. Foi encontrada a lexia *geleia* em todas as obras lexicográficas e possuem semelhanças entre si em relação à acepção, mas diferem na escrita em vários casos, pois os autores utilizam-se de termos e expressões que diferenciam entre si, mas possuem o mesmo significado.

Para exemplificar, tem-se referência nos dicionários em relação à consistência da *geleia*. Vieira (1871-1874) afirma que a consistência é “molle e tremula”. Em Priberam (2011) consta que a consistência é “branda e tremulante”. Em relação ao significado da lexia *geleia*, Bluteau (1789) e Aulete (1881) afirmam que *geleia* é o “sumo de frutos”. Nas obras lexicográficas de Vieira (1871-1874), Silva (1890) e Priberam (2011) está registrado que *geleia é um extrato mucilaginoso de substâncias animais (carnes) ou vegetais (frutas)*.

Assim, ao fazer a comparação entre os dicionários que registram essa lexia, verificou-se que ela vem sofrendo ligeiras mudanças semântico-lexicais, uma vez que há mudança no contexto em que certos vocábulos são usados ou na grafia. Entretanto, não houve variação

semântico-lexical entre os falantes, uma vez que a acepção dada à lexia *geleia* foi a mesma. Houve, portanto, ocorrência de uso entre os participantes da pesquisa.

### Lexia 34 – Glutão

**Glutão:** Pessoa gulosa, que come muito, comilão.

**Enquadramento da fala:** Não foi mencionada por nenhum informante.

Quadro 29. Comparação da lexia *glutão* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Glutão	Não há registros.	Adj. Comilão, comedor, voraz; que come com excesso e avidez.	Adj. e s.m. voraz, que come com avidez e excesso.	Glutão, s.m. Glotona, f. Pessoa que come muito, que devora, comilão	Adj. Que come muito e com avidez. M. Homem glutão.	Adj. e s.m. Que ou aquele que come com avidez e que chora o que toca aos demais. Comilão.

Tabela 33. Porcentagem de escolha da lexia *glutão* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Glutão	00/07 (0%)	0/24 (0%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	0/12

### - GLUTÃO

A lexia *glutão* não foi mencionada por nenhum informante e há registro dessa lexia em todos os dicionários, com exceção do mais antigo sob estudo, que é o de Bluteau (1789). Nestas obras, a acepção dada à lexia *glutão* é semelhante, pois na maioria dos dicionários refere-se à *pessoa que come com excesso e avidez*.

Mesmo constando em 05 (cinco) obras lexicográficas, essa lexia não faz parte dos falares de Helvécia, pois não houve registro de nenhum informante da pesquisa. No entanto, ao fazer a comparação com os dicionários, observa-se que não houve uma mudança semântico-lexical, devido à semelhança no contexto dos significados. Essa lexia foi aqui mencionada, pois encontra-se no QSL do ALiB, que serviu de base ao estudo.

### Lexia 35 – Guloso

**Guloso:** Comilão, que gosta de coisas doces, que tem o vício da gula.

**Enquadramento da fala: perguntou-se à informante:** - *Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?* No que ela respondeu: “- *Gulosa (SH)*”.

Quadro 30. Comparação da lexia *guloso* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva* (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Guloso	Não há registros.	Adj. Que gosta muito de bons bocados, de iguarias delicadas, apetitosas, de golodices.	adj. e s. m. que gosta de coisas doces e manjares delicados. Que tem o vício da gula.	Mais proprio que goloso; de gula.	m. e adj. O que gosta de gulosices. O que tem o vício da gula.	Adj. s. m. Que ou aquele que gosta de gulodices. Que ou quem gosta muito de comer ou come muito. = Comilão, Glutão.

\*Em Silva (1890) foi encontrada a lexia *goloso*, que significa: adj. Que gosta de bons bocados, (...), de repetir coisa que foi de gosto; (...) que excita a gula.

Tabela 34. Porcentagem de escolha da lexia *guloso* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Guloso	00/07 (0%)	4/24 (16,7%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	2/12

## GULOSO

Nos 05 (cinco) dicionários em que há registro, a aceção dada à lexia *guloso* é bem semelhante, por significar *quem gosta de coisas doces, gulodices ou quem tem o vício da gula*. Como por exemplo, na obra de Vieira (1871-1874), apresenta um significado positivo, menos depreciativo, qual seja, “*que gosta muito de bons bocados, de iguarias delicadas, apetitosas, de golodices*”. Assim sendo, não houve variação semântico-lexical da lexia *guloso* na maioria das obras sob análise.

Observou-se que 04 (quatro) falantes do G2 fizeram menção à lexia *guloso* sendo 02 (dois) homens e 02 (duas) mulheres, o que equivale a 16,7%. Dessa forma, pelo fato de ser mencionada a lexia *guloso* por 04 (quatro) informantes, verifica-se que houve ocorrência de uso desse vocábulo. Não houve variação semântico-lexical na aceção dita entre os falantes.

Vale mencionar, a título de curiosidade, que o substantivo feminino singular *gulosa* foi mencionado por 05 (cinco) falantes do G2: 01 (um) homem e 04 (quatro) mulheres.

### Lexia 36 – Manampansa

**Manampansa:** Uma iguaria feita de massa de mandioca, açúcar, erva doce, macia e molhada no leite de coco.

**Enquadramento da fala:** Foi perguntado: – *Qual prato vocês fazem com mandioca? A informante respondeu: “– Tem também o, o, a malapança (risos). A manampansa é, parecido com o, com a moqueca, só que ela é molhadinha no leite, é molhadinha no leite de coco, e ela fica bem macia, não fica tão... tipo seca como a moqueca de goma (SH)”*.

Quadro 31. Comparação da lexia *manampansa* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Manampansa	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	f. Bras. do Rio. Espécie de beiju, feito de massa de mandioca e temperado com açúcar e erva doce.	Não há registros.

Tabela 35. Porcentagem de escolha da lexia *manampansa* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Manampansa	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	1/12

#### - MANAMPANSA

A expressão *manampansa* foi encontrada em uma obra lexicográfica analisada, a de Figueiredo (1913). A aceção que foi dada pelo falante, significa *uma iguaria macia feita de mandioca, semelhante à moqueca, molhada com leite de côco*. A lexia *manampansa* foi dita apenas por 01 (uma) informante do sexo feminino do Grupo 02. Assim, pode-se assegurar que houve ocorrência de uso desse vocábulo por uma participante da pesquisa.

### Lexia 37-38 – Mingau/Mingau de milho

**Mingau/ Mingau de milho:** Papa mole feita de milho verde, leite e açúcar.

**Enquadramento da fala:** – *Sua família costuma fazer algum tipo de alimento com milho? A informante respondeu: “Sim, às vezes faz ééé... Polenta, ou tem também o mingau de milho (CS)”.*

Quadro 32. Comparação da lexia *mingau/mingau de milho* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Mingau	Não consta com essa grafia, mas muito semelhante.	Não consta com essa grafia, mas muito semelhante	Não há registros.	Não há registros.	m. Bras. Papas de farinha.	s.m. [Brasil] Papas de farinha de trigo ou da flor da mandioca com açúcar e ovos.
Mingau de milho	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.
Mingão	s. m. <i>Brasil</i> . papas de farinha de trigo, ou da flor da mandioca, com assucar e ovos.	s. m. Termo <i>Brazilico</i> . Papas de farinha de trigo, ou da flôr da mandioca, com ovos, assucar, etc.	Não há registros.	s. m. t. do <i>Brasil</i> . Papas de farinha de trigo, ou da flor da mandioca, com assucar, ovos.	Não há registros.	Não há registros.

\*Em Silva (1890) foi encontrada a lexia *mingão*.

Tabela 36. Porcentagem de escolha da lexia *mingau* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Mingau	00/7 (0%)	7/24 (29%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	3/12	4/12

Tabela 37. Porcentagem de escolha da lexia *mingau de milho* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Mingau de milho	01/07 (14,3%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	1/7	2/12	0/12

## - MINGAU/MINGAU DE MILHO

A lexia *mingau* só consta nas obras lexicográficas mais atuais, como as de Figueiredo (1913) e Priberam (2011). Nessas obras referenciadas, a acepção dada a essa lexia é bem semelhante, ao fazer a comparação com os dicionários, por significar *papa de farinha*. Não obstante, foi mencionada essa lexia por 07 (sete) falantes do G2: 03(três) homens e 04 (quatro) mulheres, que correspondem a 29%.

O termo *mingau de milho*, apesar de não ter registro em nenhum dicionário sob análise, foi apontado por 01 (um) informante do G1 (14,3%) e 02 informantes do G2 do sexo masculino (8,3%).

Quando a busca aos dicionários estava sendo realizada, foi encontrada a lexia *mingão*, em três dicionários mais antigos, a saber, Bluteau (1789), significando “*papas de farinha de trigo, ou da flor da mandioca, com assucar e ovos*”; na obra de Vieira (1871-1874), cujo significado é o de “*Termo Brazilico. Papas de farinha de trigo, ou da flôr da mandioca, com ovos, assucar, etc.*”; e no dicionário de Silva (1890), que registra que é um “*termo do Brasil. Papas de farinha de trigo, ou da flor da mandioca, com assucar, ovos*”. Observa-se, por conseguinte, que esses vocábulos têm a mesma acepção, mostrando uma semelhança muito grande entre eles.

Desse modo, devido ao fato das lexias *mingau* e *mingau de milho* serem ditas por alguns falantes de Helvécia dos Grupo 01 e 02, considera-se que houve ocorrência desses vocábulos pelos participantes da pesquisa e não sofreram mudanças semântico-lexicais.

### Lexia 39 – Mocotó

**Mocotó:** Pata de bovinos, sem o casco, utilizada como alimento.

**Enquadramento da fala:** – *Cite os alimentos mais comuns, aqui em Helvécia.* Foi encontrado este registro: “ – *Mais comuns? Poxa, acho que não sei te explicar, não (risos). Ah, eles comem uma porção de dobradinha, mocotó, eles gosta muito (DR)*”.

Quadro 33. Comparação da lexia *mocotó* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1873)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Mocotó	Não há registros.	s. m. Termo do Brazil. Mãos de vacca, de boi, cruas ou guizadas.	s. m. nome que no Brazil dão ás mãos de vacca ou de boi, quer cruas quer cozinhadas.	Não há registros.	m. Bras. Mão de vaca.	s. m. [Brasil] Mão de vaca preparada culinariamente.

Tabela 38. Porcentagem de escolha da lexia *mocotó* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Mocotó	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)
		Homens      Mulheres
	0/7	1/12      0/12

## - MOCOTÓ

A lexia *mocotó* foi registrada apenas em quatro obras lexicográficas em estudo, tais como, Vieira (1873), Aulete (1881), Figueiredo (1913) e Priberam (2011). Nestas obras, a acepção dada à lexia *mocotó* é bem semelhante à atribuída pelo informante do G2 (01 falante do sexo masculino, o que corresponde a 4,2%). Houve, portanto, ocorrência de uso dessa lexia por um participante da pesquisa.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registram a lexia *mocotó*, verificou-se que não sofreu uma mudança semântico-lexical no decorrer do século XIX a XXI, pois o significado dessa lexia nos dicionários de Vieira (1873) era: “*Termo do Brazil. Mãos de vacca, de boi, cruas ou guizadas*”. Na obra de Aulete (1881), significava: “*nome que no Brazil dão ás mãos de vacca ou de boi, quer cruas quer cozinhadas*”. Observa-se que os termos são extremamente semelhantes e significam a mesma coisa. No século XX e XXI, nas obras lexicográficas de Figueiredo (1913) e Priberam (2011), a lexia *mocotó* consistia, ainda, em um significado semelhante “*mão de vaca*”.

### Lexia 40 – Moqueca

**Moqueca:** Iguaria feita da farinha de mandioca, cozida em folha de bananeira, com coco e leite de coco e assada na brasa.

**Enquadramento da fala:** “– ... *Tem a moqueca. Moqueca de... Ela é feita de farinha, né. De mandioca? É isso? Acho que é isso, da goma da mandioca, da goma (risos). Tem a moqueca que é feita da goma com coco, mistura tudo, não sei como é que faz não, tem uma vizinha que faz, ali do lado (SH)*”.

Quadro 34. Comparação da lexia *moqueca* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete** (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Moqueca*	s.f. Termo do Brazil. Guizado de peixinhos e camarões torrados, que se vende envolto em uma folha, fazendo assim a figura de uma maçaroca, atado pelo extremo opposto ao fundo onde existe a comida.	Não há registros.	s.f. (Brazil) Guizado de peixes miúdos ou de mariscos, temperado com côco, e que no Brazil se vende envolto em folhas enroladas em fôrma de maçaroca.	Não há registros.	f. Bras. Guizado de peixe ou marisco, temperado com côco.	s.f. [Brasil] Guizado de peixe ou marisco temperado com coco.

\*Observação: O termo *moqueca*, ora significa *moqueca* de peixe, ora *moqueca* feita da goma de mandioca enrolada em folha de bananeira e assada na brasa.

\*\*Em Aulete (1881, p. 1200), também foi encontrado o termo *muqueca*, cujo significado foi: “s. f. (Brazil), o mesmo que *moqueca*”.

Tabela 39. Porcentagem de escolha da lexia *moqueca* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Moqueca	03/07 (42,8%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	3/7	1/12	1/12

## - MOQUECA

A lexia *moqueca* consta em 04 (quatro) obras lexicográficas analisadas e foi mencionada essa lexia por 03 (três) falantes do G1 (42,8%) e 02 (dois) falantes do G2: 01 homem e 01 mulher, o que corresponde a 8,3%.

Os dicionários de Vieira (1871-1874) e Silva (1980), não possuem registros dessa lexia. Nos demais dicionários, a acepção dada à lexia *moqueca* é bem distinta da mencionada pela maioria dos informantes, pois a lexia *moqueca* para muitos deles, é uma *iguaria feita da farinha de mandioca, cozida em folha de bananeira, com coco e leite de coco e assada na brasa*.

Apenas 01 (um) informante na entrevista atribuiu o sentido de *moqueca* como o mesmo encontrado nos dicionários. O contexto semântico-lexical difere entre os dicionários e os informantes.

Por ser mencionada a lexia *moqueca*, por 05 (cinco) informantes dos Grupos 01 e 02, considera-se que houve ocorrência desse vocábulo pelos falantes pesquisados na comunidade de Helvécia, significando duas acepções, ora o de *moqueca com mariscos e dendê*, ora o de *moqueca feita com farinha de mandioca, cozida em folha de bananeira*. Percebe-se, então, que houve variação semântico-lexical entre os falantes do Grupo 01 e 02.

Analisando a comparação da lexia *moqueca* entre os dicionários, nos séculos XVIII e XIX, nas obras de Bluteau (1789) e Aulete (1881), o significado de *moqueca* era muito semelhante: “*guisado de peixes miúdos ou de mariscos, temperado com côco, e que no Brazil se vende envolto em folhas enroladas em fôrma de maçaroca*”. Nos séculos XX e XXI, a lexia *moqueca* é semelhante, pois nos dicionários de Figueiredo (1913) e Priberam (2011), trata-se de *um guisado de peixe ou mariscos temperado com côco*. Dessa forma, pelo fato de constar a lexia *moqueca* nesses quatro dicionários com essas características de *moqueca de peixe ou mariscos*, não houve variação entre os dicionários.

## Lexia 41 – Mugunzá

**Mugunzá:** Alimento feito com grãos de milho branco, leite, coco e canela.

**Enquadramento da fala:** *Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela? “– Mugunzá (JS)”.*

Quadro 35. Comparação da lexia *mugunzá/mungunzá/munguzá* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Mugunzá	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	m. Bras. do N. Milho cozido.	Não há registros.
Mungunzá	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	m. Bras. do N. Papas de grãos de milho, que se cozem inteiros.	Não há registros.
Munguzá	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	<i>s.m.</i> [Brasil] Iguaria feita de grãos de milho e castanha de caju que se prepara no Norte do Brasil.

Tabela 40. Porcentagem de escolha da lexia *mugunzá* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Mugunzá	01/07 (14,3%)	3/24 (12,5%)
		Homens      Mulheres
	1/7	2/12      1/12

### - MUGUNZÁ

A lexia *mugunzá* consta em apenas uma das seis obras lexicográficas analisadas, a de Figueiredo (1913). Entretanto, uma lexia parecida, *mungunzá*, foi mencionada na referida obra. Outra lexia semelhante *munguzá* possui registro no dicionário Priberam (2011). Nessas obras, o contexto semântico-lexical é muito semelhante: *iguaria feita de grãos de milho cozidos*.

Essa lexia foi dita por 01 (um) falante do G1 (14,3%) e 03 falantes do G2 (02 homens e 01 mulher), que correspondem a 12,5%. Devido ao fato da lexia *mungunzá* ter sido mencionada por 04 (quatro) falantes dos dois grupos, colaboradores da pesquisa, o que equivale a  $\cong$  17% da amostra, considera-se que houve ocorrência desse vocábulo pelos participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia. Considera-se que não sofreu alteração semântico-lexical.

## Lexia 42 – Pamonha

**Pamonha:** Bolo de milho verde, leite (de coco e de vaca), açúcar, envolto nas palhas do milho.

**Enquadramento da fala:** – *Como se chama a mesma papa, com milho verde ralado, sem coco?*

“– *Pamonha (MA)*”.

Quadro 36. Comparação da lexia *pamonha* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pamonha	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	f. Bras. Espécie de bolo, feito de farinha, com açúcar, leite, etc.	s.f. [Brasil] Bolo de farinha, açúcar e leite, etc. Papas de milho moído.

Tabela 41. Porcentagem de escolha da lexia *pamonha* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Pamonha	00/07 (0%)	5/24 (21%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	3/12	2/12

### - PAMONHA

A lexia *pamonha* foi registrada em apenas 02 (duas obras lexicográficas), sendo estas as mais atuais, tais como, Figueiredo (1913) e Priberam (2011). Nestas, há semelhança na aceção, pois os dois registros se referem a um *bolo de farinha, açúcar e leite, etc.*

Essa lexia foi dita por 05 informantes do G2: 03 (três) homens e 02 (duas) mulheres, que perfazem 21% da porcentagem de escolha da lexia *pamonha* pelos informantes. Pelo fato de ser mencionada pelos informantes, essa lexia teve ocorrência na comunidade de Helvécia. E a aceção dada pelos falantes foi a mesma, sem variação semântico-lexical, significando um *bolo de milho verde envolto nas palhas do próprio milho.*

## Lexia 44-45-46 – Pão/pão bengala/pão gigante

**Pão/Pão bengala/ pão gigante:** Pão fino e comprido.

**Enquadramento da fala:** Foi perguntado o que se costuma comer no jantar. Uma informante afirmou: “– *Na janta, eu faço só um lanchinho, eu como um omelete, né, ou também, ou também uma crepioca ou um pão com carne*” (SH).

Quadro 37. Comparação da lexia *pão/pão bengala/pão gigante* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	*Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pão	s.m. A farinha dos pães, ou grãos; cereais amassada com água, fermentada, dividida em porções, e cozida no forno; o pão não fermentado, ou não levedado, os grãos farinaceos do trigo, centeio, milho, cevada, painço, e as plantas que os dão.	s.m. (do latim panis). Alimento feito de farinha cozida.	s.m. Alimento feito de farinha amassada, ordinariamente fermentada e cozida no forno: Pão de trigo. Pão de milho.	A farinha dos pães, ou grãos cereais amassada com água, fermentada, dividida em porções, e cozida no forno.	Não há registros.	s.m. Bolo alimentício, de qualquer tamanho e feito, feito de massa de farinha de cereais, ou de milho, cozida em forno.
Pão bengala	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não há registros.	Não consta com essa aceção.
Pão gigante	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não há registros.	Não consta com essa aceção.

\*Não há registro da lexia *pão* em Figueiredo ('913), mas encontramos o vocábulo *pão-de-ló* e *pãozinho*.

*Pãozinho* significa um indivíduo presumido e piegas, que se presta a ser desfrutado. E registra-se, ainda o termo, "De pão".

Tabela 42. Porcentagem de escolha da lexia *pão* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
		Homens	Mulheres
Pão	04/07 (57%)	0/24 (0%)	
	4/7	0/12	0/12

Tabela 43. Porcentagem de escolha da lexia *pão bengala* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
		Homens	Mulheres
Pão bengala	00/07 (0%)	0/24 (0%)	
	0/7	0/12	0/12

Tabela 44. Porcentagem de escolha da lexia *pão gigante* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
		Homens	Mulheres
Pão gigante	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
	0/7	1/12	0/12

## - PÃO/PÃO BENGALA/PÃO GIGANTE

A lexia *pão* foi mencionada em 05 (cinco) obras lexicográficas estudadas. Nessas obras sob análise, a aceção é bem semelhante. Apenas na obra de Figueiredo (1913), não há registro. Foi mencionada por 04 (quatro) informantes do G1 (57%), demonstrando que houve ocorrência da lexia *pão* entre os participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia. Não houve mudança semântico-lexical para este vocábulo entre os falantes.

No entanto, as lexias *pão bengala* e *pão gigante* não têm registro em nenhuma dessas obras estudadas/pesquisadas. Também nenhum informante da pesquisa mencionou o *pão bengala*, o que comprova a sua não ocorrência entre os falantes pesquisados em Helvécia. Já o *pão gigante* foi dito por apenas 01 (um) informante do G2 do sexo masculino, corroborando com a ocorrência de uso dessa lexia. A lexia *pão bengala* encontra-se no QSL do ALiB.

### Lexia 47 – Pão de Cristo

**Pão de Cristo:** Pão fino e comprido.

**Enquadramento da fala:** A lexia *pão de Cristo* apareceu na fala da informante nº 09 de Helvécia, quando foi questionada: *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão bengala*.

Quadro 38. Comparação da lexia *Pão de Cristo* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pão de Cristo	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 45. Porcentagem de escolha da lexia *pão de Cristo* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Pão de Cristo	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)
		Homens      Mulheres
	0/7	0/12      1/12

### - PÃO DE CRISTO

O termo *pão de Cristo* não se encontra em nenhum dos seis dicionários analisados. E foi mencionado este termo por uma única informante do Grupo 02 (4,2%), comprovando a sua ocorrência na comunidade.

### Lexia 48-49 – Pão francês/pão de sal

**Pão francês/ Pão de sal:** Pão pequeno.

**Enquadramento da fala:** Lexia usada quando o informante foi entrevistado: – *Como se chama isto?* E lhe foi mostrado o *pão francês*. O falante respondeu: “– *Pão de sal, pão francês (CS)*”.

Quadro 39. Comparação da lexia *pão francês/pão francez/ pão de sal* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pão francês/ pão francez	Não consta com essa acepção.	Nome que se dá a um pão de um sabor excelente, mui poroso, e de uma codea algum tanto rija e um pouco amarellada.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não há registros.	Não consta com essa acepção
Pão de sal	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não consta com essa acepção.	Não há registro.	Não consta com essa acepção

Tabela 46. Porcentagem de escolha da lexia *pão francês* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Pão francês	00/07 (0%)	5/24 (21%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	4/12

Tabela 47. Porcentagem de escolha da lexia *pão de sal* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Pão de sal	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	0/12

## - PÃO FRANCÊS/PÃO DE SAL

A lexia *pão francês* não foi encontrada em nenhum dicionário analisado, mas sim, a lexia *pão francez*, no dicionário de Vieira (1871-1874) significando: “*Nome que se dá a um pão de um sabor excelente, mui poroso, e de uma codea algum tanto rija e um pouco amarellada*” e também há registros da lexia *pão*.

Foi dita por 05 (cinco) informantes do G2 (01 homem e 04 mulheres), perfazendo um total de 21%. Essa lexia possui registro em apenas uma obra lexicográfica, mas foi mencionada por 05 falantes, portanto, houve ocorrência dessa lexia pelos falantes na comunidade estudada. A lexia *pão francês* encontra-se no QSL do ALiB.

Já a lexia *pão de sal* não foi registrada em nenhuma das obras lexicográficas estudadas. Foi dita por 02 (dois) informantes do G2 (8,3%) do sexo masculino, demonstrando que houve ocorrência dessa lexia entre os falantes que colaboraram com a pesquisa na comunidade

helveciana. Tanto a lexia *pão*, quanto a lexia *pão de sal*, não sofreram variação semântico-lexical entre os falantes, visto que a aceção dada foi a mesma.

### Lexia 50-51 – Pão de rabanada/rabanada

**Pão de rabanada/rabanada:** Fatia de pão embebida em leite com açúcar e ovos batidos.

**Enquadramento da fala:** – *Como se chama isto? “– Pão deeee rabanada. Não sei não. Só conheço por esse nome (CS)”.*

Quadro 40. Comparação da lexia *Pão de rabanada/rabanada* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pão de rabanada	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.	Não consta com essa aceção.
Rabanada	Humas fatias de pão, que lá se fazem pelo entrudo.	s. f. Termo das províncias do Douro e Beira. São fatias de pão com ovos e assucar, que se costumam fazer pelo natal e entrudo.	s. f. Fatia de pão que depois de embebida rapidamente em agua ou leite e passada por ovos batidos se frita em manteiga, comendo-se polvilhada de assucar ou molhada em calda; fatia albardada.	s. f. São humas fatias de pão, que lá se fazem pelo entrudo.	f. Fatia, que, depois de frita em manteiga, se embebe em leite, ovos, etc.	s. f. [Culinária] Fatia de pão embebida em leite e frita, depois de passada por ovo, que se serve geralmente polvilhada de açúcar e canela ou com calda.

Tabela 48. Porcentagem de escolha da lexia *pão de rabanada* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Pão de rabanada	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	0/12

Tabela 49. Porcentagem de escolha da lexia *rabanada* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Rabanada	00/07 (0%)	0/24 (0%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	0/12

## - PÃO DE RABANADA/RABANADA

O vocábulo *pão de rabanada* não foi encontrado em nenhum dos dicionários em estudo. Mas, foi registrado o termo por um informante do G2 do sexo masculino (4,2%). Contudo, a lexia *rabanada* foi pontuada em 06 (seis) dicionários. A acepção é bem similar ao se realizar a comparação dessa lexia entre os dicionários, pois o significado é: “*fatia de pão que se frita envolvida em ovo, depois de molhada em água com açúcar ou leite*”. No entanto, a lexia *rabanada* não foi mencionada por nenhum informante. Desse modo, houve ocorrência, apenas do vocábulo *pão de rabanada* por um colaborador da pesquisa na comunidade em estudo.

### Lexia 52 – Pau na coxa

**Pau na coxa:** Bebida feita em casa nas festas tradicionais.

**Enquadramento da fala:** – *Fazem bebidas nas datas comemorativas? Quais? “– O pessoal costuma fazer só pau na coxa, mesmo (DR)”*.

Quadro 41. Comparação da lexia *pau na coxa* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871- 1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pau na coxa	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 50. Porcentagem de escolha da lexia *pau na coxa* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Pão de rabanada	00/07 (0%)	3/24 (12,5%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	2/12	1/12

## - PAU NA COXA

O vocábulo *pau na coxa* não consta nas obras lexicográficas antigas e nem nas mais atuais. Não obstante, foi mencionada essa lexia por 03 (três) falantes do G2: 02 (dois) homens e 01 (uma) mulher, que correspondem a 12,5%. Nesses três falantes apresentados, a acepção dada à lexia *pau na coxa* é bem semelhante, por significar *bebida alcoólica feita em casa*. Assim sendo, não sofreu variação semântico-lexical.

Essa lexia não tem registro em nenhum dicionário sob análise, mas foi mencionada por 03 informantes. O que se pode dizer, é que houve ocorrência dessa lexia pelos falantes colaboradores da pesquisa.

### Lexia 53 – Pinga

**Pinga:** Cachaça.

**Enquadramento da fala:** – *Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?*

“– *Pinga* (CC)”.

Quadro 42. Comparação da lexia *pinga* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pinga	Não consta com essa acepção.	s. f. Vinho bom.	s.f. Porção de vinho.	s.f. Boa pinga; de vinho bom.	Pop. Vinho; um copo de qualquer bebida.	s.f. [Popular] Porção de vinho.

Tabela 51. Porcentagem de escolha da lexia *pinga* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Pinga	00/07 (0%)	2/24 (8,3%)
		Homens      Mulheres
	0/7	0/12      2/12

### - PINGA

A lexia *pinga* foi registrada em 05 (cinco) obras lexicográficas. A mais antiga delas, o dicionário de Bluteau (1789) não fez menção. A lexia *pinga* se encontra em alguns dicionários sob análise, na mesma acepção que foi mencionada pelas 02 (duas) falantes do G2, a saber, *cachaça*. Nas obras lexicográficas de Vieira (1871-1874), Aulete (1881) e Silva (1890), o significado da lexia *pinga* está registrado como *vinho bom*, *porção de vinho*. Figueiredo (1913) registrou o significado da lexia como *vinho, um copo de qualquer bebida*. No dicionário Priberam (2011), registra-se um significado semelhante: *porção de vinho*.

Ao fazer a comparação entre os dicionários que registraram essa lexia, percebe-se que ela sofreu mudança semântico-lexical, uma vez que, nas situações apresentadas, o vocábulo

*pinga* significa *vinho* em 04 obras lexicográficas. No dicionário de Bluteau (1789), está registrado o significado: *gota que cai*.

Entretanto, 02 (duas) falantes do G2 do sexo feminino, que equivalem a 8,3%, mencionaram-na com a mesma acepção, *cachaça*. Dessa forma, houve ocorrência da lexia *pinga* pelos falantes de Helvécia, colaboradores da pesquisa. E não houve variação semântico-lexical entre os informantes que mencionaram esse vocábulo.

### Lexia 54 – Pirão

**Pirão:** Papa grossa de farinha escaldada.

**Enquadramento da fala:** Na entrevista foi perguntado à informante: – *Quais os alimentos que costumavam ser feitos na época das apresentações do bate-barriga?* “– *Sempre assim, no dia do bate-barriga, no tempo da minha avó e do meu avô, eles matava porco, fazia aquela panelada de carne de porco, panelada de feijão, arroz, costumava fazer um pirão, tudo isso (AF-T)*”.

Quadro 43. Comparação da lexia *pirão* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Pirão	Não há registros.	s.m. Termo do Brazil. Farinha de mandioca fervida em agua, ou caldo de carne, ou peixe que se come com o conducto; chama-se pirão escaldado o que fica mais glutinoso; pirão de agua o de agua fria: o caldo em que se faz talvez é adubado com azeite, salsa, etc., e o pirão temperado como o arroz com caril na índia, pirão ou angú de manteiga em vez do pão para o conducto.	s.m. (Brazil.) Comida feita de farinha de mandioca fervida em agua ou em caldo.	Não há registros.	m. Bras. Papas de mandioca.	s.m. [Culinária] Comida feita de farinha de mandioca escaldada ou de milho, frequente na cozinha brasileira e africana. O mesmo que <i>angu</i> .

Tabela 52. Porcentagem de escolha da lexia *pirão* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Pirão	00/7 (0%)	6/24 (25%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	3/12	3/12

## - PIRÃO

A lexia *pirão* consta em 04 (quatro) obras lexicográficas analisadas e foi mencionada por 06 (seis) falantes do G2: 03 (três) homens e 03 (três) mulheres, que correspondem a 25% dos falantes que foram entrevistados.

Os dicionários de Bluteau (1789) e Silva (1980) não possuem registros dessa lexia. Nos demais dicionários, a acepção dada à lexia *pirão* é a mesma dada pela maioria dos informantes, pois *pirão é uma iguaria feita da farinha de mandioca escaldada*. Desse modo, o contexto semântico-lexical não difere nem entre os dicionários e nem entre os informantes.

Analisando a comparação da lexia *pirão* entre os dicionários sob análise, nos séculos XVIII não havia registro; no século XIX, tratava-se de *farinha de mandioca fervida em água*; nos séculos XX e XXI, não variou, pois se tratava de uma “*papa/comida feita de farinha de mandioca escaldada*”.

Na pesquisa com os informantes de Helvécia, no presente século, eles também fazem uso na alimentação, desse *pirão molhado*, mas também, *pirão com peixe* ou *pirão de caldo de peixe*, conforme disseram na entrevista. Nesse âmbito, pelo fato de constar a lexia *pirão* no vocabulário dos informantes da pesquisa, pode-se dizer que há ocorrência de uso desse vocábulo na comunidade de Helvécia.

## Lexia 55 – Polenta

**Polenta:** Papa de farinha de milho.

**Enquadramento da fala:** – *Você costuma fazer algo com milho?* “ – *Sim, às vezes faz ééé... Polenta, ou tem também o mingau de milho (CS)*”.

Quadro 44. Comparação da lexia *polenta* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Polenta	s. f. Papas de farinha de milho, apolvilhadas de queijo ralado.	s.f. Papas de farinha de milho, apolvilhadas de queijo raspado.	s. f. Papas feitas com farinha de milho, manteiga e queijo ralado.	s.f. Papas de farinha de milho, apolvilhadas de queijo raspado.	f. Massa ou pasta de farinha de milho, com água e sal.	s.f. Farinha de milho cozida em água e sal.

Tabela 53. Porcentagem de escolha da lexia *polenta* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
		Homens	Mulheres
Polenta	00/07 (0%)	1/12 (4,2%)	0/12
	0/7	1/12	0/12

## - POLENTA

A lexia *polenta* consta em todas as 06 (seis) obras lexicográficas analisadas e foi mencionada essa lexia por apenas 01 (um) falante do G2 do sexo masculino, que corresponde a 4,2%. Nos dicionários em estudo, a acepção dada à lexia *pirão* é a mesma dada pelo informante, pois *polenta é uma papa/iguaria feita da farinha de milho*.

Nesse contexto, a lexia *polenta* foi mencionada por 01 (um) informante do G2, corroborando para a afirmação de que houve ocorrência desse vocábulo por um falante na comunidade em estudo.

### Lexia 56 – Puxá

**Puxá:** Bolo feito de milho, leite, coco e açúcar.

**Enquadramento da fala:** – *Costuma fazer algo com milho? Algum prato? “– Com milho? Humm... Só o... Como é o nome desse bolo, gente? Peraí. Puxá. Ele é feito de milho, né. Acho que é aquele negócio de milho que a gente compra e mistura ele com leite, coco, ééé, açúcar, mistura tudo na panela e coloca na forma e bota prá assar (SH)”*.

Quadro 45. Comparação da lexia *puxá* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Puxá	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	m. O mesmo que puxado.	s.m. [Brasil] Dança, espécie de fandango..

Tabela 54. Porcentagem de escolha da lexia *puxá* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Puxá	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	1/12

## - PUXÁ

A lexia *puxá* possui registro em apenas duas das 06 (seis) obras lexicográficas sob análise. Entretanto, encontra-se em acepções que diferem da que foi dita por apenas 01 (uma)

informante do G2 do sexo feminino, que corresponde a 4,2%. Para a falante, a lexia *puxá* significa *um prato feito de milho misturado com leite, coco e açúcar*.

Nesse cenário, não se consegue afirmar acerca do contexto semântico-lexical, se houve alteração ou não. Assim sendo, por constar a lexia *puxá* no vocabulário dito por uma informante do G2, considera-se que houve ocorrência desse vocábulo na comunidade de Helvécia.

### Lexia 57 – Queijada/Queijadinha

**Queijada/Queijadinha:** Bolo feito de coco, manteiga, trigo para dar liga e pó royal.

**Enquadramento da fala:** Ao ser questionada acerca dos alimentos mais utilizados nas festividades que têm apresentações do bate-barriga, respondeu: “ – *Tropeiro ou feijoadá, cocada, queijada, bolo de aipim (AF)*”.

Quadro 46. Comparação da lexia *queijada/queijadinha* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Queijada	s.f. Pastel cheio de nata com ovos, e assucar.	Não há registros.	s. f. pastel recheado de ovos, nata e assucar.	s.f. Pastel cheio de nata com ovos, e assucar.	f. Pastel chato, feito de leite, ovos, queijo, açúcar e massa de trigo.	s.f. [Culinária] Pastel feito de queijo, ovos, farinha e açúcar.
Queijadinha	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	f. Bras. do N. O mesmo que luminária, doce de côco.	s.f. [Brasil] Espécie de doce de coco, também chamado luminária e viúva.

Tabela 55. Porcentagem de escolha da lexia *queijada* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Queijada	02/07 (28,5%)	7/24 (29%)	
		Homens	Mulheres
	2/7	3/12	4/12

### - QUEIJADA/QUEIJADINHA

A lexia *queijada* foi registrada em 05 (cinco) obras lexicográficas. Em um dos dicionários mais antigos do século XIX, o de Vieira (1871-1874) não há registro dessa lexia. 02 (dois) falantes do G1, o que equivale a 28,5% apresentaram o vocábulo *queijada*. No G2, 07 (sete) falantes mencionaram essa lexia, sendo 03 (três) informantes do sexo masculino e 04 (quatro) informantes do sexo feminino, o que equivale a 29,2%.

A lexia *queijada* se encontra na maioria dos dicionários, na mesma acepção que foi mencionada pelos falantes do G1 e G2. Significando, portanto, nas obras de Bluteau (1789), Aulete (1881), Silva (1890) e Figueiredo (1913), *um pastel recheado de nata, ovos e açúcar*.

A lexia *queijadinha* foi registrada por Figueiredo (1913) e por Priberam (2011), com o significado de um “doce de côco”. Por ser um derivado de *queijada* e possuir o mesmo significado desse vocábulo, foi adotada no quadro comparativo. Entretanto, a lexia *queijadinha* não foi mencionada pelos informantes.

Em suma, a menção desta lexia nos 02 (dois) grupos, significa que houve a sua ocorrência entre os participantes da pesquisa na comunidade de Helvécia. Ao fazer a comparação entre os registros dessa lexia e a acepção dos falantes dos dois grupos pesquisados, percebe-se que não sofreu mudança semântico-lexical, uma vez que nas situações apresentadas (as falas dos sujeitos da pesquisa), o vocábulo *queijada* é mencionado em acepção semelhante pelos falantes da comunidade.

### Lexia 58 – Quitanda

**Quitanda:** Local onde se vendem frutas e verduras, bolos de fubá e aipim, moqueca e queijada.

**Enquadramento da fala:** “– *Aqui em Helvécia (...) Pessoal faz biscoitinhos de goma, também, queijadas, gostam muito de fazer quitandas, né, várias pessoas, principalmente as pessoas mais velhas, que já vêm de uma tradição, né? (JS)*”.

Quadro 47. Comparação da lexia *quitanda* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Quitanda	Não há registros.	Lojinha ambulante.	s.f. Lugar onde se compra e se vende. Lojinha ambulante. Lugar onde se vendem fructas.	Não há registros.	f. Lugar, onde se faz comércio. Loja de negócio. Bras. Tabuleiro, em que o vendedor ambulante leva as suas mercancias.	s.f. Pequena loja ou barraca de negócio. [Brasil] Tabuleiro em que o vendedor ambulante transporta as suas mercancias.

Tabela 56. Porcentagem de escolha da lexia *quitanda* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Quitanda	0/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	0/12	1/12



Tabela 57. Porcentagem de escolha da lexia *rico e pobre* entre os entrevistados

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Rico e pobre	0/07 (0%)	3/24 (12,5%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	2/12

## - RICO E POBRE

A lexia *rico e pobre* não possui registro em nenhuma das 06 (seis) obras lexicográficas sob análise e foi mencionada por somente 03 (três) falantes do G2 (01 do sexo masculino e 02 do sexo feminino), o que corresponde a 12,5%, significando um *bolo feito de farinha de trigo, coco e açúcar*.

Nesse cenário, não houve variação semântico-lexical entre os falantes. Assim sendo, por ser mencionada a lexia *rico e pobre* por 03 (três) informantes do G2, considera-se que houve ocorrência desse vocábulo na comunidade locus da pesquisa.

## Lexia 60 – Rosca

**Rosca:** Bolinho de coco, trigo e manteiga com forma retorcida, redonda.

**Enquadramento da fala:** – *E o bolinho tradicional que costumam fazer com coco, trigo, manteiga. O senhor sabe o nome? “– Ah! (inaudível), queijada, bolo de aimpim, rosca (EF)”*.

Quadro 49. Comparação da lexia *rosca* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	*Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Rosca	s. f. Bolo de farinha feito em argola torcida.	s. f. Bolo de farinha feito com argola torcida.	s. f. Bolo de farinha que se assemelha a uma argola retorcida. Pão feito em fôrma de cilindro retorcido.	s. f. Bolo de farinha feito em argola torcida.	f. Bolo ou pão torcido ou em forma de argola.	s.f. Pão, que tem o feitio de rodilha.

\*Na obra de Figueiredo (1913), consta a lexia *rôsca*, com acento circunflexo.

Tabela 58. Porcentagem de escolha da lexia *rosca* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)	
Rosca	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)	
		Homens	Mulheres
	0/7	1/12	0/12

## - ROSCA

A lexia *rosca* foi registrada nas 06 (seis) obras lexicográficas estudadas. Nos três dicionários antigos, os de Bluteau (1789), Vieira (1871-1874) e Silva (1890), apresenta-se o registro dessa lexia como um *bolo de farinha feito com argola torcida*. O dicionário de Aulete (1881) afirma se tratar de um *bolo de farinha que se assemelha a uma argola retorcida*. Os demais dicionários têm o mesmo sentido, também, mudando ligeiramente a grafia de alguns vocábulos. Portanto, comparando as seis obras, não houve variação semântico-lexical.

Apenas 01 (um) falante do sexo masculino do G2 citou o vocábulo *rosca*, o que equivale a 4,2%. Em sua acepção, trata-se essa lexia de um *bolinho redondo de coco, trigo e manteiga*, assemelhando-se bastante com as acepções dos dicionários analisados. No entanto, apesar dessa lexia ter sido mencionada por apenas 01 (um) informante, já demonstra que houve ocorrência de uso por um falante, colaborador da pesquisa, na comunidade de Helvécia.

### Lexia 61 – Temperada

**Temperada:** Bebida com álcool ou cachaça feita de cana de açúcar e canela e cravo.

**Enquadramento da fala:** Lexia usada por uma informante quando arguida: – *Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?* A transcrição foi: “– *Cachaça, temperada (CC)*”.

Quadro 50. Comparação da lexia *temperada* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871- 1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Temperada	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 59. Porcentagem de escolha da lexia *temperada* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Temperada	00/07 (0%)	1/24 (4,2%)
		Homens      Mulheres
	0/7	0/12      1/12

## - TEMPERADA

A lexia *temperada* não foi registrada em nenhuma obra lexicográfica estudada. Apenas 01 (uma) falante do sexo feminino do G2 citou o vocábulo *temperada*, o que equivale a 4,2%.

Em sua acepção, trata-se essa lexia de uma *bebida com álcool ou cachaça feita de cana de açúcar e canela e cravo*. Portanto, essa lexia foi mencionada por 01 (uma) informante, corroborando com o fato de que houve ocorrência de uso por uma falante do G2 na comunidade de Helvécia.

### Lexia 62 – Vaca atolada

**Vaca atolada:** Comida feita de carne bovina e aimpim.

**Enquadramento da fala:** – *Nas datas comemorativas tem algum prato tradicional que costumam fazer? Quais pratos vocês fazem com a mandioca? “– Ah, o que eles fazem, porque eu não faço não, nega, é bolo de aimpim, né, é bolo de puba, ééé macaxeira, o que mais? Biscoito de... Não, biscoito de goma, não vai, não, vaca atolada (CC)”*.

Quadro 51. Comparação da lexia *vaca atolada* entre os dicionários.

Entrada	Bluteau (1789)	Vieira (1871-1874)	Aulete (1881)	Silva (1890)	Figueiredo (1913)	Priberam (2011)
Vaca atolada	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.	Não há registros.

Tabela 60. Porcentagem de escolha da lexia *vaca atolada* entre os entrevistados.

Entrada	Porcentagem entre o grupo 01 (idosos + professora)	Porcentagem entre o grupo 02 (faixa etária de 19 a 89 anos)
Vaca atolada	01/07 (14,3%)	2/24 (8,3%)
		Homens      Mulheres
	1/7	0/12      2/12

### - VACA ATOLADA

A lexia *vaca atolada* não possui registro em nenhuma das 06 (seis) obras lexicográficas analisadas e foi mencionada por somente 03 (três) falantes. Sendo 01 (um) do G1, o que equivale a 14,3% e 02 informantes do G2 do sexo feminino, o que corresponde a 8,3%, significando uma *comida feita de carne bovina e aimpim*.

Não houve variação semântico-lexical dessa lexia entre os falantes. Por constar no vocabulário dos falantes de Helvécia, a saber, 03 (três) informantes a mencionaram, considera-se que esse vocábulo obteve ocorrência de uso na comunidade.

### 5.1.2.1 Ocorrência das lexias de entrada com e sem variação semântico-lexical

Com o objetivo de concluir essa pesquisa investigativa acerca do vocabulário relacionado ao Campo Semântico Alimentação e Cozinha, com referência ao falar helveciano com base no QSL do ALiB que sofreu adaptações para adequação à pesquisa, elaborou-se a Tabela 61 contendo as lexias de entrada visando o entendimento do fenômeno linguístico ocorrido entre os falantes da comunidade de Helvécia. Assim, principiam-se os resultados da pesquisa ora realizada.

Tabela 61 – Distribuição da ocorrência das lexias de entrada com e sem variação semântico-lexical.

Ocorrência de lexias de entrada nos dois grupos sem variação semântico-lexical (VSL)	Ocorrência de lexias de entrada com VSL nos dois Grupos	Ocorrência de lexias de entrada com VSL no grupo 01 (idosos)	Ocorrência de lexias de entrada com VSL no grupo 02 (faixa etária variável)	Ocorrência de lexia de entrada sem VSL no Grupo 01	Ocorrência de lexia de entrada sem VSL no Grupo 02	Sem ocorrência da lexia de entrada nos Grupos 01 e 02
Cachaça	Moqueca	-	-	Pão	Baguete	Aguardente
Café					Bala	Bombom
Caipirinha					Beiju	Bucho
Canjica					Bisnaga	Confeito
Carne					Bobó	Curau
Feijoada					Broa	Empanturrado
Mingau de milho					Café da manhã	Glutão
Mugunzá					Canjicão	Pão bengala
Queijada					Comelão	Queijadinha
Vaca atolada					Crepioica	Rabanada
					Cuscuz	
					Empanzinado	
					Fruta-pão	
					Geleia	
					Guloso	
					Mingau	
					Pamonha	
					Pão de sal	
					Pau na coxa	
					Pinga	
					Pirão	
					Rico e pobre	
23%	2,3%	0%	0%	2,3%	50%	23%

Os resultados dos dados percentuais referem-se as 62 (sessenta e duas) lexias utilizadas na pesquisa, subtraindo 18 lexias que não se apresentam na tabela. Desse modo, a análise da tabela se baseará em 44 lexias. Serão expostas aqui, portanto, essas 18 (dezoito) palavras que foram mencionadas pelos falantes, mas não constam na Tabela 61.

Algumas lexias não constam nesta relação, uma vez que **só um participante da pesquisa a mencionou em um dos grupos**, e mesmo havendo ocorrência na comunidade de Helvécia, não sabemos se houve ou não variação semântico-lexical, tais como: *Brocador*, *Bucho cheio*, *Cacettino*, *Carne moída*, *Comilão*, *Desjejum*, *Dobradinha*, *Manampansa*,

*Mocotó, Pão gigante, Pão de Cristo, Pão francês, Pão de rabanada, Polenta, Puxá, Quitanda, Rosca, Temperada.*

Ao finalizar o quadro anterior, viu-se à necessidade de uma tabela com os valores totais de lexias com ou sem variação semântico-lexical, lembrando que na Tabela 62 não entram os 22,72% das lexias sem ocorrência de entrada, ou seja, lexias que não foram mencionadas por nenhum falante do Grupo 01 ou 02.

Tabela 62 – Comparação da porcentagem total das lexias com e sem variação semântico-lexical.

Lexias com variação semântico-lexical	Lexias sem variação semântico-lexical
<b>2,3%</b>	<b>75,3%</b>

Ao observarmos as tabelas, seus dados e resultados, verificamos que a porcentagem de lexias com variação semântico-lexical (2,3%) é bem menor do que a porcentagem de lexias sem variação semântico-lexical (75,3%). Alguns exemplos corroboram nessa direção.

No primeiro caso mencionado na tabela 61 (primeira coluna), que se refere à ocorrência de lexias de entrada nos dois grupos de pesquisa (G1 e G2) sem variação semântico-lexical (VSL) e determina a manutenção de lexias faladas em uma comunidade, ocorreram 10 (dez) casos, tais como: *cachaça, café, caipirinha, canjica, carne, feijoada, mingau de milho, mugunzá, queijada e vaca atolada.*

É importante evidenciar que as lexias relacionadas ao campo semântico-lexical do “falar de Helvécia” no que se refere à Alimentação e Cozinha, apresentaram índices relevantes de frequência, tais como, *bala, cachaça, café, café da manhã, canjica, mingau, pão, pirão, queijada.*

Esse achado não significa, necessariamente, que as lexias na comunidade de Helvécia não estão sofrendo modificação em seus significados, pelo fato da manutenção da lexia de entrada nos dicionários sem variação no G2 terem sido a maioria, tais como: *baguete, bala, beiju, bobó, broa, café da manhã, canjicão, comelão, crepioca, cuscuz, empanzinado, fruta-pão, geleia, guloso, mingau, pamonha, pão de sal, pau na coxa, pinga, pirão e rico e pobre.* Observa-se que a análise foi efetuada com relação aos falantes colaboradores da pesquisa, moradores da comunidade em estudo.

O fato de a pesquisa ter sido realizada com 24 (vinte e quatro) informantes e ter 2,3% de lexias com variação semântico-lexical, demonstram com esse resultado que a comunidade está gradualmente se direcionando para modelos de aquisição que tornam menos evidentes, aos

poucos, as marcas ancestrais de fortes influências linguísticas. Esse movimento é mencionado por Baxter e Lucchesi (1997), em concordância com Labov (1972), para o português brasileiro, como uma mudança que comumente ocorre de cima para baixo, melhor dizendo, das camadas dominantes tanto econômica quanto culturalmente para as camadas consideradas dominadas.

Com fundamentação nos dados adquiridos e apresentados nas tabelas e nos quadros encontrados neste estudo, podemos considerar que o vocabulário do “falar de Helvécia”, no que se refere aos 24 (vinte e quatro) informantes que serviram de amostragem, já possui algumas palavras que não estão tendo ocorrência, ao fazer a análise dos áudios dos falantes do G2 e ao fazer a entrevista de conversação livre com informantes do G1.

As lexias que não sofreram variação semântico-lexical demonstram que ainda existem palavras que são mantidas tradicionalmente no falar de Helvécia, talvez pelo fato da comunidade em estudo manter-se mais isolada, apesar da migração pendular já mencionada.

### 5.1.3 Procedência dos informantes

Em relação à procedência dos colaboradores da pesquisa, fator também investigado neste estudo, observou-se que no Grupo 01 da pesquisa, com 07 (sete) informantes, a procedência destes e de seus familiares é de Helvécia, por isso foram escolhidos para que, através das suas informações em entrevista com ‘conversação livre ou dirigida’, a pesquisadora pudesse criar um questionário com as lexias mencionadas pelos falantes do Grupo 01 para a entrevista semiestruturada qualitativa a ser realizada com o Grupo 02 de 24 informantes (12 homens e 12 mulheres com faixa etária de 19 a 89 anos).

Na pesquisa realizada observou-se que dos 24 informantes do 2º grupo da pesquisa, 100% deles são de Helvécia, mas alguns dos seus ancestrais são de outras cidades da Bahia como Itanhém, outros são do Estado do Espírito Santo, e de Contagem em Minas Gerais, outros são descendentes de alemães, inclusive isso demonstra nos sobrenomes dos colaboradores da pesquisa, tais como: Krull, Metzker e na fala da informante nº 24, quando foi questionada a sua procedência, conforme transcrição:

*“Sou daqui de Helvécia, com todo orgulho! (...) Meu pai... Ele era filho de alemão, também, né? Mas, meu pai é fi, era daqui, era daqui... Eu... Eu num conheci meu pai. (...) Ó, o pai dela era da Alemanha. Mas, minha mãe era daqui, nasceu aqui (IM)”*.

A seguir encontra-se a Tabela 63 com os informantes e a procedência:

Tabela 63: Procedência dos informantes do 2º grupo da comunidade afro-brasileira de Helvécia.

Código do Informante	Nome do Informante (Sigla do Nome)	Sexo	Faixa Etária	Procedência do (a) Informante	Procedência do Pai, Mãe e Avós
01	SH (SH)	F	I	Helvécia	Helvécia (avós de ES e MG)
02	K S (KS)	F	I	Helvécia	Helvécia. Contagem (MG) (avós).
03	D R (DR)	M	I	Helvécia	Helvécia
04	T (T)	F	I	Helvécia	Helvécia (pai) Itanhém (BA) (mãe)
05	T N (TN)	M	I	Helvécia	Helvécia (pai), Teixeira de Freitas (BA) (mãe)
06	T J (TJ)	F	I	Helvécia	Helvécia
07	R M (RM)	F	I	Helvécia	Helvécia
08	C S (CS)	M	I	Helvécia	Helvécia
09	C C (CC)	F	I	Helvécia	BH (pai), Helvécia (mãe)
10	J S (JS)	F	I	Helvécia	Helvécia
11	W F (WF)	M	I	Helvécia	Helvécia
12	R C (RC)	M	II	Helvécia	Helvécia
13	I K (IK)	M	II	Helvécia	Helvécia (pais). Avô era alemão.
14	C C (C)	F	II	Helvécia	Helvécia
15	M A (MA)	F	II	Helvécia	Helvécia
16	S J (SJ)	F	II	Helvécia	Helvécia
17	R C (R)	M	II	Helvécia	Helvécia
18	J P (JP)	M	III	Helvécia	Helvécia
19	J S (JS)	M	III	Helvécia	Helvécia
20	E F (EF)	M	III	Helvécia	Helvécia
21	A F (AF)	F	III	Helvécia	Helvécia
22	A F (A)	F	III	Helvécia	Helvécia
23	M A (MA)	M	IV	Helvécia	Helvécia
24	I M (IM)	F	IV	Helvécia	Helvécia (mãe) Pai e avós paternos eram alemães.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Com bases nos dados já apresentados, é possível observar que nas pesquisas realizadas acerca da análise sociolinguística variacionista, a maioria dos resultados encontrados demonstram indicativos de uma mudança na comunidade de fala. Em Helvécia, não é diferente. Contudo, muitas lexias se mantiveram sem alteração, talvez porque muitos moradores mais antigos costumam guardar a tradição e o falar dos seus ancestrais e os mais velhos e as mais velhas pouco saem da comunidade.

Assim, como afirmam Lucchesi e Baxter (2021), nesse panorama de mudança gradual em Helvécia, mais devagar do que em outras comunidades, em que a comunidade de fala traz fenômenos linguísticos que se situam abaixo do limiar da consciência, ou seja, ficam no

subconsciente dos falantes, apesar de representarem a realidade linguística em questão, que está sendo investigada quanto à variação linguística.

Neste estudo da variação semântico-lexical em Helvécia, cuja abordagem central foi a Alimentação e Cozinha, assume-se que, mesmo que os dados obtidos por meio das lexias selecionadas na entrevista de conversação livre com o G1 e na entrevista semiestruturada qualitativa com o G2, não demonstrem claramente ou acentuadamente, a variação sociodialetoal por parte dos falantes de Helvécia, os dados coletados, até o momento, são suficientes para indicar que a comunidade está passando por uma transformação lenta, mas gradual. E vem adotando marcas linguísticas que se assemelham aos padrões de uso concernentes à área de influência socioeconômica e cultural à qual Helvécia e seus habitantes estão atualmente ligados, em outras palavras, a hiperglobalização.

A hiperglobalização refere-se, na verdade, a um novo estado de desenvolvimento do progresso da globalização. Ela indica, *a priori*, uma nova etapa de fragmentação geográfica na produção e da dissociação de funções produtivas na escala mundial ou em nível global (Albuquerque, 2009), que muitas vezes, sobrepõem à questão social, por isso não é bem-vinda.

Algumas lexias que constam no QSL do ALiB foram colocadas nas tabelas – como *curau*, *empanturrado*, *glutão*, entre outras, ainda que nenhum falante as tenham mencionado, até para somar o quantitativo das lexias proferidas pelos informantes da pesquisa, uma vez que esse questionário faz parte do Atlas Linguístico do Brasil, que foi um padrão seguido no presente estudo. Entretanto, também há de se considerar que muitas lexias mencionadas, não constam no ALiB, tais como, *manampansa*, *rico e pobre*, *queijada*, *mocotó*, *dobradinha*, *pau na coxa*, *puxá*, entre outras.

Muitos atribuem questões relacionadas à cozinha, às mulheres, entretanto, os homens informantes da pesquisa foram bastante representativos, mostrando conhecer a culinária de Helvécia e muitas lexias existentes foram pronunciadas apenas por eles, a saber, *brocador*, *dobradinha*, *mocotó*, *pão gigante*, *pão de sal*, *pão de rabanada*, *polenta*, *rosca*.

No que diz respeito à variável sexo, ou seja, a dimensão diassexual, como enfatizam Chambers e Trudgill (1980), em conformidade a alguns estudos sociolinguísticos, pode-se observar que as mulheres são mais conscientes do status social das formas linguísticas do que os homens e por esse motivo, demonstram ser mais sensíveis à significação das variantes linguísticas nas relações sociais, ou seja, elas buscam manter o falar helveciano. Por isso, foram observadas diferenças no falar dos homens e das mulheres, demonstrando que as variações linguísticas ocorrem menos nos sujeitos do sexo feminino, inclusive, a maioria das lexias que não sofreram variação semântico-lexical, aqui analisadas, foram mencionadas pelas mulheres.

Nesse cenário, Paiva e Duarte (2006) afirmam que as diferenças mais evidentes entre a fala dos homens e das mulheres estão relacionadas ao plano lexical. De acordo com Chambers e Trudgill (1980), as distinções na fala de homens e mulheres podem, também, estar relacionadas às atitudes sociais, pois homens e mulheres são socialmente diferentes nas variadas posições sociais que assumem, regidos por diferentes regras sociais.

A pesquisa reafirma os princípios da dialetologia em múltiplas dimensões e de forma relacional, confirmando que a exposição das variações em diferentes aspectos resulta em uma análise inter-relacional, onde as variáveis se entrelaçam dinamicamente. Os dados fornecidos aqui demonstram uma interação entre diversas dimensões linguísticas, como a diageracional, diarreferencial, diatópica, diafásica e diassexual, o que confirma o fenômeno da conservação ou mudança na linguagem, sendo mais pronunciado entre os falantes do sexo feminino. Vale ressaltar que, entre os falantes mais jovens, há uma maior diversidade nas palavras utilizadas, enquanto que, por outro lado, entre os mais velhos, mantém-se a mesma utilização de palavras.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Helvécia, comunidade quilombola certificada em 19 de abril de 2005, por meio da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, foi instituída a partir da fundação da colônia suíço-alemã, a Colônia Leopoldina, sendo a princípio, um conjunto de roçados que cultivavam às margens do Rio Peruípe e até exportavam o café, terras essas que eram cedidas através de sesmarias.

O censo de 2000 informou que nessas terras residiam uma população parda e preta perfazendo 82%, 14,9 eram brancos e 0,6, eram indígenas. Os negros, em sua maioria, eram escravizados repatriados, cuja origem era gêge, cabinda, manjolo, benguela e nagô, sendo a maior parte deles, constituída de nagôs. Daí se vê a origem da presença negra em Helvécia, trazendo uma influência significativa, que até hoje se percebem marcas e traços dessa época, os vestígios da ancestralidade africana que influenciaram o falar dessa comunidade.

Assim, pretendeu-se estudar o léxico e a semântica do falar dos habitantes de Helvécia - BA, uma vez que o sistema léxico é o resultado de toda a experiência adquirida por uma sociedade no decorrer do tempo, bem como do acervo cultural que a acompanha. Os membros dessa sociedade atuam como sujeitos agentes, que perpetuam e continuamente reelaboram o léxico de sua língua.

Buscou-se, portanto, analisar a variação semântico-lexical do falar helveciano através do Campo Semântico Alimentação e Cozinha, tendo por base, o Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil, que serviu de norteamento para se obter um maior número de lexias, além das já contidas no ALiB, para posterior análise, levando em consideração, o contexto vivenciado pelos moradores de Helvécia, em especial, os mais velhos e as mais velhas e, *a posteriori*, os mais novos.

Por meio da análise semântico-lexical considerou-se que os helvecianos possuíam formas distintas de falar a mesma coisa, no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Essas variantes se encontravam e ainda se encontram constantemente competindo dentro da comunidade falante a que pertencem.

A maioria dos resultados da análise da variação semântico-lexical em Helvécia exibem indícios de um panorama de mudança em uma comunidade de fala com fenômenos linguísticos em que os valores se encontram abaixo do limiar da consciência dos seus falantes, ainda que eles representem a realidade linguística dessa comunidade que está sofrendo a investigação acerca da variação linguística.

Reconhece-se que, mesmo que os dados obtidos por meio das lexias coletadas na conversação livre com o G1 e na entrevista semiestruturada qualitativa com o G2 não mostrem claramente, a variação sociodialetal substancial dos informantes helvecianos, os elementos até agora adquiridos são suficientes para mostrar que a comunidade está passando por uma transformação gradual, especialmente relacionada à adoção de características linguísticas semelhantes aos padrões de uso referentes à área de influência socioeconômica e cultural à qual Helvécia e seus moradores estão atualmente ligados.

Os objetivos propostos neste estudo foram alcançados, uma vez que ocorreu a descrição dos trabalhos realizados por autores de distintas universidades cujos registros temáticos abordassem sobre Helvécia. E ainda, foi traçado um percurso histórico-cultural desde o surgimento da Colônia Leopoldina até se estabelecer como Helvécia.

Houve uma breve abordagem acerca dos eventos tradicionais de Helvécia, notadamente a Festa de São Sebastião e de nossa Senhora da Piedade e a dança bate-barriga e o samba de viola. Foi apresentada uma análise teórica sobre os postulados da Sociolinguística variacionista ou laboviana, e também houve uma explanação sobre a Dialetoлогия pluridimensional e relacional e sua vinculação com a Geolinguística pluridimensional.

Nesse cenário, o estudo foi baseado nos postulados de Labov, de acordo com a visão da sociolinguística laboviana/variacionista, a fim de obter uma melhor compreensão de que não se pode considerar um conceito de língua que não seja social. Para uma melhor compreensão teórica da evolução da língua em Helvécia, em termos de variação linguística, buscou-se embasar a Dialetoлогия nos princípios de Thun, que, por meio das transcrições de fala, pode apresentar uma quantidade relevante de evidências linguísticas.

O estudo reafirma os pressupostos da dialetoлогия pluridimensional e relacional, ratificando que a apresentação das variações em distintas dimensões suscita uma avaliação relacional, na qual as variáveis se entrelaçam dinamicamente. Os dados apresentados aqui, indicam uma interação entre as dimensões diageracional, diarreferencial, diatópica, diafásica e diassexual, corroborando o fenômeno da conservação ou variação linguística, sendo mais evidente entre os falantes do sexo feminino.

É importante ressaltar que, entre os falantes das gerações mais novas, há uma maior variação nas lexias, e em contraponto, entre a geração mais velha, há a manutenção das lexias. É preciso evidenciar que os homens do Grupo 02, especialmente os da geração mais jovem, apresentaram formas inovadoras, como a lexia *brocador*.

Desse modo, o problema da pesquisa foi respondido, visto que foi possível identificar a variação semântico-lexical mais acentuada pelos falantes de Helvécia em uma perspectiva

sociodialetoal, ainda que esta variação seja pequena em relação à manutenção da maioria das lexias estudadas.

Ao fazer a comparação das lexias com e sem variação semântico-lexical, dando ênfase à pesquisa realizada em seis obras lexicográficas que compreendia 04 (quatro) séculos, verificou-se que houve a manutenção de 75,3% das lexias analisadas e 2,3% das lexias sob análise sofreram variação semântico-lexical.

Entretanto, para encontrar este resultado, observou-se os registros das lexias faladas pelos 07 (sete) informantes da pesquisa do Grupo 01 e 24 (vinte e quatro) falantes do Grupo 02, em que se analisou, também, as lexias que não foram mencionadas pelos colaboradores da pesquisa, uma vez que foram usadas as lexias do QSL do ALiB, que serviu de base para o estudo. Observou-se que, alguns vocábulos desse questionário não foram ditos pelos falantes da comunidade de Helvécia.

Esses achados demonstram que a comunidade está se direcionando, gradativamente, para modelos de aquisição que deixam, pouco a pouco, menos evidentes, as marcas ancestrais linguísticas. Esse movimento é assinalado por Baxter e Lucchesi (1997) em consonância com Labov (1972), para o português brasileiro, como uma mudança de cima para baixo. No entanto, a língua falada pelos helvecianos está inserida no fortalecimento e valorização da cultura afro-brasileira dentro da comunidade quilombola.

Assim, a análise semântico-lexical revelou que não houve a manutenção do português falado em Helvécia, em sua totalidade, uma vez que ‘o falar de Helvécia’ sofreu influência de outrora, tanto dos europeus (suíço-alemães), quanto na atualidade vem sofrendo influência socioeconômica e cultural, e também, midiática, pois a internet tem influenciado bastante, através das redes sociais, vídeos, entre outros, observando-se a dinâmica da modernização semântica dos usos lexicais que acabam espelhando a circulação, e por fim, a evolução do léxico, que vai se modificando, gradualmente.

Em se tratando da procedência dos informantes, verificou-se que todos os colaboradores da pesquisa, os falantes de Helvécia mais velhos do Grupo 01 e os escolhidos por faixa etária no Grupo II são nativos da comunidade. Entretanto, alguns deles, uma minoria, têm pais ou avós de Minas Gerais, outras localidades da Bahia ou de origem alemã.

Assim, a hipótese foi confirmada neste estudo, pois em conformidade ao proposto por Labov (1972) na sociolinguística variacionista e de acordo com os resultados da pesquisa, a análise sociolinguística variacionista e dialetológica realizada revela indícios de uma mudança em andamento em uma comunidade de fala, onde ocorrem fenômenos linguísticos. Esses

fenômenos são percebidos como valores abaixo do limiar da consciência dos falantes, mesmo que correspondam à realidade linguística local.

Embora os dados coletados na entrevista não revelem de forma clara e substancial, a variação sociodialetoal entre os falantes, eles são suficientes para evidenciar que a comunidade está passando por transformações gradativas, especialmente no que diz respeito à adoção de marcas linguísticas semelhantes aos padrões.

A hipótese inicial foi confirmada, portanto, respaldando os resultados da pesquisa, uma vez que se constata uma heterogeneidade linguística em Helvécia, apontando que a população não mais reconhece e utiliza com frequência, o vocabulário/léxico característico do falar helveciano transmitido pelos ancestrais quilombolas. Dessa forma, fica evidente que Helvécia não possui um léxico próprio.

Por meio do levantamento semântico-lexical das lexias relacionadas à Alimentação e Cozinha, espera-se com a presente pesquisa, trazer uma contribuição para o estudo do acervo lexical português. A análise do vocabulário referente à Alimentação e Cozinha buscou realizar um estudo diacrônico de formas atualmente utilizadas e observar as formas ancestrais que foram conservadas, e assim, de algum modo, contribuir para aqueles que se dedicam ao estudo da variação linguística em comunidades quilombolas.

Essa pesquisa nos possibilitou perceber que as possibilidades de investigação para um pesquisador não são estanques. Em *continuum*, existe uma nova perspectiva a ser observada sobre a mesma hipótese levantada, sobre o mesmo assunto a ser pesquisado.

Em Helvécia, foram coletadas determinadas lexias que se tornaram o objeto de estudo e posteriormente, de análise a respeito do vocabulário helveciano no que se refere à Alimentação e Cozinha. Para futuras pesquisas, pode ser observada a variação semântico-lexical de outros campos semânticos que constam no Questionário do Atlas Linguístico do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Allan Kardec e o léxico da doutrina espírita. *In*: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Org.). **Linguagem, sociedade e discurso** [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2015. p.85-99.
- \_\_\_\_\_. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **As ciências do léxico**. Lexicologia Lexicografia Terminologia. Volume VI. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2012, p. 141-161.
- ABREU, Ângela Lacerda. **Ecos da memória em Helvécia - BA: histórias, griôs e performances**, 2014, 172f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA, 2014.
- ABREU, Eduardo Luís Biazzzi de. Políticas públicas culturais: comunidades Quilombolas do Extremo Sul da Bahia em questão. **Segmentos**, Teixeira de Freitas, n. 1, p. 15-27, nov./maio 2008.
- ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Map of Bahia state**. 2006. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Vi%C3%A7osa#/media/Ficheiro:Bahia\\_MesoMicroMunicip.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Vi%C3%A7osa#/media/Ficheiro:Bahia_MesoMicroMunicip.svg). Acesso em: 19 set. 2023.
- AGUIAR, Diego Pereira; LIMA, Marcus Antônio Assis. O corpo e as dimensões do sentido: um olhar sobre a performance da dança bate-barriga, em Helvécia, no sul da Bahia. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 547 - 561, out. 2017. ISSN 1981-9943. Disponível em: <<https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4657>>. Acesso em: 23 out. 2023.
- ALBUQUERQUE, Roberto Chacon de. Da hiperglobalização à proliferação de regimes normativos. O direito depois da crise financeira. **Rev. Direito GV 5**, São Paulo, Dez, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1808-24322009000200007>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 21-48. Parte I.
- \_\_\_\_\_. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1, p. 21-48. São Paulo: Cortez, 2007. p. 31.
- AMBIENTE BRASIL. **Silvicultura do Eucalipto**. 2009. Disponível em: [https://ambientes.ambientebrasil.com.br/florestal/silvicultura/silvicultura\\_do\\_eucalipto\\_eucalyptus\\_spp.html](https://ambientes.ambientebrasil.com.br/florestal/silvicultura/silvicultura_do_eucalipto_eucalyptus_spp.html). Acesso em: 22 out. 2021.
- AZEVEDO, Vilamir. **Antiga estação ferroviária de Helvécia**. 2012. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Helv%C3%A9cia\\_%28Nova\\_Vi%C3%A7osa%29#/media/Ficheiro:Helv%C3%A9cia-BA\\_-\\_panoramio.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Helv%C3%A9cia_%28Nova_Vi%C3%A7osa%29#/media/Ficheiro:Helv%C3%A9cia-BA_-_panoramio.jpg). Acesso em: 24 set. 2023.

BACELAR, Jonildo. **Helvécia**: Antigo Distrito de Colônia Leopoldina. Primeira Colônia Alemã do Brasil. 2014. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/sul/nova-vecosa/helvecia.htm>. Acesso em: 24 set. 2023.

BAXTER, Alan. The context of language acquisition among slaves of the Colônia Leopoldina. **Research Seminar of the Institute of Latin American Studies**, La Trobe University, 1999.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMANN, Klaus (Ed.). **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Madri: Iberoamericana, 1999, p.119-141.

\_\_\_\_\_. **A comunidade de fala de Helvécia - BA**. Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. 2021. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvecia-ba>. Acesso em: 22 out. 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 153-166. Volume 1.

\_\_\_\_\_. O léxico. **Toria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

\_\_\_\_\_. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BORGES, Maria Isabel. Política de identidades na Sociolinguística Quantitativa e na Geolinguística Monodimensional: o informante. **D.E.L.T.A.**, 25:1, 2009, p. 155-179.

BORGES, Patrícia de Souza. **Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)**. 2014. 238f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 (Col. Linguagem, n.º. 4), 112 p.

BRASIL. **Constituição Federal** (Texto compilado até a Emenda Constitucional n.º 99 de 14/12/2017). Art. 208. 2017. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_atual/art\\_208\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_atual/art_208_.asp). Acesso em: 22 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Decreto N.º 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em: 15 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm). Acesso em: 20 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Especial Projeto Genolyptus**. 2014. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/especial/genolyptus4htm>. Acesso em: 20 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CNE/CP 01/2004, 17 de junho de 2004. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. *In*: FONSECA, Maria Stella, NEVES, MOEMA F. (Orgs). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1996.

BRITO, Mariana Santiago de. **Estudo do vocabulário do Cururu em Piracicaba**. 174f. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2013.

BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. Tradução de Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, v. 18, n.1, p. 1-21, 1991.

BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **Signum: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, jul. 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Parte II.

CANEN, Ana; FRANCO, Monique; OLIVEIRA, José Renato. Ética, multiculturalismo e educação: articulação possível? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 13, 2000. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13\\_08\\_ESPACO\\_ABERTO\\_-\\_RENATO\\_ANA\\_E\\_MONIQUE.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_08_ESPACO_ABERTO_-_RENATO_ANA_E_MONIQUE.pdf). Acesso em: 14 out. 2023.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade *et al.* ALiB. Atlas Linguístico do Brasil. **ScieLO – EDUEL**, 2015, 580 p.

CARLOS, Valeska Gracioso. Geolinguística: desafios da metodologia pluridimensional. **Work. Pap. Linguíst.**, 23(1), Florianópolis, 2022.

CARMO, Aline Fraga. **Colonização e escravidão na Bahia: a Colônia Leopoldina (1850-1888)**. 139f. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2010.

CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic Theory**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

CHAMBERS, Jack. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173–194, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>. Acesso em: 24 out. 2023.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil: Questionário 2001**. Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História** – O problema da mudança linguística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

DOMINGOS, Thais dos Santos. **Rotas em Movimento [manuscrito]: trajetórias quilombolas em Helvécia**. 2019. 50 f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ELTIS, David; BEHRENDT, Stephen D.; RICHARDSON, David; KLEIN, Herbert S. (eds.) **The trans-Atlantic slave trade: a database on CD-ROM**. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1999. Disponível em: [https://eh.net/book\\_reviews/the-trans-atlantic-slave-trade-a-database-on-cd-rom/](https://eh.net/book_reviews/the-trans-atlantic-slave-trade-a-database-on-cd-rom/). Acesso em: 25 set. 2023.

FERREIRA, Ananda da Luz *et al.* (Orgs.) **Epistemologias do Extremo Sul [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. 301 p. Disponível em: <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2021pack0476.pdf#page=99>. Acesso em: 23 out. 2023.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. *In*: FERREIRA, Carlota *et al.* **Diversidade do português do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro. **Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê**. 2019. 224f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FRANCELLINO, Sandra Maria Rebello de Lima. Migração pendular de estudantes universitários na região de Aquidauana - Mato Grosso do Sul- Brasil. **TraHs Números especiais**, n. 6, 2020, p.137-152. Disponível em: <http://www.unilim.fr/trahs>. Acesso em: 28 out. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOMES, Liliane Maria Fernandes Cordeiro. Helvécia: homens, mulheres e eucaliptos – histórias de sonhos, conflitos e dores. **SEMOC** - Semana de Mobilização Científica, 10: 2007: Salvador. UCSAL, Universidade Católica de Salvador, BA. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3173/1/Helv%C3%A9cia.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Helvécia: homens, mulheres e eucaliptos (1980-2005)**. 2009. 229f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus-BA, 2009.

\_\_\_\_\_. Violência escondida e legal: o processo de aquisição de terras em Helvécia-Bahia para a implantação da eucaliptocultura (1980-2005). **Anais do Evento: XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasília, 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502823873\\_ARQUIVO\\_textofinalanpuh2017.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502823873_ARQUIVO_textofinalanpuh2017.pdf). Acesso em: 16 out. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Tabela 1211 - Domicílios particulares permanentes e Moradores em domicílios particulares permanentes, por espécie de unidade doméstica - Variável - Domicílios particulares permanentes (Unidades) – Distrito**. 2010. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Helv%C3%A9cia\\_\(Nova\\_Vi%C3%A7osa\)#cite\\_note-5](https://pt.wikipedia.org/wiki/Helv%C3%A9cia_(Nova_Vi%C3%A7osa)#cite_note-5) Acesso em: 23 set. 2023.

iPATRIMONIO. **Nova Viçosa – Quilombo Helvécia**. 2020. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/nova-vicosa-quilombo-helvecia/#!/map=38329&loc=-17.903105624185326,-39.354225434264876,17>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. 409 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Volume IX. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **As ciências do léxico. Lexicologia Lexicografia Terminologia**. Volume VI. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2012.

JARDIM, Antonio de Ponte. “Movimentos pendulares: reflexões sobre a mobilidade pendular”. In: **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Estudos e Análises de Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2011, n° 1., p. 1-60. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes\\_deslocamentos/deslocamentos.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf). Acesso em: 28. out. 2023.

LABOV, William. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. Tradução de Waldemar Ferreira Netto. **The journal of narrative and life history**, Pennsylvania, v. 7, n. 1-4, p. 395-415, 1997.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. *In*: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A comunidade de fala de Helvécia-BA. *In*: **Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia**. 2021. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvecia-ba>. Acesso em: 18 mar. 2021.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante *et al.* O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. *In*: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., (orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 75- 100. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-05.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MARGOTTI, Felício Wessling. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. **Anais do CELSUL 2008**. GT Estudos Geolinguísticos no Brasil: um profícuo jubileu de ouro, 2008. p. 1-9. Disponível em: [https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VIII/geolinguistica\\_pluridimensional.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/geolinguistica_pluridimensional.pdf). Acesso em: 06 nov. 2023.

MATTA, Sozângela Schemim da. **Português: Linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda., 2009.

MEILLET, Antoine. **La méthode comparative en linguistique historique**. Oslo: H. Aschehoug & Company, 1929.

MOLINA, Daniele de Souza Leite. **Empréstimos linguísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa**. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/Molina.pdf>. Acesso em 15 out. 2023.

MOREIRA, Ramom Pereira de Jesus. **A memória da escravidão e a construção da identidade dos grupos que compõem a comunidade quilombola de Helvécia (2000-2018)**. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

MOREIRA, Ramom Pereira de Jesus; FRAGA, Estefânia Knotz Canguçu; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Entre memórias e conflitos: a comunidade negra rural de Helvécia e o

reconhecimento como remanescente quilombola (2002-2018). **Projeto História**, São Paulo, v. 71, pp. 239-268, Mai.-Ago., 2021.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 21-48. Volume 1.

NASCIMENTO, Eliene Santos. Olhares sobre Helvécia: Sequências didáticas para o ensino das relações étnico-raciais. *In*: FERREIRA, Ananda da Luz *et al.* (Orgs.) **Epistemologias do Extremo Sul [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. 301 p. Disponível em: <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2021pack0476.pdf#page=99>. Acesso em: 23 out. 2023.

NETO, Serafim da Silva. **Língua, cultura e civilização**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

OBERACKER JÚNIOR, Carlos H. A Colônia Leopoldina: Frankental na Bahia meridional, uma colônia europeia de plantadores no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RIHGB**, Rio de Janeiro, v.148, n.355, p. 455-479 abril/junho, 1987.

OLIVEIRA; Genivaldo da Conceição. Variação semântico-lexical no português brasileiro: fenômenos atmosféricos nos dados do atlas linguístico do Brasil – Bahia e Paraná. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 117-130, 2016.

OLIVEIRA, Paulo Vinícius Brito dos Santos; SANTOS, Franklin Noel dos. Quilombo de Helvécia: lugar de memória e resistência (2004-2013). 2018. **V CONEDU: Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: [http://e+ditorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD4\\_SA6\\_ID\\_9084\\_07092018091352.pdf](http://e+ditorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD4_SA6_ID_9084_07092018091352.pdf). Acesso em: 22 set. 2023.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. 2006. *In*: WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968], p. 131-149.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos Caminos de La Geolinguística Românica: un balance. *In*. RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Dialetologia Pluridimensional Românica**. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1996.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, Ernest Georg. “As Leis da Migração”. *In*: MOURA, Hélio Augusto de (1980). **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE. Tomo 1, p. 19-88. cap. 1, 1985.

RAZKY, Abdelhak. A dimensão sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte. (MG): Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA, Patrícia Graciela da. O Português rural da Região Sul do Brasil – empréstimos lexicais castelhanos. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 05, n.11, p. 1-12, 2º Semestre de 2009.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, jan./mar. 2013.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)**. 2013. 417f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. Puxada do mastro de São Sebastião – institucionalização de uma festa popular. **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19418.pdf>. Acesso em: 23 out. 2023.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Entre o dito e o não dito: Conflitos e tensões na “refundação” territorial quilombola. Uma análise a partir da Comunidade de Helvécia - extremo sul da Bahia**. 2008. 178f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

\_\_\_\_\_. **Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia**. 2014. 265f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SANT’ANNA, Antonio Genilton; LEONEL, Marcelino Serretti. Desenvolvimento Regional: opção pelo eucalipto no Extremo Sul da Bahia. **Mosaicum**, Teixeira de Freitas, n. 2, p. 9-23, ago./dez. 2005.

SANTOS, Gredson dos. **O português afro-brasileiro de Helvécia-BA: análise de <S> em coda silábica**. 2012. 280f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Dança Bate-barriga em Helvécia (Bahia/Brasil): Uma performance afro-brasileira de coesão social**, 2017. 333f. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Portugal, 2017.

\_\_\_\_\_. **As manifestações culturais em Helvécia no Extremo Sul da Bahia: a dança Bate-barriga como “fabricante” de performances afrodescendentes**, 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. As performances da dança Bate-barriga, elementos de significação ancestral na comunidade negra de Helvécia. *In: ABRACE*, 2012, Porto Alegre. Tempos de Memória: Vestígios, Ressonâncias e Mutações, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Performance e ancestralidade na comunidade de Helvécia**. 2018. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1336>. Acesso em: 16 out. 2023.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOARES, Ari de Souza. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do Mercado Central de Belo Horizonte. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, 15(2), 97-126, São Paulo, SP, mar.-abr. 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica** – “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SULZ, Roberio. São Sebastião em Helvécia: a festa como patrimônio cultural. **Jornal Alerta**, Teixeira de Freitas, 08 fev. 2017. Disponível em: <https://jornalalerta.com.br/sao-sebastiao-em-helvécia-a-festa-como-patrimonio-cultural/>. Acesso em: 25 set. 2023.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **A pesquisa sociolinguística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TAVARES, Jéssica Monteiro da Silva. **Movimentos pendulares de estudante na região norte fluminense**, 2016, 11f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense. Campos de Goytacazes, 2016.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: **International Congress of Romance Linguistics and Philology**, 21., 1995, Palermo. Ati del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

\_\_\_\_\_. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). *In*: Encontro sobre Cultura Popular, 1. 1999, Ponta Delgada. **Anais...** Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo (orgs.). **Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay**. Fasc. A. 1. Kiel: Westensee, 2000.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.  
WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZIMMERMANN, Klaus (Ed.). **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Madri: Iberoamericana, 1999, p.119-141.

## REFERÊNCIAS DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS UTILIZADAS

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza**. Tomo I. 3 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1881.

\_\_\_\_\_. **Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza**. Tomo II. 3 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1881a.

BLUTEAU, Pe. Raphael. **Vocabulario portuguez latino** (digitalizado). Tomo I – A-K, Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

\_\_\_\_\_. **Vocabulario portuguez latino** (digitalizado). Tomo II – L-Z, 1789. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Enriqueça o seu vocabulário**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Diccionario da Língua Portuguesa**. Lisboa/Portugal: Livraria Clássica Editora, 1913.

PRIBERAM. *In*: **Diccionario Priberam da Língua Portuguesa**. Priberam Informática, S.A. [e-book], junho, 2011, pp. 1-12153.

SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza**. 8. ed. rev. e melh. Tomo Primeiro: A-F. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1890.

\_\_\_\_\_. **Diccionario da lingua portugueza**. 8. ed. rev. e melh. Tomo Segundo: G-Z. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1890.

VIEIRA. Frei Domingos. **Grande Diccionario Portuguez**: ou Thesouro da Língua Portugueza. Volume I. Porto/Portugal: Ernesto Chardron, EditorPorto. Portugal: Bartolomu H. de Moraes, 1871-1874.

\_\_\_\_\_. **Grande Diccionario Portuguez**: ou Thesouro da Língua Portugueza. Volume II. Porto/Portugal: Ernesto Chardron, EditorPorto. Portugal: Bartolomu H. de Moraes, 1871-1874a.

\_\_\_\_\_. **Grande Diccionario Portuguez**: ou Thesouro da Língua Portugueza. Volume III. Porto/Portugal: Ernesto Chardron, EditorPorto. Portugal: Bartolomu H. de Moraes, 1871-1874b.

\_\_\_\_\_. **Grande Diccionario Portuguez**: ou Thesouro da Língua Portugueza. Volume IV. Porto/Portugal: Ernesto Chardron, EditorPorto. Portugal: Bartolomu H. de Moraes, 1871-1874c.

\_\_\_\_\_. **Grande Diccionario Portuguez**: ou Thesouro da Língua Portugueza. Volume IV. Porto/Portugal: Ernesto Chardron, EditorPorto. Portugal: Bartolomu H. de Moraes, 1871-1874d.

**SITES UTILIZADOS NA DISSERTAÇÃO**

<https://www.google.com/maps/place/Helv%C3%A9cia,+Nova+Vi%C3%A7osa+-+BA,+45920-000/@-17.8087339>.

<https://www.google.com.br/maps/place/Helv%C3%A9cia,+Nova+Vi%C3%A7osa+-+BA,+45920-000/@-17.8087132,-39.6740994,15z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0xcab56e94c122f9:0xf7a3306facb53e34!8m2!3d-17.8087342!4d-39.6637996!16s%2Fg%2F1ymv5mlb6?entry=ttu>.

<https://jornalalerta.com.br/sao-sebastiao-em-helvecia-a-festa-como-patrimonio-cultural/>

<https://opovonews.com.br/helvecia-celebra-padroeira-com-fe-e-devocao-nas-ruas-da-comunidade/>

[https://www.youtube.com/watch?v=uBY\\_--qfd3I](https://www.youtube.com/watch?v=uBY_--qfd3I)



## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS X  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

#### **I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome do Participante: .....

Documento de Identidade nº: ..... Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: .....

Endereço: .....

Complemento: .....

Bairro: ..... Cidade: .....

CEP: ..... Telefone: .....

#### **II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**

**1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: ESTUDO DA VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM HELVÉCIA - BA: CAMPO SEMÂNTICO – ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

**2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Jaqueline Fernandes Borel

**Cargo/Função:** Mestranda do PPGL

#### **III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: *Estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA: Campo semântico – Alimentação e Cozinha* de responsabilidade da pesquisadora Jaqueline Fernandes Borel, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL, vinculado ao Departamento de Educação - *Campus X* da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que tem como objetivo analisar a variação semântico-lexical na comunidade de Helvécia em uma perspectiva sociodialetoal acerca do falar dessa comunidade focalizando o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

A realização desta pesquisa não trará risco imediato ao(à) senhor(a), mas há possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem necessitar de repetição da sua resposta, também haverá gasto de tempo para a sua participação na pesquisa. Caso isto seja um agravante, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar e retirar a sua autorização; a recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios por analisar no âmbito histórico, como a língua falada está inserida no fortalecimento e valorização da cultura afro-brasileira dentro da comunidade de Helvécia, demonstrando, principalmente, quando se discute a garantia da igualdade como princípio e o reconhecimento da diferença como algo que deve ser respeitado e conquistado (avanços, progressos na área) e entrelinhas (ranços, preconceitos, discriminação) da diversidade étnico-racial nessa localidade de Helvécia.

Assinando o termo, o(a) senhor(a) participará da entrevista semiestruturada com base no questionário do Atlas Linguístico do Brasil - ALIB respondendo às perguntas formuladas pela pesquisadora **Jaqueline Fernandes Borel**, do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o(a) senhor(a) não será identificado(a). Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o(a) senhor(a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da UNEB. De acordo com as leis brasileiras, o(a) senhor(a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Jaqueline Fernandes Borel

**Endereço:** Rua 6, nº 29, Quadra B3. Bairro: Urbis 2, Teixeira de Freitas - BA. CEP: 45.991-02

**Telefone:** (73) 999587572 **E-mail:** [jaquelineborel@yahoo.com.br](mailto:jaquelineborel@yahoo.com.br)

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SRTV 701**, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

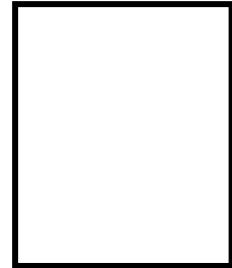
#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Após ter sido devidamente esclarecido (a) pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa *Estudo da variação semântico-lexical em Helvécia - BA: Campo semântico – Alimentação e Cozinha*, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário (a) consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada

e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada à pesquisadora e a outra via destinada a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa



\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor responsável  
(orientador)

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA QUALITATIVA

**ENTREVISTADO N°** \_\_\_\_\_

**PROCEDÊNCIA** (Local de origem) \_\_\_\_\_

**GÊNERO:** M ( )

F ( )

**FAIXA ETÁRIA:**

Faixa I: de 19 a 40 anos ( )

Faixa II: de 41 a 60 anos ( )

Faixa III: de 61 a 80 ( )

Faixa IV: com mais de 80 anos ( )

**1. Qual é o seu nome?**

**2. Conte-me sobre a senhora, o senhor...**

- a) O que costumavam cozinhar para os seus filhos e seu esposo para tomar no café?
- b) No almoço?
- c) No jantar?

**3. Costumavam fazer algo com milho? Qual o nome?**

- a) Com mandioca?
- b) Com farinha?

**4. Bolos? Feitos de que?**

**5. Qual alimentação o/a senhor/a considera saudável? Sua alimentação é saudável?**

**6. O senhor/senhora se alimenta na maioria das vezes de que:**

- a) no café?
- b) no almoço?
- c) no jantar?

**7. Cite os alimentos mais comuns aqui de Helvécia.**

8. Os seus antepassados costumavam comer as mesmas coisas?
9. De onde a senhora é?
10. De onde é o seu pai e a família dele?
11. De onde é a sua mãe e a família dela?
12. Como eram as refeições deles?
13. Qual prato vocês fazem com mandioca?
14. Nas datas comemorativas tem algum prato tradicional que costumam fazer?
15. Na festa do bate-barriga em Helvécia vocês fazem comidas diferentes?
16. E sobremesa? O que fazem nas datas festivas?
17. Qual bolinho vocês costumam fazer que usam coco, trigo, manteiga e pó royal para dar a liga?
18. Fazem bebidas nas datas comemorativas? Quais?
19. Quais as festas que costumam participar em Helvécia?
20. CAFÉ DA MANHÃ: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
21. GELEIA: Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
22. CARNE MOÍDA: Como se chama a carne depois de triturada na máquina?
23. CURAU / CANJICA: Como se chama a uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?
24. CURAU: Como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?

**25. CURAU:** Como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?

**26. MUGUNZÁ / CANJICA:** Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

**27. AGUARDENTE:** Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?

**28. EMPANTURRADO:** Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Como tanto que estou \_\_\_\_\_.

**29. GLUTÃO:** Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?

**30. BALA / CONFEITO / BOMBOM:** Como se chama àquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? (*Mostrar*). *PEDIR PARA DESCRIVER.*

**31. PÃO FRANCÊS:** Como se chama isto? (*Mostrar*).

**32. PÃO BENGALA:** Como se chama isto? (*Mostrar.*)

## ANEXOS

### ANEXO A – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL – ALiB

<b>QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PROJETO ALiB</b>	
<b>Área Temática– ALIMENTAÇÃO e COZINHA</b>	
<b>Nº</b>	<b>Questões</b>
<b>176</b>	CAFÉ DA MANHÃ: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
<b>177</b>	GELEIA: Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
<b>178</b>	CARNE MOÍDA: Como se chama a carne depois de triturada na máquina?
<b>179</b>	CURAU / CANJICA: Como se chama a uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?
<b>180</b>	CURAU: Como se chama essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?
<b>181</b>	MUGUNZÁ / CANJICA: Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?
<b>182</b>	AGUARDENTE: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?
<b>183</b>	EMPANTURRADO: Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Como tanto que estou _____.
<b>184</b>	GLUTÃO: Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?
<b>185</b>	BALA / CONFEITO / BOMBOM: Como se chama àquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? ( <i>Mostrar</i> ). <i>PEDIR PARA DESCREVER.</i>
<b>186</b>	PÃO FRANCÊS: Como se chama isto? ( <i>Mostrar</i> ).
<b>187</b>	PÃO BENGALA: Como se chama isto? ( <i>Mostrar</i> .)

Fonte: Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001, p. 36). Adaptado.

## ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE




**Universidade do Estado da Bahia  
Comitê de ética em Pesquisa - CEP**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE**

Autorizo o (a) pesquisador/a Jaqueline Fernandes Borel a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado Estudo da Variação Semântico-Lexical em Helvécia – BA: Campo Semântico – Alimentação o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Teixeira de Freitas, 06 de dezembro de 2022



Assinatura e carimbo do  
responsável institucional

## ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE




**Universidade do Estado da Bahia**  
**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP**

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE

Autorizo o (a) pesquisador (a) Jaqueline Fernandes Borel a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado Estudo da Variação Semântico-Lexical em Helvécia – BA: Campo Semântico - Alimentação o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Teixeira de Freitas, 06 de dezembro de 2022

  
Arlene de Alencar Gomes  
Diretor do Departamento de Extensão  
UNEB/Campus X/Teixeira de Freitas  
Cid. 74/332 213-2704 1222/22

Assinatura e carimbo do  
responsável institucional

## ANEXO D – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR



### Universidade do Estado da Bahia Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

#### TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado Estudo da Variação Semântico-Lexical em Helvécia – BA: Campo Semântico - Alimentação sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Teixeira de Freitas, 06 de dezembro de 2022

*Jaqueline Fernandes Borel*  
Assinatura do responsável pelo projeto

## ANEXO E – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



### Universidade do Estado da Bahia Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

#### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada Estudo da Variação Semântico – Lexical em Helvécia – BA: Campo Semântico - Alimentação (cujos dados serão coletados através de questionários, entrevistas e outras formas), na comunidade quilombola de Helvécia, no Extremo Sul da Bahia, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade da Pesquisadora Jaqueline Fernandes Borel. Após este período, os dados serão destruídos.

Teixeira de Freitas, 06 de dezembro de 2022

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Jaqueline Fernandes Borel	<i>Jaqueline Fernandes Borel</i>

## ANEXO F – TERMO DE CONCESSÃO



### Universidade do Estado da Bahia Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

#### TERMO DE CONCESSÃO

Autorizo o acesso aos documentos sob minha guarda para que sejam coletados os seguintes dados: Questionários e entrevistas com moradores da comunidade quilombola de Helvécia, no Extremo Sul da Bahia, que serão utilizados na execução do projeto intitulado Estudo da Variação Semântico – Lexical em Helvécia – BA: Campo Semântico - Alimentação, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Jaqueline Fernandes Borel com a finalidade científica e sem comprometer de nenhuma forma a integridade e a identidade dos participantes da pesquisa, conforme regulamenta a Resolução CNS 466/12.

Declaro estar ciente dos objetivos e benefícios do estudo e concordo com a coleta dos dados nesta unidade, exclusivamente para uso nesta pesquisa.

Teixeira de Freitas, 07 de dezembro de 2022

A handwritten signature in blue ink that reads 'Jane Santos Krull'.

Assinatura e carimbo do  
Funcionário que guarda a documentação

## ANEXO G – CARTA DE ANUÊNCIA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
Departamento de Educação / *Campus X*  
Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL



## CARTA DE ANUÊNCIA

Nós, Lideranças Quilombolas, localizada no município de Helvécia, Nova Viçosa - BA, participantes da pesquisa intitulada Estudo da Variação Semântico-Lexical em Helvécia – BA: Campo Semântico – Alimentação desenvolvida pela pesquisadora Jaqueline Fernandes Borel, discente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Departamento de Educação – Campus X da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), temos pleno conhecimento da pesquisa proposta, bem como declaramos ser de nosso interesse a livre participação junto a mesma.

Helvécia - BA, 07 de dezembro de 2022

  
Assinatura de todos os líderes quilombolas